

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP

O fenômeno religioso na mídia televisiva

- Mediações ritualísticas da Igreja

Renascer em Cristo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para obtenção
do Título de Mestre.

Vagner Huffenbaecher Pepe

São Paulo

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

O fenômeno religioso na mídia televisiva

- Mediações ritualísticas da Igreja

Renascer em Cristo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para obtenção do Título de Mestre.

Vagner Huffenbaecher Pepe

São Paulo

2008

PEPE,
Huffenbaecher, Vagner.

O Fenômeno religioso na mídia televisiva – mediações ritualísticas da Igreja Renascer em Cristo./ PEPE, Huffenbaecher, Vagner; orientador: Prof. Dr. Juan Guillermo D. Droguett – São Paulo: UNIP, 2008. 207 f.

Dissertação de Mestrado – Universidade Paulista. São Paulo, 2008
Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.
Orientador: Prof. Dr. Juan Guillermo D. Droguett.

1. Fenômeno religioso 2. Ritualização 3. Igreja Renascer em Cristo

DEDICATÓRIA

Aos meus avós pela noção de caráter que norteia minha vida

Tia Zoraide – Acolhimento incondicional.

AGRADECIMENTOS

Não acredito que um homem caminhe sem o auxílio de outros homens, por este motivo, são muitos aos que devo agradecer pela realização deste trabalho.

A Eduardo Rasan, pelo companherismo e cumplicidade de sempre, apoio e incentivo constante nos momentos mais difíceis.

A Douglas Sakumoto, grande incentivador, que acreditou sempre que eu seria capaz.

A Lucilla Pimentel, pela acolhida e colaboração incondicional para realização deste trabalho.

Aos colegas da UNIP com os quais dividi momentos de grande afetividade e companheirismo.

Aos professores da UNIP, fundamentais para minha evolução acadêmica, meu profundo respeito e admiração.

Ao Prof. Dr. Geraldo Nascimento, pelas palavras de incentivo e apoio que só acresceram e contribuíram para meus conhecimentos.

Ao Prof. Dr. João Ângelo Fantini, pelas relevantes observações que possibilitaram uma maior compreensão para esta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Juan Droguett, meu orientador, são tantas as palavras que gostaria de exprimir em forma de agradecimento, foi quem me guiou pelos caminhos do saber, da compreensão e acima de tudo, da importância do conhecer as diversas possibilidades desafiadoras que só a aprendizagem proporciona. Ao

amigo pelo trajeto confortável da confiança, amizade, seriedade e companheirismo fundamental que esta relação proporcionou. Meu respeito, admiração, e minha gratidão eterna.

RESUMO

O fenômeno religioso na mídia televisiva – mediações ritualísticas da Igreja Renascer em Cristo tem como objetivo principal discernir sobre a importância que tem a experiência de fé na atualidade e de como a mídia de maior alcance às massas se posiciona a respeito deste fenômeno cultural. Enfatiza os aspectos distintivos do ritual, reconhecendo nele a objetivação desta prática religiosa que tem como fundamento: a concepção mítica ou subjetiva da realidade humana. Para isso se detém nos efeitos receptivos do meio na sua tentativa de representar e divulgar o conteúdo da mensagem religiosa da Igreja Renascer em Cristo.

Problematiza sobre o caso desta Igreja neopentecostal para indagar sobre o surgimento vertiginoso e o influxo que esta exerce, principalmente no público jovem, uma vez que utiliza a televisão como meio eficaz de comunicação com seus fiéis. Contudo, a prisão de seus fundadores e líderes traz à tona a perplexidade e indignação da população brasileira e o tema das práticas religiosas ao debate público. O contra-ataque da mídia e a apologia dos fiéis colocam em pauta a discussão sobre os princípios éticos, morais e religiosos que se procuram estudar. A principal contribuição deste trabalho consiste em estabelecer as bases antropológicas do rito que se inserem na tradição judaico cristã da qual a Igreja Renascer é herdeira, em contrapor os fundamentos dessas práticas àquilo que é mostrado na Programação da Rede Gospel e à imagem projetada pela instituição no âmbito social.

Os procedimentos metodológicos empregados partem de um levantamento bibliográfico sobre as fontes do método fenomenológico – Hermenêutica, a antropologia religiosa e os pressupostos ontogenéticos e filogenéticos que a psicanálise utiliza para explicar as motivações inconscientes das práticas religiosas. Tomando como ponto de vista observacional os programas da Rede Gospel “De bem com a vida”, por exemplo, decupam-se alguns diálogos com o fim de analisar o ponto de inflexão entre a enunciação evangélica, a mediação do emissor e a recepção do fiel que se oferece para tal ato discursivo frente às câmeras de televisão. Interpreta-se a reação da mídia impressa ante a exposição de seus líderes fundadores por parte do Ministério Público como um julgamento e um debate frontal com a sociedade na qual a Igreja Renascer estabelece um compromisso ilustrado em uma série de manchetes de jornal. Utilizam-se três categorias de análise baseadas nas ciências normativas para entender o proceder da Igreja: a ética para pensar no expansionismo doutrinário da mesma, a estética para analisar os efeitos emotivos nas práticas do culto e a nova lógica que mobiliza a ação da Igreja Renascer pautada na chamada Teologia da Prosperidade.

Os referenciais teóricos atentam para os precursores da fenomenologia como Husserl e Merleau – Ponty que colocam o fenômeno como objeto de estudo e o método como uma maneira de desvelar o mistério de sua natureza perceptiva, cognitiva e da ação representativa. Mircea Eliade com sua obra **O profano e o sagrado** e **História das Religiões**; Michel Meslin, **A experiência humana do divino**, assim como obras de Freud: **Atos obsessivos e práticas religiosas**, **Totem e tabu** e o **Futuro de uma ilusão** servem de base para entender os

conceitos que arquitetam a experiência religioso, tanto do ponto de vista individual como social. Também se usam alguns críticos da televisão no Brasil que se detém sobre o fenômeno religioso, como Marques de Melo na sua incursão sobre Igrejas eletrônicas e Antonio Fausto Neto com sua proposta de análise do discurso religioso veiculado na televisão.

Desta forma, a estrutura deste trabalho sugere um primeiro capítulo no qual se trata sobre o fenômeno da comunicação e a ritualização das práticas religiosas na televisão, um segundo que centra a atenção na Igreja Renascer e na sua proposta de vivenciar a fé através da televisão. E, por último, o terceiro que fala dos efeitos receptivos do fenômeno midiático abordado, da Igreja Renascer em Cristo no esteio das ciências normativas, ética, estética e lógica da mensagem evangélica neopentecostal.

Palavras – chave: fenômeno religioso – ritualização – Igreja Renascer em Cristo.

ABSTRACT

The religious phenomenon in the media television – ritualistic mediations of the Church Renascer in Christ have as main objective to discern on the importance that has the experience of faith in the present and how the media for greater reach to the masses is positioned on this cultural phenomenon. It emphasizes the distinctive aspects of the ritual, recognizing in it the objective about this religious practice which is based: the mythical or subjective conception of the human reality. For this purpose we are holding receptive of the means in its attempt to represent and disseminate the contents of the religious message of the Church Renascer in Christ

Problemize on the case of this church neopentecostal to inquire about the vertiginous sprouting and the influx that this exerts, mainly in the young audience, because it uses the television as a means of effective communication with its faithful. However, the arrest of its founders and leaders brings to light the perplexity and indignation of the Brazilian population and the issue of religious practices to the public debate. The counter-attack of the media and condoning of the faithful place in the discussion on the tariff ethical, moral and religious study that is seeking The main contribution of this study is to establish the basis of anthropological rite that insert in the Christian Jewish tradition of which the Church Renascer is heir, in opposing the beddings of these practical to that it is shown in the Gospel Programming Network and the image projected by the institution in the social context.

The used methodological procedures leave of a bibliographic survey on the sources of the phenomenological method - Hermeneutic, the religious anthropology and ontogenetics and phylogenetics estimated that uses psychoanalysis to explain the unconscious motivations of religious practices. Taking as observational point of view the programs of the Network Gospel "From well with life," for example, decupam has been some dialogue with the aim of analysing the point of inflection between evangelical statement, the mediation of the issuer and the receipt of the faithful who offers to act this discursive front of the television cameras. Its is interpreted reaction of the media printed before the exposure of its founding leaders by the prosecutor as a trial and a frontal debate with society in which the Church Renascer down a compromise illustrated in a series of newspaper headlines. Use up three categories of analysis based on the normative sciences to understand the proceeding of the church: the ethics to think in the same doctrinal expansionism, the aesthetic to examine the effects emotive practices of the cult and the new logic that mobilizes the action of the Church ruled Renascer to the call of Prosperity Theology.

The theoretical references attempt against the precursors of phenomenology as Husserl and Merleau - Ponty that put the phenomenon as an object of study and the method as a way to unveil the mystery of his perceptive nature, learning and action representative. Mircea Elíade with his work **and sacred and the profane History of the Religions**; Michel Meslin, **the human experience of the divine**, as well as works by Freud: **Acts obsessive and religious practices, Totem and taboo** and the **Future of an illusion** serve as a basis to understand the concepts architect that a religious experience, both in individual

and social. It also used some critics of television in Brazil which holds about religious phenomenon, as Marques de Melo in its incursion on Churches and electronic Fausto Antonio Neto with its proposed analysis of the propagated religious speech in the television.

Thus, the structure of this work suggests a first chapter in which is about the phenomenon of communication and ritualization of religious practices on television, a second that focuses the attention in the Church Renascer and its proposal to experience the faith through television. Finally, the third who speaks of the effects of the phenomenon receptive mediatic phenomenon, in Church Renascer in Christ anchor in the normative sciences, ethics, aesthetics and logic of the Gospel message neopentecostal.

Words - key: religious phenomenon - ritualization - in Church Renascer in Christ.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I. O Fenômeno da comunicação e a ritualização das práticas religiosas na televisão	04
I- A Igreja e o poder da mídia	17
II- Atos obsessivos e práticas religiosas	31
III- A TV, o novo altar da ritualização	41
CAPÍTULO II. A Igreja Renascer em Cristo, uma nova prática da fé evangélica na TV	60
I- “De Bem com a Vida” – Um programa de salvação	72
II- A figura feminina de uma bispa na Igreja Renascer	89
III- Interação comunicativa e práticas religiosas da Igreja Renascer em Cristo	109
CAPÍTULO III. Efeitos receptivos do “fenômeno” midiático da Igreja Renascer em Cristo	128
I- A imagem da Igreja Renascer em Cristo	131
II- O Problema ético e moral no foco da Igreja Renascer em Cristo	153
III- Apologia dos fins e contra-ataque dos meios	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS	192
BIBLIOGRAFIA	202

INTRODUÇÃO

O fenômeno religioso na mídia televisiva – mediações ritualísticas da Igreja Renascer em Cristo é o título desta dissertação que tem como objetivo principal analisar a experiência de fé nos dispositivos midiáticos nos quais as práticas ritualísticas são a expressão mais eloqüente do sentir, do pensar e do agir do fiel telespectador.

As relações entre os processos midiáticos e as práticas religiosas têm seu lugar na ambiência televisiva de ordem midiática que incide no âmbito de outras práticas sociais, determinando o que é o fenômeno religioso na atualidade e quais são as possibilidades de acesso a ele como objeto de estudo, mediante operações de natureza vivencial ou discursiva, como procuraremos demonstrar ao longo deste trabalho. Assim, o suporte desta pesquisa constitui a imagem da Igreja Renascer em Cristo, que por sua força expansiva e seu poder de divulgação através da Rede Gospel de televisão transformou-se em um exemplo claro de como esta mídia incide na subjetividade e no comportamento de seus fiéis receptores.

Tais comunidades receptivas experimentam a fé em um clima cheio de emoção e vivem o protagonismo de modo presencial junto com a Igreja e com os líderes que a promovem. E por conta dos dispositivos midiáticos a favor da fé, bem como por seus efeitos de sentido em prol da mensagem que está sendo veiculada, converte os receptores em co-produtores litúrgicos, ação na qual o rito se estabelece, seja através de um culto transmitido ao vivo e em tempo real ou no

espaço virtual da tela inserido na “intimidade” dos lares, acompanhando e integrando-se à gestão comunitária com a intensidade que as relações coletivas deste tipo podem suscitar. A forma de ação parece ser o eixo mobilizador das práticas ritualísticas midiáticas que exploraremos em cada um dos capítulos desta dissertação.

Para tanto, abordaremos no capítulo primeiro “O fenômeno da comunicação e a ritualização das práticas religiosas na televisão”, como se estabelece a relação entre a Igreja e a mídia no contexto da contemporaneidade. Qual é a origem ontogenética e filogenética do fenômeno religioso e como a televisão tem se convertido na atualidade no novo altar da ritualização.

No segundo capítulo, “A Igreja Renascer em Cristo, uma nova prática da Fé evangélica na TV”, tomaremos como ponto de partida o programa “De Bem com a Vida”, dirigido pela bispa Sonia Hernandes, para procurar demonstrar como a proposta de “interação comunicativa” da apresentadora, assim como a de seu marido Estevam Hernandes determinam as práticas religiosas dos seus fiéis espectadores presentes no programa ou do outro lado da tela. Referiremo-nos em particular à figura da bispa e do poder carismático do qual ela se serve para atingir a seus telespectadores.

No terceiro capítulo, “Efeitos receptivos do fenômeno midiático da Igreja Renascer em Cristo”, valendo-nos de toda a repercussão na mídia que os líderes da Igreja Renascer alcançaram nestes últimos tempos, estabeleceremos qual a imagem desta Igreja, que tipos de condutas e modos de subjetivação são promovidos no âmbito social.

É objetivo desta dissertação procurar demonstrar como o fenômeno religioso na atualidade adquire conotações análogas ao fazer do meio televisivo, sejam estas da ordem do mercado, no qual se negociam bens simbólicos ou espirituais, ou seja, da ordem específica do rito, um espetáculo ao alcance de todos, assim como a proposta do “contrato” de salvação selado entre a Igreja Renascer no âmbito de sua prática social no Brasil.

CAPÍTULO I

O FENÔMENO DA COMUNICAÇÃO E A RITUALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA TELEVISÃO

Todo e qualquer fenômeno consiste em uma manifestação que se produz, seja na ordem material ou espiritual perpassando a realidade social e objetiva, transformando-a em situação, sob as categorias do tempo e do espaço. Por isso, a fenomenologia se constitui em um ponto de partida neste trabalho que procura indagar a respeito da ritualização das práticas religiosas advindas de uma experiência de fé e ancoradas nos princípios da subjetividade.

Deixando de lado os antecedentes históricos da fenomenologia, dos quais, evidentemente, o maior é o fato de Friedrich HEGEL (1770-1831) intitular **Fenomenologia do Espírito** (2005) a sua obra fundamental, designa-se como fenomenologia um amplo movimento científico e espiritual, extraordinariamente variado e ramificado, e ainda hoje vivo.

Suas variações reúnem-se pela tênue característica comum de se remeter a um livro de Edmund HUSSERL, **As Investigações Lógicas** (1900-1901), como sua primeira fonte de inspiração. Na sua obra, Husserl se preocupa muito mais com a prática da fenomenologia do que em dar uma definição dela. Para esse autor, a filosofia aparece sob uma outra perspectiva: mostrar, descrever, ultrapassar as aparências, e não demonstrar por dedução; explicitar os fenômenos

como são vividos pela consciência, entendendo que há sempre uma intenção voltada para o objeto que se percebe ¹.

Por isso mesmo, “a consciência é sempre consciência de alguma coisa”, ditame assinalado pelos fenomenólogos. Em outras palavras, perceber e descrever um objeto é intencioná-lo, dar-lhe um sentido, sem que se isole o sujeito, visto que, sujeito e objeto não são realidades independentes, mas correlatos, dependentes da intencionalidade da consciência.

O método de investigação da fenomenologia foi desenvolvido pela escola filosófica de Husserl, e tem seguidores como Heidegger, Sartre e Maurice Merleau-Ponty. Ele parte do conjunto da realidade, da forma como o objeto se mostra à intuição, do que pode se ver do fenômeno – como se apresenta tal qual é, na sua essência –, e o pesquisador, imbuído na busca da verdade, não se permite deslumbrar-se frente a ela, mas despoja-se de todas as crenças e preconceitos que são sempre alheios ao fenômeno observado.

Para a fenomenologia, a consciência é entendida como fonte de intencionalidades, sejam afetivas, cognitivas ou práticas. E é nas práticas que se descobre a dimensão cultural do humano.

Portanto, quando o pesquisador se propõe a compreender um ato humano, isto implica também compreender “a plenitude de sua significação, em fazer

¹ “O fenômeno é para Husserl simplesmente aquilo que se oferece do olhar intelectual, a observação pura, e a fenomenologia se apresenta como um estudo puramente descritivo dos fatos vivenciais do pensamento e do conhecimento oriundo dessa observação” (GILES, T.R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1975, v.1).

aparecer a totalidade das suas conexões, das suas inter-relações, em situá-lo na TOTALIDADE da experiência” (CAPALBO, C. 2005:36) ².

Em princípio, a fenomenologia foi de caráter puramente descritivo, aquilo que a escola do mestre de Husserl, Franz Brentano, chamava de “psicologia descritiva”. Obras de Brentano como: **Psicologia do Ponto de Vista Empírico** (1874) e, em seguida, seus estudos de 1889, intitulados **Sobre o Conceito de Verdade e A Origem do Conhecimento Moral**, são os antecedentes gerais da fenomenologia. O que a escola de Brentano pensou é que, antes de mais nada, qualquer objeto possível, tanto do desejo, do apetite e do sentimento, como o da crença ou da simples representação, começa justamente por ser objeto para uma vivência, ou seja, objeto para um sujeito, um eu. Este princípio constitui o aspecto essencial da subjetividade, nela o sujeito vive justamente de modo peculiar o sentimento, o desejo, uma crença ou mesmo um devaneio.

Sendo esse princípio conteúdo de uma consciência construída culturalmente, pretendemos objetivar as manifestações mediadoras das práticas religiosas através de um estudo sobre as mediações ritualísticas da Igreja Renascer em Cristo. Neste sentido, tais práticas religiosas se constituem em um fenômeno social de comunicação que pressupõe a interação entre sujeitos, mediado pelo veículo televisivo de maior alcance na atualidade.

A fenomenologia, enquanto filosofia, envolve um conjunto de disciplinas normativas e, talvez, realmente práticas. Isto significa que a filosofia na sua adaptação teológica trata de estabelecer leis normativas em vários setores, principalmente o religioso.

² CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. São Paulo: J.Ozon, 2005.

O fenômeno religioso ancora-se, portanto, nas chamadas ciências normativas, isto é: a lógica, a ética e a estética. Na lógica, procura-se estabelecer as normas que regem o pensar correto, a maneira de exercer a atividade subjetiva que é a crença, de modo que aquilo que se crê não seja falso. Na ética, a preocupação consiste em estabelecer as normas que regem a avaliação correta da bondade e da maldade moral do ponto de vista religioso. Na estética, procura-se salientar as normas da “estimativa” adequada da representação daquilo que é considerado “admirável”. Só a pura representação do objeto está a salvo de toda intenção normativa, porque a fantasia, a visão, a rememoração admitem critérios à medida que se pensa na perspectiva da verdade ou da bondade ou da beleza, que são sempre pontos de vista superiores à mera representação.

Por esta razão escolhemos a mídia televisiva que nas suas representações é análoga aos rituais que compreendem, de modo abrangente e particular, o fenômeno religioso que procuraremos analisar neste trabalho. A mídia televisiva insere-se também dentro de um outro fenômeno, vindo à tona na contemporaneidade, dando atualidade ao chamado fenômeno social da comunicação que pressupõe a interação entre sujeitos. Por um lado, um sujeito que deseja transmitir uma informação, por outro, um sujeito que recebe tal informação, tudo isto mediado pela mensagem. Esta transmissão se realiza graças ao poder simbólico da linguagem, o que implica a construção de uma mensagem que contém a intenção comunicativa do sujeito, cujo destinatário é um receptor que completa este processo de comunicação por meio de uma “resposta”. Desta forma, a relação entre sujeitos é mediada e traz consigo uma

troca de papéis, constituindo-se em um processo da ação comunicativa revestido de um caráter ritual na sociedade, reconhecido culturalmente.

O caráter relacional desse processo parte do pressuposto de ser uma necessidade humana que se manifesta socialmente no conteúdo da mensagem que é transmitida. Até aqui, estamos falando da realidade objetiva do processo de comunicação sem entrar nos seus aspectos motivacionais que compreendem a subjetividade de tais práticas.

O poder simbólico da linguagem é tratado pelo filósofo alemão Ernst CASSIRER no seu livro **Filosofia das Formas Simbólicas** (2001), alcançando uma influência decisiva na nossa cultura contemporânea. Segundo ele, já que o ser humano é um animal simbolizador por natureza, tudo é simbólico. A atualidade de tal filosofia consagra-se ao estudo da formação simbólica humana da realidade – cultura – nas suas formas mais relevantes da compreensão do mundo: mito, linguagem e ciência. Assim, Cassirer parte do pressuposto fundacional de sua teoria: a cultura, o simbólico natural de nossa consciência em sua totalidade (CASSIRER, 2001:4). Neste estudo procuraremos acentuar o correlato direto do mito que é o rito.

Afirmar que nossa consciência sempre é simbólica, quer dizer o seguinte: que toda apreensão da realidade é re-presentativa, in-formativa e, em seu sentido radical, “lingüística”.

A partir do primeiro instante de sua gestação o ser humano concebe, relaciona, expressa e conecta, ao menos implícita ou inconscientemente. Este é um dos temas principais da atividade filosófica e religiosa que consiste em “conscientizar” o que já fazemos, percebendo ou não, trazendo a palavra ou

linguagem - logus que articula desde o primeiro momento a realidade caótica em um mundo de relações (OP. CIT: 12- 20).

A especificidade do trabalho de Cassirer consiste, no entanto, não em considerar a função simbólica da mente humana em si e em abstrato, mas em seu afazer concreto, naquilo que nos interessa explorar do rito que o autor contempla nas formas simbólicas do mito, como a religião e a arte.

Uma abordagem fenomenológica busca sondar se este ato de comunicação contém verdades essenciais reveladas nas práticas sociais dos seres humanos que usando seu poder simbólico se relaciona convencionalmente entre si. A partir desse princípio relacional, surge na esfera da fenomenologia o diálogo como um horizonte de sentido no qual o humano se encontra com aquilo que lhe resulta fundamental: a experiência religiosa que o une com a divindade e as virtudes que lhe possibilitam render a Deus o culto devido. Desta forma, a experiência religiosa, no uso corrente da linguagem simbólica, serve para designar fatos humanos dotados de características comuns, e extraordinárias no uso mais preciso das ciências das religiões – mais concretamente da fenomenologia da religião. Esta categoria do simbólico constitui uma categoria pela qual se expressa a estrutura significativa que permite identificar todos esses fatos, na sua extrema variedade de formas concretas, como a prática religiosa do rito, uma forma de representação do diálogo entre o ser humano consigo mesmo, com Deus e com o mundo.

Em correspondência com a absoluta transcendência do Mistério que envolve esse diálogo, a atitude religiosa comporta a total transcendência de si mesmo, a saída para além dos objetos naturais, das suas diferentes faculdades, por parte do sujeito religioso. O ser humano, centro de relação com os objetos

mundanos, todos eles ordenados às suas capacidades de conhecimento, explicação, manipulação e desfrutamento, necessita – para entrar em relação com o supremo que é absolutamente transcendente – descentralizar-se literalmente e aceitar esta realidade como centro de sua própria vida. A condição de êxtase dessa nova atitude impõe nova forma de exercícios de todas as faculdades humanas. Assim, a razão, em relação com o mistério de Deus, atua não explicando, compreendendo, e sim deixando-se “iluminar” por Ele e aceitando-O: a vontade não intervém dominando esta realidade, mas fazendo-se disponível a ela e acolhendo-a; a liberdade, em relação com o mistério, não constitui em dispor dele, mas um consentir na sua presença.

As mediações religiosas apresentam-se no cerne bipolar do fenômeno religioso descrito até agora em grande número de atos, objetos, pessoas, lugares e momentos que constituem o seu elemento visível. Neste sentido, o fenômeno religioso na mídia televisiva aparece através das mediações objetivas que caracterizam o conjunto de realidades de todo tipo, nas quais o sujeito religioso reconhece ao longo da história a presença do mistério de Deus e das mediações subjetivas, isto é, os atos, gestos, palavras e comportamentos de todo tipo nos quais o sujeito religioso expressa o seu reconhecimento dessa presença. As mediações objetivas são denominadas de hierofanias, um neologismo criado por Mircea ELIADE, e usado no seu livro **O Sagrado e o Profano** (2001), para referir-se a como a história mostra que o ser humano de todos os tempos condensa o sagrado em realidades não mundanas nas quais vê manifestada a presença de Deus. As hierofanias são constituídas por realidades naturais que, sem deixar de sê-lo, servem de apoio para a presencialização do sobrenatural. Isto indica que

nenhuma realidade é hierofânica pela sua própria natureza, já que todas as realidades podem chegar a sê-lo. Ademais, as hierofanias se apresentam em sistemas ou constelações que correspondem às condições culturais dos povos que instauram tais sistemas. E a história mostra a transformação permanente das hierofanias ao longo do tempo, inclusive no interior das diferentes religiões.

As existências de tais constelações de hierofanias permitem a classificação das religiões, ou a morfologia do sagrado, de acordo com os elementos naturais elevados à condição de hierofanias. Todas as hierofanias são, como se pode concluir, um caso de simbolização, pois nelas se realizam as idéias do símbolo como um caso peculiar de conhecimento indireto, no qual um significante natural “epifaniza” ou faz presente, de forma direta, porém mediada, “como o rosto faz presente a pessoa”, na “transparência opaca do enigma”, segundo nos informa Paul RICOEUR na sua obra **O Si-Mesmo como um Outro** (1991), uma realidade de outra ordem à qual somente se tem acesso na mediação do significante ³.

O mundo das mediações subjetivas, como dito anteriormente, abrange expressões das mais diversas nas quais o sujeito encarna e, portanto, vive e expressa o seu reconhecimento da presença original do mistério. São tão variadas como as facetas da pessoa. Assinalamos entre elas as espaciais, temporais, racionais como: símbolos, ritos e doutrinas; ativas: oração, sacrifício e rito; emotivas, comunitárias e comunicativas. Sobre este conjunto de mediações, a fenomenologia da religião permite concluir tanto a sua necessidade como a sua relatividade.

³ Epifania consiste em uma manifestação ou aparição e refere-se ao fenômeno secundário que acompanha o fenômeno principal sobre o qual não se tem nenhum tipo de influência.

O nosso recorte sobre o rito, como uma forma de mediação simbólica que opera no fenômeno religioso, nos permite observar como este se constitui análogo à prática comunicacional, pelo que ambas têm em comum: a necessidade, porque a relação com o mistério por parte do sujeito corporal, mundano, como ser humano, somente é possível na mediação do objetivo no mundo; a sua relatividade, porque as mediações não são o absoluto, nem se confundem com ele, mas remetem às condições pessoais, históricas e culturais dos sujeitos que a instauram. Por último, as naturezas das mediações comunicativas permitem deduzir o essencial do processo hierofânico como a projeção, por parte do sujeito, da presença inobjetiva do mistério da fé com o qual é agraciado nas realidades do seu mundo e nos gestos expressivos que configuram a sua vida.

Sendo esta dissertação um estudo das mediações ritualísticas, faz-se necessário definir o que é a recepção e como esta é entendida no contexto das mediações comunicativas propostas pela Igreja Renascer em Cristo. O lugar da recepção na estrutura do processo de comunicação nos permite entender que a recepção é o ato de se receber algo de alguém. Isto pressupõe reconhecer que há uma relação interativa entre dois agentes, o emissor e o receptor, e entre eles o que media a própria interação, a mensagem. O receptor se coloca, como componente da estrutura da comunicação. E como tal é um componente, assim como os dois outros, interdependente. Da razão interativa dos três é que surge o ato comunicativo. Assim, tem-se um componente estrutural da comunicação. Mas, essa dimensão apenas estrutural não dá conta das múltiplas interações presentes no fenômeno religioso. A dinâmica interativa entre os componentes do ato comunicativo é o que o diferencia como uma ação comunicativa em si mesma,

porque esses atores e componentes atuam entre si de forma diferenciada, no tempo e no espaço social.

Para LINS DA SILVA (1985:43) “Os teóricos que tentaram formular um modelo do processo da comunicação, desde Aristóteles até Berlo, sempre insistiram em colocar nele ingredientes que incluíssem pelo menos três componentes: o da transmissão da mensagem, o da mensagem em si e o da recepção. Embora se possa discordar da maneira estática com que a maioria destes modelos procura relatar o processo da comunicação (...) é quase obrigatório aceitar que nenhum ato de comunicação efetivamente ocorre sem que estes três elementos estejam presentes”.

O fenômeno religioso como um estudo da recepção, dentro de um modelo relacional, subentendido nos termos emissor e receptor, no movimento assimétrico de tais agentes da comunicação e mediados pelo veículo televisivo, configuram-se ao amparo de uma instituição religiosa – neste trabalho a Igreja Renascer em Cristo – emprega estratégias que consistem na necessidade do convencimento, da argumentação pela via do discurso, tanto quanto da persuasão e da sedução operada nos seus telespectadores.

Do ponto de vista da recepção é importante destacar a noção do “outro” – do interlocutor que deve ser convencido, persuadido, seduzido, resultando por parte deste, a possibilidade da aceitação, da rejeição ou da resistência ⁴.

⁴ A sedução no senso comum é considerada um efeito ligado à fascinação ou atração que provoca afeto, admiração ou desejo. Esta também é entendida como uma conduta social, como nos rituais amorosos dos adolescentes: a abordagem sedutora respeita um certo número de etapas, de conformidade com os códigos culturais como, por exemplo, na antropologia da gestualidade.

Colocadas estas indicações do termo recepção frente ao que o termo comunicação igualmente indica, existe uma contradição entre recepção e comunicação, entre o componente e o todo que o envolve. Não se evidenciam na relação assimétrica entre emissor e receptor os pressupostos do diálogo, da troca, da partilha, da participação, de simetria entre os agentes de interlocução, elementos fundadores do conceito de comunicação. Se tomados os processos básicos da vida social, ou seja, a cooperação, a competição, o conflito, a acomodação e a assimilação, o termo recepção se direciona muito mais para as dimensões competitivas e conflitivas da interação, e, contraditoriamente, a comunicação se direciona para a cooperação, a interlocução, a troca.

A questão da recepção sai do âmbito imediato da interlocução de atores e se desloca para os que precedem e envolvem o mundo simbólico da linguagem onde atuam o mundo da referência do sistema social, o mundo do poder em suas diferentes formas de expressão concreta em que a mídia - televisão exerce seu papel. Recepção, pois, mostra-se como conceito limitado para abranger a comunicação para além da relação entre os indivíduos e envolver a relação com a natureza, com as instituições, as tecnologias e a comunicação do indivíduo consigo mesmo e com o valor transcendente da experiência religiosa. Por isso, pela sua limitação, ao mesmo tempo pela pluralidade de significações, o termo recepção mostra-se indicativo do caráter instigante do tema quando se trata de pensar a recepção atrelada ao fenômeno religioso na mídia televisiva, e, por derivação, na própria comunicação, um campo igualmente ainda em construção nos dias de hoje. O ressurgimento do fenômeno religioso ligado às práticas ritualísticas apresentadas na televisão, mídia de grande alcance às massas em

termos de efeito receptivo, procura na sua ação de “salvação” e nas práticas neste âmbito do dispositivo televisivo alcançar a adesão por parte dos “fiéis telespectadores”. Na Atualidade o fundamentalismo das religiões, aparece na reedição do messianismo pentecostal ligado aos processos ritualísticos da mídia na sociedade do espetáculo e do consumo no contexto da globalização.

Desta forma, o diálogo comunicativo é um acontecimento relacional inserido no âmbito fenomenológico da vivência e tem por objetivo a compreensão daquilo que se conversa e daquele com quem se conversa. E se o diálogo é fonte de conhecimento da realidade e de um “outro ser”, é também o método de realização e socialização já que o ser humano é, graças a esta relação com “os outros”, a própria representação do mundo compartilhado. Podemos, então, definir o diálogo como uma forma de expressão, como uma forma, entre outras, do discurso religioso, como apresentação simbólica de linguagem que materializa as verdades mais transcendentais do ser humano. Do ponto de vista do processo comunicativo mediado pela linguagem, o diálogo se define, em primeiro lugar, pelos envolvidos em tais processos, em segundo lugar, pelo confronto das idéias expressadas e, por último, no comprometimento pessoal desses protagonistas da comunicação.

Os pressupostos do fenômeno religioso, anteriormente descrito no esteio das mediações comunicativas, são revestidos em seu caráter relacional como um rito, que encontra na televisão um canal de expressão e manifestação das práticas religiosas propostas pela Igreja Renascer em Cristo da Rede Gospel de Televisão.

Para tanto, abordaremos no primeiro item, “A igreja e o poder da mídia”, a relação do fenômeno da comunicação e a ritualização das práticas religiosas de

um modo geral, a história da Igreja Evangélica e os atos que legitimam tais práticas da fé.

No segundo item, “Atos obsessivos e práticas religiosas,” descreveremos como nascem tais práticas ritualísticas no indivíduo e como estas transformam o fenômeno religioso em uma prática social convencional fazendo destas práticas “um sintoma de nossa cultura na atualidade”.

No terceiro e último item deste capítulo, “A TV, o novo altar da ritualização”, faremos um recorte nesta mídia de massa para nos referirmos ao alcance que o fenômeno religioso tem adquirido na prática institucionalizada dos meios de comunicação social.

I- A igreja e o poder da mídia

Para estabelecer a relação entre a Igreja e o poder da mídia é necessário, antes de qualquer coisa, referirmos ao fenômeno religioso na sua origem e nas subsequentes práticas institucionalizadas pelas Igrejas, principalmente pela Igreja evangélica através da qual chegaremos à Igreja Renascer em Cristo que, valendo-se do meio televisivo, exerce sua prática evangelizadora.

As religiões como vimos, nascem no contexto do mistério, realidades da antropologia cultural que têm desafiado a ciência na sua tentativa de decifrar a vida do ser humano no mundo. No entanto, as práticas religiosas, socialmente reconhecidas e culturalmente incorporadas na história da humanidade, devem à teologia eclesial o método que contempla o objeto da fé e da revelação como seus principais eixos na produção de conhecimento.

A crise da modernidade baseada na “Morte de Deus” e, por conseqüência, nos fundamentos da moral cristã, provocou um distanciamento do ser humano em relação à distinção dialética que este poderia fazer entre o profano e o sagrado ⁵.

Tal crise do sujeito fez surgir, na sociedade contemporânea, uma série de sintomas – signos visíveis de realidades invisíveis, atrelados à produção excessiva, ao mercado capitalista e à obsessão pela imediatez do tempo e apreensão do espaço. A crise do sujeito, também chamada de “a morte do sujeito”, enuncia que a subjetividade humana tornou-se uma construção em

⁵ A morte de Deus anunciada por Nietzsche, no contexto da filosofia moderna, trata da morte dos fundamentos da moral cristã que o autor alemão desmistifica em função da vida instintiva que só a ciência pode dar conta. Tais pressupostos podem ser encontrados na sua célebre obra **Além do Bem e do Mal** (2005).

ruínas, como afirma Tadeu da SILVA (2000 apud SANTAELLA, 2004:16): com as operações de desalojamento do cogito cartesiano efetuadas pela revisão althusseriana de Marx e pela revisão lacaniana de Freud depois, com os pós - estruturalistas Foucault, Deleuze, Derrida, Lyotard, o estrago a respeito do sujeito tornou-se irremediável e irreversível, sem volta. *A point of no return*. A questão não é mais, agora, “quem é o sujeito?”, mas “queremos ainda ser sujeitos”, “quem precisa de sujeitos?” (GUZZONI, 1996), “quem tem nostalgia do sujeito?” e, mais radicalmente, “quem vem depois do sujeito?” (CADAVA, CONNOR e NANCY, 1991). Ou ainda, como diz Maurice Blanchot (1991), a essa última pergunta podemos, talvez cinicamente, nos limitar a retrucar: “quem mesmo?” (2000 apud SANTAELLA, 2004:16).

Pergunta iniciada com os “mestres da suspeita”, Marx, Freud, Nietzsche, Heidegger, para prosseguir incansavelmente, a partir de meados do século vinte até os nossos dias, sendo um motivo recorrente e irreversível.

“A imagem desse eu sempre foi o produto de uma construção imaginária afirma o autor anteriormente citado, e é essa construção que nos ilude quanto à existência de uma forma coerente e unificada do humano, quando na verdade, a ontologia humana é necessariamente ontologia de uma criatura despedaçada no seu próprio núcleo” (SANTAELLA, 2004:16).

O sujeito, ou melhor, sua desconstrução, além da filosofia vaza por todos os lados segundo Santaella (ibidem): nos estudos culturais sobre raça e etnia, nas análises pós-colonialistas, todos eles evidenciando que não existe sujeito ou subjetividade fora da história e da linguagem, fora da cultura e das relações de

poder. É na teoria cultural que podem ser observadas as radicais transformações culturais pelas quais passamos, que podemos perceber o desenvolvimento de um pensamento que nos faz questionar radicalmente as concepções dominantes sobre a subjetividade humana. No lugar do antigo, do eu, proliferam novas imagens de subjetividade. Fala-se de subjetividade distribuída, socialmente construída, dialógica, descentrada, múltipla, nômade, situada, fala-se de subjetividade inscrita na superfície do corpo, produzida pela linguagem.

No esteio da modernidade, o fenômeno de massa adquire importância para os meios de comunicação social que regem os comportamentos e a subjetividade do grande público, passando a ter um papel importante na configuração do imaginário cultural dessas sociedades. Neste sentido, a televisão tem uma função informativa crucial, pois a informação tem se transformado em uma moeda de troca da chamada indústria cultural, tratada pela Escola Crítica de Frankfurt, principalmente na obra de Theodoro ADORNO, **Teoria da Estética** (1970) ⁶.

No Brasil, ciente destes problemas, os produtores de televisão veiculam na sua programação uma série de produtos culturais com o intuito de atingir ao telespectador de maneira eficaz e abrangente, e entre as numerosas ofertas existe o espaço destinado ao culto religioso, outrora uma prerrogativa do templo e uma alusão direta à idéia do tempo que parece marcar de forma definitiva a realidade da televisão como meio massivo, para as massas.

O templo, segundo Jean CHEVALIER e Alain GHEERBRANT (1993:874) é um reflexo do mundo - divino. Sua arquitetura existe à imagem da representação

⁶ Embora se reconheça a importância dessa transformação, a Escola Crítica de Frankfurt não será tratada neste trabalho.

do divino que tem os homens: a efervescência da vida no templo Hindu, a medida dos templos da Acrópole, a sabedoria e o anos dos templos Cristãos, a aliança entre a terra e o céu nas Mesquitas. São como que réplicas terrestres dos arquétipos celestes, ao mesmo tempo imagens cósmicas.

Cosmologia e Teologia são solidárias no espírito dos homens e em suas obras dedicadas aos deuses. O próprio universo é concebido como um templo e os místicos farão da alma humana o templo do Espírito Santo. Em última instância, o templo é a habitação de Deus sobre a terra, o lugar da presença real. Agora o tempo, tanto na linguagem como na percepção, simboliza limite na duração e na distinção mais sentida com o mundo do Além, que é o da eternidade. Por definição, o tempo humano é finito e o tempo divino infinito ou, melhor ainda, é a negação do tempo ilimitado. Um é o século, o outro, a eternidade. De uma forma geral, o rito religioso é como uma fuga fora do tempo, estando dentro do tempo. Mas é somente na intensidade de uma vida interior e num prolongamento indefinido da duração que essa pode se realizar: sair do tempo é sair completamente da ordem cósmica para entrar em uma outra ordem, um outro universo. O tempo é ligado ao espaço, indissolivelmente, no fenômeno religioso.

A fenomenologia, como vimos na introdução deste capítulo, constitui-se em um método investigativo e esta corrente filosófica contemporânea usa o método fenomenológico no tratamento de cinco conceitos que lhes são fundamentais: descrição, redução, essência, intencionalidade e mundo. Neste último conceito, o fenômeno religioso adquire uma conotação comunicacional. Portanto, a fenomenologia da religião é aquela parte da filosofia que se interessa pelo estudo da religião. A fenomenologia da religião também não é filosofia da religião,

entendida no sentido hegeliano. Hegel propôs, em **Fenomenologia do Espírito** (2005), organizar toda atividade humana, como: arte, direito e religião, em um determinado sistema e aplicar a cada setor métodos de investigação filosófica.

A filosofia da religião trata da consistência filosófica das doutrinas religiosas e procura descobrir o que está pó baixo das várias formas de expressão religiosa, culturalmente condicionadas por seus pressupostos comuns, assim como o faremos no estudo de caso da Igreja Renascer em Cristo ligada à prática midiática televisiva.

No sentido que a entendemos e apresentamos neste trabalho, a fenomenologia da religião é um tratamento sistemático da história das religiões, cuja função é classificar e agrupar os dados sobre a trajetória das Igrejas e das divergências dos conteúdos religiosos e de seu significado. Desta forma, concorre a este estudo a Igreja católica e protestante que, em um determinado momento da história, se separam em função de um problema hermenêutico, isto é, um problema de interpretação das sagradas escrituras, para fixar seu “verdadeiro sentido”. A bíblia é um caso particular da estrutura humana do conhecer. Enquanto texto humano antigo pode ser submetido à estrutura universal do compreender e o explicar como atividades constitutivamente humana. Ainda sem formulá-lo assim, o exegeta bíblico sempre teve claro que a bíblia, como obra literária – prescindindo de considerações confissionais – só pode ser aberta e exposta ao público em diálogo com as ciências humanas: lingüística, retórica, análise literária, história da religião e filosofia da linguagem. Mas, como afirma George GADAMER, em **Verdade e Método** (2004), a compreensão tem sempre uma estrutura dialógica, comunicativa.

Pesquisar a essência e o significado dos fenômenos religiosos e agrupá-los segundo um critério estrutural, independentemente do espaço e do tempo, têm resultado em uma experiência não tão profícua quanto à indagação da mobilidade motivacional que faz da experiência religiosa algo sempre atual. No entanto, o que se pode usufruir do método estruturalista são formas religiosas que se apresentam universalmente e em todas as épocas, por exemplo: o mito, o rito, a magia, o sacrifício e a oração.

O grande mestre da atual fenomenologia da religião é Mircea ELIADE cujas tentativas e objetivos de esclarecer o fenômeno religioso foram expressos no **Tratado de Historia de las Religiones** (1991). Para este autor, um fenômeno religioso pode ser reconhecido como tal somente se for aprendido no seu próprio nível, isto é, se for estudado como algo religioso. Procurar aprender a essência de tal fenômeno, servindo-se da psicologia, da sociologia, da antropologia, da lingüística ou de outros tipos de estudos, é falsificar. Negligencia-se o único elemento típico e irreduzível que existe nele, o elemento do sagrado. Isto deixa claro que não existem fenômenos puramente religiosos, nenhum fenômeno pode ser só e exclusivamente religioso, visto que a religião é um fato humano, por isso mesmo ela é algo social, comunicacional e cultural ao mesmo tempo. Portanto, não se pode pensar no ser humano prescindindo da sociedade, da cultura e da comunicação.

Os livros de Mircea Eliade escaneiam fenomenologicamente as diversas manifestações do sagrado, estudando as diversas formas expressivas que este mostra e que convergem em um sistema coerente que representa os diversos grupos sociais, estruturados culturalmente.

O aspecto religioso é o aspecto mais vital da vida humana, na medida em que o fenomenológico tiver plena consciência de que a religião é a dimensão mais profunda e mais nobre da existência espiritual e intelectual do ser humano, ainda que conheça os limites na tentativa de entrar na intencionalidade profunda da alma religiosa.

Os fatos religiosos são subjetivos, no sentido de que constituem a dimensão religiosa do espírito humano, seu modo de ver as coisas ou de interpretá-las.

Ao mesmo tempo estes fatos e suas interconexões são objetivos, no sentido que não são um produto da mente religiosa, mas verificáveis por um observador independente – o pesquisador. Este é o nosso caso, na tentativa de indagar nas práticas rituais, as motivações mais essenciais que mobilizam os fiéis espectadores para uma vivência da fé no contexto da cultura midiática e mediatizadora.

A cultura midiática é aquela na qual o meio - televisivo por um lado, propõe em forma de espetáculo a vivência da fé e, por outro, conduz o fiel ao consumo de imagens e outros produtos culturais que constituem a ordem do mercado globalizado.

Com o objetivo de salientar a investigação científica e deixar que os fatos falem por si, procuramos suspender o juízo diante do fenômeno, porque um juízo pré - concebido pode ser cultural, filosófico ou até teológico em relação à religião. Contudo, interessa-nos deixar claro, nesta pesquisa, que o fenômeno religioso tem um componente comunicacional que responde, no nosso caso, a outro fenômeno concomitante que é a comunicação, no seu viés midiático, por isso a apreensão

do fenômeno religioso será feita através da compreensão dos atos e gestos expressivos dos agentes que promovem este tipo de experiência.

A expressão compreende palavras e signos de todo tipo, como também comportamentos gestuais. É por meio dos gestos expressivos que entenderemos a mentalidade religiosa e nela procuraremos, com a reflexão ante a repetição e o deslocamento, o que a intuição imaginária possa nos proporcionar. Compreender o fenômeno religioso significa colocar-se em atitude de “empatia” com a experiência, os pensamentos, as emoções e as idéias de um “outro”.

A fenomenologia da religião utiliza a comparação como um instrumento interpretativo de base para compreender o significado de termos religiosos tais como: rito, sacrifício, deuses e espíritos, procurando as características predominantes da religião no contexto histórico cultural. Daí a tentativa de mostrar a relação da Igreja e o poder da mídia, assim como os gestos religiosos expressivos do programa “De Bem com a Vida”, da rede Gospel de Televisão, na figura da Bispa Sonia Hernandes, que dá lugar a interessantes significados ao sentido que tem em ser um líder religioso. A hipótese, que está na base de nossa abordagem, é que as formas exteriores da expressão humana seguem um modelo organizativo interior ou uma configuração que pode ser descrita mediante o uso do método fenomenológico.

O método fenomenológico busca descobrir as estruturas subjacentes aos fatos históricos e compreender o significado íntimo, tal como se revela através dessas estruturas, com suas leis e seus significados específicos. Ele tem o propósito de chegar a uma visão global das idéias e motivações, que na história dos fenômenos religiosos são de importância decisiva. Enfim, procura decifrar e

interpretar o fenômeno comunicativo do sagrado na instância reveladora de encontro do ser humano consigo, com os outros e com o mundo.

O fenômeno religioso na mídia televisiva responde a um fato encarnado no tempo e no espaço da cultura midiática e tenta encontrar aquela universalidade que necessariamente escapa aos historiadores ou a uma Igreja específica como a Renascer em Cristo.

A Igreja Renascer em Cristo é uma Igreja Evangélica nascida de um movimento religioso que tem sua origem tanto na reforma protestante do século dezesseis quanto no despertar evangélico ocorrido entre o século dezessete e dezenove. Abrange, por isso, as várias realidades eclesiais emergidas dessas importantíssimas transformações espirituais que vêm fazendo eco até os dias de hoje.

As Igrejas que surgiram diretamente da reforma protestante constituem quatro dimensões diferentes: luterana, reformada, anglicana e ana batista.

O protestantismo evangélico só pode ser entendido plenamente na perspectiva dos movimentos de purificação espiritual que se verificaram depois da reforma: o pietismo, o puritanismo e o evangelismo. Esses movimentos procuraram contemplar a Reforma, sustentando uma mudança tanto da vida quanto da doutrina. Uma tendência iconoclasta era evidente entre os puritanos, que faziam pressão em prol da máxima simplicidade no culto. Foi neste espírito de renovação que o protestantismo experimentou um notável crescimento de interesses e de atividades nas missões estrangeiras.

Estas constatações podem ser observadas no **Dicionário de Teologia Fundamental**, dirigido por René LATOURELLE e Rino FISICHELLA (1994).

O movimento mais significativo de renovação espiritual dos anos recentes é o pentecostalismo, que tem origem nos “revivais” do fim do século dezenove e no início do século vinte. O pentecostalismo se distingue pela ênfase que coloca nos dons carismáticos, em particular na profecia, nas curas e no falar em línguas. Com a maioria das outras confissões compartilha um senso de urgência da renovação evangélica.

As Igrejas Pentecostais, último filão de consciência religiosa, abrangem as Assembléias de Deus, a Igreja de Deus, a Igreja de Deus em Cristo, *Open Bible Standard Church*, e a Igreja Internacional do *Foursquare Gospel* - Evangelho Quadrangular que têm sua base, todas elas, nos Estados Unidos; Assembléias Pentecostais e as Igrejas Evangélicas do Canadá, a Igreja Apostólica e a Igreja Elim na Inglaterra, a Sociedade das Assembléias Cristãs e Associação Mulheim das Sociedades Cristãs na Alemanha, a Igreja Cristã Pentecostal da antiga Iugoslávia, a Igreja Apostólica da Nigéria, a *Apostolic Faith Mission* e a *Full Gospel Church of God* na África do Sul, a Igreja Pentecostal Evangélica, a Congregação de Cristo e as Assembléias de Deus no Brasil, da qual se desprende a Igreja Renascer em Cristo da Rede Gospel de Televisão (LATOURELLE e FISICHELLA, 1994: 452). Por sua expansão extraordinária nos países de terceiro mundo, os pentecostais constituem hoje a maior família de Igrejas dentro do protestantismo.

Devido ao envolvimento de um número tão elevado de Igrejas diferentes, a teologia evangélica revela uma variedade notável; mas existem pontos em comum que refletem um impacto exercido pela corrente principal da Reforma protestante. Assim, no que se refere ao fenômeno religioso, os temas aos quais é atribuída

importância capital na teologia evangélica são: “a soberania de Deus”, a “autoridade” e o “primado da Sagrada Escritura”, a “radical infiltração do pecado”, a “expição vicária”, a “salvação por meio da graça”, a “justificação por meio da fé”, a “experiência da conversão”, o “chamado à santidade pessoal”, o “sacerdócio comum dos crentes”, a “urgência da missão” e a “proximidade do fim do mundo”.

Além das notas clássicas da Igreja – unidade, santidade, catolicidade, apostolicidade – os evangélicos da tradição reformada têm grande consideração por duas práticas características: a pregação da Palavra e a “administração correta dos sacramentos”, o que significa implicar a prática visível do rito religioso. Sob o impulso do pietismo e do puritanismo, muitos evangélicos sustentam também a disciplina eclesiástica, a atividade missionária e a comunhão de amor como signo autêntico da plenitude eclesial. Neste sentido, justifica-se a designação de Bispo que a líder da Igreja Renascer em Cristo, Sonia Hernandez, se atribui na sua condição feminina, ascendendo a este grau patriarcal da tradição hierárquica do patriarcalismo.

Entre os teólogos que deram uma contribuição importante à vida e ao pensamento evangélico figuram Calvino, Lutero e Wesley. Estes três teólogos tiveram ampla difusão não só nos círculos reformados e presbiterianos, mas também nos congregacionistas, os anglicanos da Igreja baixa dos Batistas, as Igrejas livres evangélicas e as Igrejas independentes da Bíblia (LATOURELLE e FISICHELLA, OP. CIT: 453).

O protestantismo moderno está dividido hoje em dois campos: o liberal e o evangélico. Entre as características destrutivas da teologia liberal figuram: a prioridade da experiência religiosa em relação à revelação bíblica; uma idéia

naturalista ou idealista do mundo em relação ao sobre - naturalismo; um forte senso da relatividade histórica da doutrina; uma ética situacional ou contextual, antes que uma ética revelada; uma fé no progresso e uma reformulação da revelação enquanto discernimento racional ou anúncio de transcendência, antes que a definitiva revelação divina do significado da história específica registrada na Bíblia.

Boa parte da força de que goza, hoje, o movimento evangélico deve-se atribuir às organizações evangélicas paraeclesiais, que fazem um esforço peculiar para trabalhar entre os jovens nas escolas superiores e nas sedes universitárias com o apoio dos meios de comunicação social para a divulgação da fé em tom evangélico. A vida comunitária, de pertença à Igreja como testemunho de fraternidade entre seus membros, constitui-se em um meio de irradiar a fé e as crenças no contexto da cultura midiática.

O conceito de autoridade é fundamental para compreender a relação da Igreja e o poder da mídia, porque a autoridade da Igreja é sinônimo de hierarquia, isto é, uma centralização na tomada de decisões. A organização institucional da comunidade responde às necessidades de estabilidade, identidade, difusão do evangelho, assistência interna, governo, etc. “Nenhuma comunidade pode existir sem uma institucionalização que garanta a sua unidade, coerência e identidade”, segundo nos informa Leonardo BOFF, no seu livro **Igreja: Carisma e Poder** (1982: 237).

Ao examinarmos a trajetória da Igreja na sua relação com a mídia, em uma perspectiva da história social ou das relações entre Igreja e comunicação,

podemos identificar quatro fases bem definidas por José Marques de MELO no seu artigo “Igreja e Comunicação” (1985).

As fases que são colocadas neste contexto comunicacional da reprodução simbólica são:

A primeira que é caracterizada pelo comportamento da Igreja orientado para o exercício da censura e repressão. Nesta fase, a Igreja é a mediadora entre a produção do saber religioso e sua difusão na sociedade.

A segunda fase demonstra as mudanças profundas caracterizadas pela aceitação desconfiada dos novos meios e pelo uso dos mesmos a serviço de difusão de suas mensagens.

A terceira fase refere-se à velocidade com que as transformações sociais e tecnológicas acontecem; admite-se que a tecnologia da reprodução eletrônica pode ampliar a mensagem eclesial (MELO, 1985:62-63). Disto surge o conceito de Igrejas eletrônicas.

A quarta fase revela uma redescoberta da comunicação, deixando de lado o “deslumbramento ingênuo” para adotar uma posição crítica de deixar de “acreditar que a tecnologia pode resolver os problemas da ação evangélica” (PUNTEL, 2005:129).

A relação entre a Igreja e o poder da mídia acontece no espaço cultural no qual se realiza a evangelização no mundo contemporâneo. O diálogo entre a fé evangélica e a cultura midiática abre hoje novas fronteiras para a evangelização, para a missão de evangelizar o ser humano na sua experiência do fenômeno religioso e que adquire, neste contexto, formas de expressão dignas de ser analisadas e interpretadas nas suas práticas ritualísticas ante os novos altares que

são erigidos em favor de uma sociedade de consumo e do espetáculo. Para isto, abordaremos a gênese das práticas religiosas individuais contidas na obra de Sigmund FREUD, **Atos Obsessivos e Práticas Religiosas** (1907), para fechar o capítulo com a inserção da televisão como uma nova prática da ritualização no campo da comunicação e da cultura midiática.

II- Atos obsessivos e práticas religiosas

As práticas ritualísticas apresentadas pelos fiéis espectadores do programa “De bem com a vida”, da rede Gospel de Televisão, nos levam a entender o fenômeno religioso na perspectiva ontogenética e filogenética da psicanálise proposta por Sigmund Freud em suas obras, tais como: **Atos obsessivos e práticas religiosas** (1907), **Totem e Tabu** (1914 [1913]), **O futuro de uma ilusão** (1927), **O mal - estar na civilização** (1930 [1929]), **Moisés e o monoteísmo** (1939 [1934-1938]).

A psicanálise, apoiada na experiência vivida e em uma prática essencialmente interpretativa – hermenêutica – que se refere ao dado vivenciado, é uma ciência conjectural, de “estilo probabilístico”. Tal ciência só pode manter os seus conceitos fundamentais pela razão argumentativa, enquanto estes conceitos se submetem a uma práxis que “trata” o real do rito pela via do simbólico e constituem no seu valor operacional pela sua função heurística, a arte de inventar ou descobrir por meio da investigação de documentos ou fontes históricas, mantendo a tensão entre o dado fenomênico e a construção teórica. Desta forma, a dimensão ética da religião é vista por meio do método psicanalítico destinada à interpretação do rito como um elemento fundacional da cultura.

A noção de ontogênese designa o conjunto do processo de desenvolvimento e de aquisição próprios de um indivíduo, ao contrário de noção de filogênese, que diz respeito aos processos de evolução e de aquisição próprios de uma espécie. Filogênese e Ontogênese não são independentes: as aquisições

individuais só são possíveis nos limites fixados pela espécie e, inversamente, o processo de aquisição da espécie é mediatizado pelas aquisições individuais.

Expressões reveladas pelos fiéis crentes e espectadores, em particular dos evangélicos da Igreja Renascer em Cristo, nos permitem inter - relacionar essas práticas religiosas com o desejo que é “invocado como o fundamento da ética psicanalítica, a debilidade implícita da castração simbólica. Neste sentido, o desejo responde a uma perda de consistência, a uma falta estrutural no ser humano” (DROGUETT, 2000:13) ⁷. A falta como estrutura subjetiva determina este movimento do ser em buscar colocar algo no lugar desta falta. Do ponto de vista ontogenético, a analogia é objeto de constatação e interpretação, ela se estende, além do domínio do imaginário...

Em **Atos obsessivos e práticas religiosas** (1907), o referencial de Freud é a minúcia dos ritos judaicos que permeiam toda existência cotidiana do fiel, e que se expressam em uma série de obrigações e proibições; estas práticas são muito mais adequadas para a analogia proposta do que no ritual cristão, seja católico, seja protestante. Freud seria, assim, um idólatra, no sentido judaico do termo, tendo renegado a religião dos seus ancestrais em nome da ciência pagã. Ao salientar analogia entre as esferas “Atos obsessivos e práticas religiosas”, esse autor ressalta o detalhe com que são executados os respectivos cerimoniais, cuja finalidade consiste em impedir o surgimento da angústia que, inevitavelmente, virá

⁷ O conceito de castração simbólica corresponde ao complexo e à angústia de castração, progressivamente reconhecidos por Sigmund Freud como universais, ligados à fase fálica do desenvolvimento libidinal e da organização edipiana; ele dá conta de numerosos sintomas, como as fobias, formas expressivas da angústia, assim como do complexo de inferioridade, do tabu da virgindade e da inveja do pênis. A angústia de castração tem seus antecedentes nas experiências anteriores de separação: nascimento, desmame, perda do objeto anal. O complexo de castração tem modalidades particulares nas diversas organizações psicopatológicas, em particular, nas neuroses e nas perversões DORON e PAROT (1998: 130).

à tona caso as condutas protetoras não sejam seguidas à risca. Contra o que se protege o crente obsessivo? Contra o retorno do reprimido, das pulsões parciais da sexualidade infantil, especialmente as vinculadas à analidade e a agressividade. Tais impulsos, fontes de grande prazer na época arcaica da infância, serão rigorosamente exorcizados, processo no qual Freud vê um dos fundamentos do desenvolvimento cultural (FREUD, 1907:128). Este desenvolvimento é paralelo ao da repressão, cujas etapas, traçadas na esfera do individual, são reencontradas no plano da história da humanidade. Três momentos marcam o progresso da repressão: o primeiro elimina como ilegítima as manifestações das pulsões parciais, restringindo a sexualidade à genitalidade; o segundo, embora admitindo apenas as manifestações genitais, permite uma ampla gama de escolha dos objetos sexuais; por fim, o terceiro, limita o exercício da genitalidade à reprodução no interior da família⁸. Cada um destes momentos vai excluindo do acesso ao “permitido” um número maior de indivíduos, cuja constituição sexual não se acomoda à norma, e que por isso passam à categoria de delinqüentes, como se a moral fosse uma emanção da natureza e não uma instituição social.

As perversões admitem, assim, uma dupla caracterização: por um lado consistem no prolongamento das pulsões parciais infantis, em virtude de fixações especialmente intensas; por outro, o padrão da normalidade é iminentemente

⁸ Segundo Freud, as pulsões são quatro: a fonte, o impulso, o objeto e a sua finalidade. Elas são parciais por essência e transforma-se de acordo com seus destinos: inversão, desvio, recalçamento e sublimação, entre outras (CHEMAMA, 1995, APUD. DROGUETT, 2000: 91).

variável no tempo e no espaço, segundo o estágio da “história da repressão”, em que se encontra a sociedade considerada.

Do ponto de vista filogenético, no qual podemos sem dificuldade incluir as representações religiosas ao das instituições, o que é algo completamente diferente, a psicanálise formula a hipótese do “assassinato primordial”. Freud visa dar conta, entre outras coisas, da instauração da sociedade civilizada por meio da proibição do incesto, a pedra angular do direito e da ordem política e, ao mesmo tempo, pelos efeitos inconscientes do crime, das gêneses da religião como reconciliação imaginária com o pai morto, e do vínculo social como determinado pela identificação recíproca dos irmãos. Ambas as coisas – projeção recíproca e vínculo social – correspondendo às diferentes expressões do sentimento de culpabilidade.

Ao ser levada ao seu ponto extremo, esta idéia fará surgir a religião como a “face neurótica da humanidade”. Assim como a criança passa por uma etapa de neurose infantil, devido à impossibilidade de fazer frente ao conflito entre as múltiplas exigências pulsionais que nela demandam satisfação e as provisões culturais que se devem necessariamente assimilar sob pena de psicoses, também a humanidade “passa” em sua evolução secular por estados análogos às neuroses, precisamente pelos mesmos motivos. Isto é, em seus tempos de ignorância e de debilidade mental a humanidade teve que levar a cabo, exclusivamente por meio de processos afetivos, as renúncias pulsionais indispensáveis à vida social (MEZAN, 1990: 545).

A origem das práticas religiosas aparece neste contexto assinalada pela psicanálise como uma invenção da civilização para conciliar os seres humanos

com suas mazelas, e também com aquilo diante do qual ele é impotente: a morte, os cataclismos naturais, o terror inerente à pequenez do humano e à desproporção entre seus meios e a natureza. A religião preenche esta função apaziguadora criando a ilusão de que estes fenômenos são apenas aparentes, e que os deuses ou Deus velam por sua proteção. Esse Alguém é fruto de uma projeção, pela qual o pai infantil é transformado em Deus, e a condição humana assimilada como a de uma criança indefesa. Ilusão ou delírio, tais representações se afastam da verdade perceptível pelos sentidos ou dedutíveis de observações válidas, o que compromete decisivamente seu valor. Estas não são idéias originais, a tradição filosófica as formula de diferentes maneiras a partir do século dezessete.

O que caracteriza uma das vertentes do pensamento moderno é precisamente a busca dos elementos que falseiam as verdades das representações, indispensável para a constituição de um saber rigoroso e eficaz no domínio da natureza.

Para Francis Bacon (APUD. SCIACCA, 1968) os “ídolos” que figuram nas representações dotadas de autoridade pela tradição são objetos de um atento estudo ⁹. E não é difícil demonstrar o parentesco entre “personificação freudiana” e o antropomorfismo que para Bacon engendra os ídolos. A pré-condição desta denúncia dos pré-conceitos contrários à razão é a doutrina de que todo conhecimento deriva das impressões sensuais, o que significa um retorno do pensamento aristotélico que vai servir de arma de guerra contra a religião.

⁹ cf. SCIACCA, Michele F. **História da Filosofia**, S.P.: Mestre Jou, 1968, v. II, pp.65.68.

Os detalhes históricos deste processo de modernização, no qual a religião não é vista apenas como um conteúdo teórico, mas, sobretudo, como instrumento de dominação a serviço de classes antagônicas, a burguesia constitui um elemento de alta complexidade que não cabe abordar neste trabalho. Notamos que em Thomas Hobbes (1588-1679) e em Baruch Espinosa (1631-1677) o medo e a angústia, cujas causas reais são ignoradas, estão na base das crenças religiosas ¹⁰. Medo e angústia que serão explorados pelo clero e por aqueles que este serve para consolidar seu domínio político. As paixões coletivas surgem, assim, como obstáculos para um conhecimento verdadeiro, e a crítica da imaginação e da superstição será uma etapa necessária para o estabelecimento da ciência.

A religião é para o Século das Luzes algo da ordem da mentira, da máscara, do engano, algo que tolhe o entendimento e o impede de funcionar adequadamente. Isto porque a razão é vista como uma propriedade do indivíduo; a religião se opõe a ela com a inércia do passado e do coletivo, graças ao qual o entendimento pensante tem que ser purificado, a fim de desenvolver seu poder cognitivo.

A partir do surgimento da obra de Hegel, já citado nesta dissertação, em **Fenomenologia do Espírito** (2005), a história passa a ser considerada como Espírito que se desenvolve no tempo, e a religião vai ser concebida como o momento necessário e legítimo da alto-revelação do Espírito: ela será a

¹⁰ Sobre religião, o pensamento de Hobbes e Espinosa pode ser encontrado em obras clássicas de vários autores, dentre eles: PADOVANI, Umberto. **Filosofia da Religião**: o problema religioso no pensamento ocidental. São Paulo: Melhoramentos/ Ed. USP, 1968; em SCIACCA, Michele. F. **História da Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1968, v.II; em PADOVANI, Umberto e CASTAGNOLA, Luis. **História da filosofia**. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

“consciência de si do Espírito do elemento da Representação”, como lemos na fenomenologia. Com este autor a religião ganha a dignidade que não possuía no pensamento até o século dezoito, como momento constitutivo do advento do espírito e como forma de expressão privilegiada do “espírito no Mundo”; ela não é mais um escamoteio, destinada a escravizar os seres humanos pela ignorância e pelo temor, mas uma etapa indispensável na história da humanidade.

Cabe destacar um dos pensadores pós hegeliano, Ludwig Feuerbach, que propõe uma teoria da religião aproximando-se em pontos essenciais da concepção freudiana e com o qual faremos nossas últimas considerações sobre “Atos obsessivos e práticas religiosas” no seu viés onto e filogenético.

Na célebre obra **A Essência do Cristianismo** (2007), de Feuerbach, a religião repousa sobre aquilo que distingue o ser humano dos animais, isto é, a consciência de ser uma espécie, de que sua natureza é de um ser genérico. O objeto da religião é a essência genérica do ser humano, objetiva só a forma de Deus.

“Mas, quando definimos a religião ou a consciência de Deus como a consciência de si do ser humano, não se deve entender isso como se o ser religioso fosse diretamente consciente de que sua consciência de Deus é a consciência de si de sua própria essência, pois é justamente esta falta de consciência que funda a essência própria da religião. Para afastar o mal entendido, é melhor dizer: a religião é a primeira consciência de si do ser humano, e ela é indireta (...). O ser humano projeta primeiramente sua essência para fora de si, antes de reencontrar em si mesmo. Seu próprio ser lhe é dado a princípio sob o aspecto de um outro ser”. (FEUERBACH, 2007: 214).

Para Feuerbach, a religião é a primeira consciência de si do ser humano, enquanto ser genérico, e é indireto porque o mecanismo da projeção permanece oculto fazendo com que o resultado da projeção – a figura divina – apareça como autônomo e dotado de características próprias. Enquanto que, para Freud, o ser humano não se define pelo genérico, mas por ser dotado de uma vida psíquica em que o inconsciente e a repressão têm um papel fundamental.

Em suma, algo que em Feuerbach é simplesmente dado – consciência indireta de si –, em Freud é explicitado: a projeção é inconsciente porque resulta da repressão e corresponde a um modo de “pensar” característico do inconsciente. Cabe salientar que os modelos de análise freudiana da religião são sempre a paranóia e a neurose obsessiva: a primeira fornecendo o esquema da projeção, que dá conta da gênese das representações, e a segunda, o esquema da compulsividade, que dá conta das origens do ritual.

Neste item, procuramos estabelecer os princípios nos quais se baseia o fenômeno religioso em uma leitura onto e filogenética realizada na perspectiva psicanalítica que situa as práticas ritualísticas como um elemento fundacional da cultura. Para Freud, tais práticas se dão na ordem da ilusão; sua fonte é, em última instância, o desamparo infantil que constroe no imaginário individual um Deus capaz de confortar e proteger da angústia existencial sempre latente na experiência social da realidade. Os princípios enunciados sobre a ritualização das práticas religiosas adquirem atualidade no mundo contemporâneo nas representações que a mídia promove no cerne da chamada cultura midiática, na qual os registros da produção, da armazenagem e da divulgação nos permitem

observar que novos altares têm sido erigidos para espetacularizar os nuances da subjetividade e do comportamento humano em formas concretas de ritualização.

Por isso que a religião se transforma em uma “ilusão necessária”, que Freud cita como característica da “neurose obsessiva”.

Os comportamentos ritualísticos dos atos obsessivos pertencem às mesmas situações das pessoas que vivem e elaboram os pensamentos obsessivos. Não se tem provas ou situações concretas de que estes comportamentos sintomáticos estejam somente na esfera da enfermidade. O sintoma é um signo, como tal faz parte do registro do simbólico, é um comportamento que contém uma realidade manifesta e latente. Essa realidade latente é a que deve ser decifrada. O latente está no manifesto e deve ser interpretado, mediante a observação para se chegar à causa para se diagnosticar. São certos comportamentos que levam em si uma causa que não é evidente, deve-se interpretar como uma razão. Confrontar o sintoma com a realidade para ver onde está o trauma.

Não há interesse, aqui, em ver neste tipo de comportamento aqueles princípios da psicanálise que nos remetem a patologias como psicose, neurose e paranóia. A psicanálise sempre é vista por este ângulo, está circunscrito no senso comum no campo patológico e, para este trabalho, é um método crítico da cultura. A psicanálise pode ser usada para analisar o fenômeno religioso do ponto de vista de ser uma manifestação cultural ou uma expressão cultural para tratar outro fenômeno, o fenômeno de massa. Tema que Freud trata em **O mal - estar na civilização**. (1930 [1929]).

As apresentações cerimoniais destas práticas ritualísticas aparecem nos textos de Freud **Atos Obsessivos e Práticas Religiosas** (1907), e sofrem quase que insignificantes propostas de mudança procuram sempre manter uma seqüência nesta ritualização, uma ordem nos seus arranjos segue uma cronologia de convencimento que preenche as necessidades também por hora condicionada por parte dos seus fiéis espectadores; estes mesmos espectadores são incapazes de se afastar destas situações apresentadas pelo cerimonial religioso, o que aumentaria significativamente uma ansiedade exacerbada, provocando, assim, um confronto com o espectador fazendo-o sentir-se totalmente desprotegido.

III- A TV, o novo altar da ritualização

Um dos desafios mais essenciais para pensar a comunicação na atualidade, sem dúvida, tem a ver com a rigorosa compreensão do lugar que ocupa a comunicação no mundo de hoje, em especial na sua visão midiática. A incidência da comunicação na sociedade e nas modalidades de sua conexão com a contemporaneidade tem mobilizado os diversos setores culturais como a religião entendida neste sentido.

Sendo a televisão o meio de comunicação de massa por excelência, aspectos da transmissão cultural resultam relevantes visto que o meio televisivo tem-se transformado no novo altar da ritualização.

A transmissão cultural é um processo pelo qual as formas simbólicas são transmitidas dos produtores aos receptores. Neste sentido, é importante salientar a natureza do meio para compreender melhor seu uso. O meio televisivo utiliza-se da técnica como um substrato material das formas simbólicas, fixadas na velocidade do tempo e na concepção dos espaços sociais de acordo com o “princípio de realidade”. Assim, o meio técnico televisivo tem três características que lhe são próprias: fixação, reprodução e participação. O uso do meio técnico possibilita aos receptores desta mídia novas formas de organizar o espaço e o tempo.

Também é importante notar que o uso do meio televisivo pressupõe um processo de codificação por parte do receptor que emprega este canal. Domínio das regras e dos procedimentos mais relevantes que permitam a compreensão

das mensagens, da maneira de se relacionar com elas e da maneira de integrá-las à sua vida.

Outro aspecto da transmissão cultural define o aparato institucional como um determinado conjunto de arranjos organizacionais dentro do qual o meio técnico é empregado para codificar e decodificar as formas simbólicas nas quais estão inseridas.

A comunicação de massa pode alterar as dimensões temporais e espaciais da vida social. O uso do meio técnico permite aos receptores transcender estas fronteiras que são uma característica da interação do “face a face” do telespectador com o “olho” da câmera. A separação entre espaço e tempo preparou o terreno para a descoberta da simultaneidade que na contemporaneidade não pressupõe a localização nem a constatação de que o tempo supõe o espaço. O processo pelo qual as formas simbólicas são transmitidas contempla a idéia de uma linguagem específica transmitida pela televisão e que corresponde a um ponto de vista em movimento da indústria midiática que é essencialmente “interativa”. Esta questão nos leva a pensar como as formas simbólicas constroem o significado e, também, como os receptores o constroem, deixando em evidência as teorias da mediação comunicativa que privilegiam o próprio meio como local crítico da construção do receptor. Neste sentido, o receptor passa a ser uma variável dependente, uma consequência; é o produto, a criação da mídia.

As teorias da recepção tiveram um grande desenvolvimento nos estudos culturais e é importante destacar que os movimentos em direção a essas teorias resultam da impossibilidade de verificar empiricamente os efeitos da mídia sobre a

“fonte prevista e fonte alvo” na persuasão psicológica ou na coerção ideológica promovida pelo meio.

A teoria da recepção é um produto dos valores sócio - políticos dos teóricos que acreditam na idéia de que o receptor deve participar ativamente na construção da cultura e que uma prioridade de pesquisa é oferecer uma compreensão da atividade do receptor como base de uma política de democratização da mídia. E também as políticas de desenvolvimento nacional, cuja premissa é o uso da mídia sob o controle nacional central para “reeducar” o povo e integrar os cidadãos em um sistema único. Esta é pelo menos a posição presente nos estudos realizados na América Latina sob a consigna dos “meios e das mediações”. Mas existe uma tendência latente a estudos mais estéticos e à dimensão lúdica da cultura popular, como a proposta por esta escola Latino Americana encabeçada pelas teorias de Jesus Martin BARBERO na sua obra **Dos Meios às mediações** (2003).

No esteio desta discussão surge a dialética da televisão pura, apresentada por Régis DEBRAY em **Vida e Morte da Imagem** - história do olhar em ocidente (1994). O autor propõe aí quatro antinomias a respeito da função televisiva no contexto sócio – cultural e que resumimos da seguinte maneira:

1) A televisão serve a democracia versus a televisão perverte a democracia. Os profissionais da imagem são especialistas em idéias que no universo televisivo se perdem. Sabe-se que a televisão é um objeto que os intelectuais odeiam e os políticos se vêem forçados a amar. A televisão é democrática, dirá a tese, pois todo mundo a vê e todo mundo fala dela. Igualdade de acesso é indispensável para o exercício da democracia, já que a televisão tem pouca longitude ou pouca

extensão para a destruição dos laços sociais, operada desde antes de sua aparição no contexto da industrialização. A aldeia global de substituição do novo espaço público permite integrar no espaço político, assim como nas grandes festividades coletivas a velhos, doentes e a todas as camadas marginais que no pior dos casos ficariam excluídas. Nunca antes tantos cidadãos participaram da vida pública, foram informados, se expressaram e votaram de maneira tão igualitária. Ao se converter a vida pública em um espetáculo de sedução, a política se tem feito menos elitista, mais atraente para um maior número de pessoas simples, causando efeitos de apaziguamento e tolerância. Ao desativar os ódios coletivos e reduzi-los a disputas pessoais e retóricas, este meio audiovisual destitui a histeria substituindo a incomunicação pelo diálogo, a excomunhão pela comunicação, os golpes na cara pelo duelo oratório. Portanto, a televisão é o órgão mais democrático das sociedades democráticas e um formidável meio de comunicação das pessoas entre si, segundo afirma Dominique WOLTON em **Elogio do grande público** (1996).

Hoje em dia a imagem é lei, determina os índices de popularidade, a composição dos governos, as hierarquias no Estado, o calendário e os conteúdos no discurso público. Mas como “o meio é a mensagem”, segundo as palavras de MCLUHAN, em sua obra **Os meios de comunicação como extensões do homem** (2002), é a televisão uma sustância “de entretenimento”, a coisa pública converte-se em uma variedade de variedades, o meio político e uma colônia de *Show Biz*.

Por outro lado, a regência televisiva reduz as possibilidades do pluralismo. É um fator de alienação e não de expansão das melhorias. A onipresença da imagem aparece como um fator de desregularização de mecanismos de delegação democrática não só porque valoriza o contato, mais do que o conteúdo, e sacrifica a argumentação articulada pela “frase breve”, recurso adotado regularmente pela imprensa do dia seguinte. O curto circuito das mediações do espaço jurídico institucional possibilita que a imagem televisiva desvitalize os corpos reguladores da República como: Parlamento, Justiça, Escola e Imprensa Pública. O último estágio da comunicação alcança, assim, o mal estado das comunicações (DEBRAY, 1994:279-285).

2) A televisão abre para o mundo versus a televisão escamoteia o mundo. Elogia-se o fator sem precedentes da abertura materializada pela televisão em relação aos “outros”, o fim das fronteiras e o advento do cidadão universal e a era pós-nacional, ao promover o ressurgimento das línguas vernáculas, ao nacionalizar a Deus e as Igrejas em detrimento da antiga catolicidade romana. Tal empreendimento tem contribuído para desintegrar os grandes impérios, participando no surgimento do nacionalismo e regionalismo.

A televisão certamente tem aberto os corações e os espíritos tanto dos sofrimentos como das opressões outrora invisíveis; prova disto são as promoções dos direitos humanos e a moda da “caridade” nos negócios. A televisão tem criado uma espécie de opinião midiática, de tal modo que agora é mais fácil massacrar impunemente. Mas toda imagem difundida é uma relação social metamorfoseada em emoção individual, agradável e dolorosa ao mesmo tempo. Na era da integração em redes mundiais de informação não há um Deus onividente, nem um

dever de inserção fundado na tela como valor universal, pois a superestrutura técnica proposta pela televisão é “a consciência do mundo” (IDEM: 286-288).

3) A televisão é uma formidável memória versus a televisão um funesto filtro. Tecnicamente, a televisão é o melhor dos aparatos para eternizar a vida. Agora o documento, suporte material deixado por um ser vivo, pode ser libertado do desgaste do tempo. A liberdade do cidadão e do espírito funciona na re-apresentação, não na presença; depois, não no momento; pelo argumento, não pelo efeito. Neste sentido, há de se levar em consideração a originalidade da televisão em comparação ao cinema, sua superioridade em relação ao rádio e sobre os meios de informação escrita, especialmente em tempos de crise radicam na supressão ininterrupta da distância, das demoras e dos atrasos.

A televisão, em primeiro lugar, é mais rápida; em segundo, é mais “quente”. Acalma a impaciência e o temor à solidão. Os períodos de crise, simulados ou não, reforçam os laços comunitários, aquecem o corpo social e impulsionam o reagrupamento tribal, e a televisão está, então, em condições de funcionar como uma caixa de ressonância (IDEM: 289-292).

4) A televisão é um operador de verdade versus a televisão é uma fábrica de sonhos. O “efeito de realidade” na tela da televisão oferece uma armadilha, carece de causa.

Diante dessas imagens em tempo real passa-se espontaneamente ao outro lado da tela em realidade registrada. A imagem é abolida como imagem fabricada e a presença pseudo-natural nega-se como representação. Aqui reside a mitificação da televisão: o arbitrário apresenta-se como necessário, o artifício como natureza, pois há uma subjetividade detrás do objetivo, todo um trabalho de

seleção por trás da imagem selecionada entre múltiplas possibilidades mostradas em lugar delas, um jogo complicado de fantasias, de interesses e, às vezes, de azar (IDEM: 293).

A partir desses pressupostos da “dialética” da televisão, enunciada por Régis Debray, podemos inferir que este meio de comunicação de massa funciona como uma espécie de “tabelião da realidade”, oferecendo um cardápio cultural que se espalha ao longo das quatro coordenadas cartesianas da história do ser humano. A mídia constitui uma variedade de todos os extratos culturais do presente e do passado, oferecidos simultânea, contígua e globalmente. Desta forma, o ser humano se encontra presente na contemporaneidade com todas as épocas, já que nesta realidade midiática desapareceu a sucessão cronológico-causal dos acontecimentos históricos, assim como as barreiras entre as diferentes culturas; é o reino da pluriformidade das diferenças, onde, na verdade, estas diferenças se dissolvem em nome da uniformidade e da pretensão de totalidade, com o afã de criar uma espécie de presente cultural contínuo.

Esta última característica gera uma nova dimensão existencial e uma nova percepção da realidade, influenciando consideravelmente os modos de subjetivação e o comportamento humano.

Nesse sentido, usamos a analogia da televisão como novo altar da ritualização para expressar a observância e cumprimento das normas que pautam a vida em sociedade, seja pelo viés do consumo ou pelo viés da espetacularização no exercício da “democracia”, vista como o privilégio de poucos e o serviço de muitos na dinâmica da integração ou da exclusão da vida comunitária. Essa comunhão litúrgica se dá no âmago simbólico da informação e

do entretenimento que o meio de comunicação propicia, permitindo a fixação, reprodução e participação dos conteúdos favorecidos. Outro fator aludido na dialética de Debray refere-se à participação no rito, uma “abertura” para cruzar o limiar da alteridade que favorece a emoção, o sentir promovido pela técnica que, aliada à ciência, fez surgir a mídia como consciência do mundo, dotando-a dos atributos que outrora pertenciam a Deus: onipotência, onisciência e onipresença.

Eternizar o momento constitui-se no argumento litúrgico por excelência, pois re-apresenta a ordem e a forma dos ofícios midiáticos com que essa nova maneira de ritualização rende culto à sociedade da informação e do espetáculo, na qual não há mais sujeito nem objeto e o mito e o rito são puro efeito do correlato: ciência e tecnologia, a nova metafísica do mundo contemporâneo.

Por fim, a verdade se impõe nessa nova ordem ritualística, a partir da mitificação das fantasias, da simulação e do simulacro, respondendo aos interesses do poder econômico imperante que estabelece Juízo Final das coisas na sociedade atual.

Para definir a sociedade como estruturada e ambientada pela comunicação, podemos enumerar alguns requisitos que, em determinadas situações, devem servir como indicadores da pertinência e da sintonia de uma sociedade em relação às ritualizações que a mídia televisiva promove na configuração do espaço construído na cultura contemporânea:

- 1) Na expansão quantitativa da comunicação, principalmente na sua modalidade midiaticizada e na sociedade estudada, constata-se com facilidade uma base de dados números de meios disponíveis, como quantidade de tiragem e de audiência, a dimensão das redes em operação, etc.

2) Diversidade das novas modalidades de meios presentes no espectro societal, observada através da complexidade “da ecologia da comunicação”, das modalidades diferenciadas de meios existentes e da história recente da proliferação e diversificação.

3) O papel da comunicação midiaticizada como modo de experimentar e conhecer a vida, a realidade e o mundo, captado mediante dispositivos e procedimentos qualitativos e quantitativos, como o número de horas que os meios ocupam na cotidianidade das pessoas.

4) A presença e o alcance das culturas midiáticas como circuito cultural que organiza e difunde socialmente comportamentos, percepções, sentimentos, ideais e valores.

5) Ressonâncias sociais da comunicação midiaticizada sobre a produção de significação intelectual e de sensibilidade afetiva social e individual.

6) Prevalência dos meios como esfera hegemônica de publicitação na sociabilidade estudada entre os diversos “espaços públicos” socialmente existentes, articulados e concorrentes.

7) Mutações espaciais e temporais provocadas pelas redes midiáticas em busca de forjar uma vida planetária em tempo real.

8) Crescimento vertiginoso dos setores orientados à produção, circulação, difusão e consumo de bens simbólicos (PUNTEL, 2005:48).

Todas estas variáveis nos serviram para analisar o papel da televisão nas suas mediações comunicacionais ritualísticas em uma sociedade estruturada e ambientada pelo meio televisivo. O conjunto destas facetas e sua relação com a

“dialética televisiva” devem confirmar e permitir avaliar o grau deste ambiente transbordante de comunicação que tece e envolve o estar no mundo, no tempo e no espaço presente, além de apontar as possibilidades de aprofundar criticamente o alcance dessa tela midiática a serviço da fé. É necessário esclarecer o termo mediatização devido à diferença com mediação que, por sua vez, se distingue de interação, a forma operativa do processo mediador.

Efetivamente, toda cultura religiosa implica as mediações comunicacionais: simbólicas, ritualísticas, institucionais e tecnológicas como linguagem e leis que orientam esse fenômeno, entendido aqui como a socialização do tempo, na construção do espaço da ritualização. Na palavra mediação está presente a idéia de fazer ponte ou fazer com que se comuniquem duas partes, isto se desprende do poder originário da discriminação, de fazer distinções, o que significa o potencial do espaço simbólico, fundador de todo conhecimento. Por esta razão, a linguagem televisiva é considerada uma mediação global e o alicerce sobre o qual o campo da comunicação também pode construir seus projetos.

A mediatização é uma nova ordem de mediações socialmente realizadas – um tipo particular de interação, aquilo que chamaríamos de tecnomedias – caracterizada por uma espécie de extensão tecnológica e mercadológica da realidade sensível que representa o fenômeno religioso na dimensão inteligível de ritualização.

Desta forma, estabelecidos os pressupostos da realidade televisiva, estamos em condições de analisar os programas da Rede Gospel de Televisão, porta-voz da Igreja Renascer em Cristo.

Mas, antes de entrar no segundo capítulo, convém mencionar, a modo de fechamento, quais são os princípios das ações rituais.

Michel MESLIN, em seu livro **A Experiência Humana do Divino** - fundamentos de uma antropologia religiosa (1992), analisa as ações rituais a partir de quatro categorias das quais escolheremos duas que representam de forma clara o que viemos discutindo até aqui, são elas: a sacralização do tempo e espaço cultural e espaço sagrado.

1) A sacralização do tempo: a insistência no papel do sujeito individual na experiência religiosa, por mais justificada que seja do ponto de vista ontogenético, na dispensa procurar compreender os sentidos das ações coletivas, do ponto de vista filogenético, pelas quais o ser humano tenta experimentar o divino entrando em contato com ele. Ultrapassar a experiência individual é necessário, porque todo sujeito “participa de uma vida comum e superior cuja experiência poderia ser a repercussão na alma individual” (MESLIN, 1992:115) e, sobretudo, porque toda experiência religiosa se exprime em parte por ações culturais. A afirmação teórica de uma fé, formulada em um corpo de doutrina, é realizada nos ritos, como lembra o códice monacal *Lex Orandi, Lex Credendi*.

Podemos destacar que todas as ações rituais, diretamente inspiradas por uma vontade de se re-ligar ao divino, são a expressão prática de uma experiência religiosa e os lugares onde esta se realiza. Mas tais ações também são a expressão social dessa experiência. Elas estabelecem, com efeito, um laço muito estreito entre o indivíduo crente e o grupo que professa a mesma fé.

O tempo é uma das referências cósmicas com relação às quais o ser humano se situa; ele constitui, assim, uma das categorias fundamentais da psicologia e um dos componentes essenciais de toda cultura. O ser humano, diante desse tempo em que ele vive e foge, há muito procurou organizá-lo para que sirva à sua felicidade, à realização de suas preocupações essenciais, à realização de seus desejos. Ele não pode abolir a fuga do tempo, mas pode tentar tornar propícia a sua ação ao tempo que vem e que, como ele espera, é um tempo ainda livre. A cada momento de sua existência, o ser humano sente que um tempo já passado termina e imagina o começo daquele que vem. É normal que ele procure “instituir” esse tempo novo – e na origem de toda a sua sacralização em seguida, mantê-lo e, enfim, regenerá-lo. Mas é evidente que esta tríplice ação do ser humano sobre o tempo, que visa exercer sobre ele uma espécie de domínio, só é realizável em uma relação particular com o divino.

O tempo instituído pelo ser humano só pode sê-lo em conformidade com a própria ordem do mundo. É o que já tinha pensado o helenismo, para o qual a observação do movimento dos astros implicava uma concepção cíclica de um tempo que volta continuamente, de um “eterno retorno”. Este tempo cíclico, manifestação da revolução dos astros em seu movimento uniforme, reproduzindo-se através dos elementos móveis, é também a imagem da eternidade, imóvel, invariável e sempre idêntica. Ele nasceu de uma reflexão filosófica que não coincide necessariamente com o tempo que o ser humano faz a experiência cotidiana em sua própria vida. A onipresença do tempo biológico suscita uma percepção bem diferente: a de um tempo que ninguém pode reter e no qual tudo que nasce para a existência é chamado, desde esse instante, a conhecer um dia a

decrepitude e a morte. Esse tempo do nascimento e da marcha inelutável dos seres para o desaparecimento se acha sob a jurisdição do tempo imutável: todas as coisas humanas dele recebem seu começo e seu fim seguindo um caminhar uniforme que é igual para todos (MESLIN, OP. CIT: 116).

“O tempo é o aspecto numerável do movimento”, segundo Aristóteles. Desde essa perspectiva é que poderão se desenvolver diversos rituais de sacralização do tempo, que é marcado em um grande número de culturas pela instituição de um tempo festivo.

Esse tempo festivo aparece quase sempre ligado a uma ação ritual que dá ampla margem à memória religiosa. A função religiosa da memória tem a ver com o registro afetivo das experiências que se dão na cultura oral de um tempo primordial, cujo retorno momentâneo justificaria os excessos e as transgressões da festa. Este *In Illo Tempore* será a recordação inconsciente do que se tornou real pela mediação cultural dos mitos. O ritual, que realiza um processo de identificação, não tem por acaso a finalidade de fazer reviver pelos participantes da festa um tempo original, tempo primeiro da infância que a recorda um verde paraíso dos amores infantis, muito rapidamente degenerados em jogos proibidos, fora dessa obliteração do tempo vivido que o tempo da festa constitui? Questiona-se Michel Meslin antes de afirmar que o tempo da festa se apresenta, muitas vezes, como um tempo de excesso permitido, ordenado, chegando às vezes à “violação” de uma proibição. Em todo caso, como o lugar onde explode um desejo coletivo de contra-ordem e não tanto de desordem, com ritos de inversão social e/ou sexual.

Mas como as condições atuais na qual a festa se realiza não são mais aquelas desse tempo primordial que ela recorda, não pode ser vivida senão como uma transgressão do cotidiano. É unicamente com esta condição, a de uma recreação de uma ordem diferente e que pode aparecer como uma desordem provisória, que a festa situa aqueles que dela participam no estado de um paraíso, que como tal é visto porque está perdido para sempre.

No ritual da festa o ser humano se lembra dos gestos e das ações do deus, do ancestral ou do herói fundador e ele os reproduz escrupulosamente, lança sobre esses modelos do tempo passado a responsabilidade das transgressões presentes que devem reativar o mundo, uma vez que é do caos primordial que nasceu a ordem atual.

Levando-se em conta os rituais da transgressão e da violência, que anima muitas vezes esse tempo festivo, pode-se pensar que se trate da lembrança inconsciente do assassinato do Pai – hipótese de **Totem e Tabu** (FREUD, 1913[1912]) – ou, conforme a mais recente hipótese na obra de René Girard, de uma lembrança ritualizada de uma crise de violência primordial que permite ao grupo humano reencontrar sua unidade em torno da vítima expiatória, cuja ordem cultural seria assim fundada pelo assassinato (GIRARD APUD. MESLIN, 1992:123).

A originalidade do cristianismo, na qual se recriam os ritos da Igreja Católica e protestante, segue a tradição judaica levada às conseqüências mais lógicas e afirma que a imanência do divino realmente se deu no tempo histórico da Encarnação do Verbo, do Filho de Deus. É um fato único, decisivo, realizado uma só vez e uma vez por todas, mas que tem suas causas e conseqüências: a

salvação coletiva de uma humanidade já resgatada da morte do pecado. E essas causas e conseqüências não se situam em um tempo cósmico primordial, mas no tempo vivido por todo um povo “escolhido por Deus”. Seria, porém, errado reduzir a encarnação exclusivamente à dimensão factual, cuja historicidade se poderia vir a discutir, como de fato se fez, pois para os cristãos, Jesus é Filho de Deus, morto e ressuscitado; Ele retorna à “glória” do Pai de onde voltará para julgar os vivos e os mortos. Desta forma desenvolve uma nova concepção do tempo, a partir de um princípio, a encarnação, que tende à sua meta final, a Parusia ¹¹. Trata-se de um tempo existencial fundado na verdade, pois ele é apresentado como o tempo da salvação de todos e cada um.

Para chegar a este ponto, o cristão se utiliza de um tempo litúrgico que é um recurso pedagógico fundado sobre a memorização e a imitação, e que favorece no ser humano um comportamento particular. Ao contrário do tempo linear voltado para a Parusia, esse tempo ritualizado, litúrgico, possui uma estrutura cíclica.

O tempo litúrgico impõe ao tempo existencial vivido pelo cristão uma referência a um tempo sagrado, a - histórico. Ele realiza, assim, a sincronização psicológica do natural e do temporal humano, com o sobrenatural e o intemporal divino. É a dialética do “já” e do “ainda não” que permite ao crente religar o tempo que ele vive a esse tempo sagrado que figura como a felicidade eterna.

O tempo ritualizado torna o fiel contemporâneo dos próprios acontecimentos da vida de Jesus convidando-o a imitá-lo na expectativa de sua

¹¹ Parusia refere-se ao final dos tempos em que Jesus Cristo virá a julgar aos vivos e aos mortos, segundo a linguagem apocalíptica dos Evangelhos.

volta escatológica. Por este motivo, o tempo cristão é um tempo de progressos espirituais. O tempo é uma chave para entender o sentido das práticas ritualísticas do ser humano na sua experiência do fenômeno religioso, mas também um fator essencial no processo de mediação televisiva que recria na sua programação o culto do novo altar da ritualização.

2) Espaço cultural e espaço sagrado: com o tempo, o espaço é uma das dimensões fundamentais com relação à qual o ser humano deve se situar. Todas as culturas humanas se articulam para nele viverem um espaço até então sem limites e não organizado. A organização do caos original se dá pelo rito, isto é, por uma ação humana que estabelece relação entre os deuses, o mundo e o ser humano. O espaço selvagem é assim organizado socialmente; ele se torna um território muito precisamente delimitado, um lugar onde se desdobra uma ordem que não é mais da natureza, mas a do ser humano que dela toma posse para ele e os seus.

Na nossa tradição ocidental, foi a Roma antiga a que melhor expressão deu ao território no exercício de um poder político ou militar: o *Jus* foi definido nele como a esfera de ações e de parte do espaço em que todo cidadão pode fazer valer e exercer seu direito (MESLIN, 1992:128).

A organização de um espaço socializado inscreve no chão da terra do ser humano sua própria história e estabelece a ele e ao mundo relações simbólicas de linguagem.

Esse espaço sagrado, que se insere no socializado, pode ter múltiplas origens: ter manifestado neste lugar uma potência divina de alguma forma, sendo

a sacralização apenas a revocação de uma teofania; quer invoque o ser humano, por meio de ritos apropriados, a potência divina para fundar com ele e garantir para sempre esse novo espaço, quer, enfim, que o ser humano decida voluntariamente reservar a Deus tal porção de seu próprio espaço, para dele fazer um lugar de adoração que ele lhe consagra e lhe dá, transformando assim esse lugar em um santuário ¹². Este último é delimitado por um cercado que inscreve no espaço um domínio social e separa uma zona de eficiência sagrada daquilo que não é.

O espaço cultural é sagrado porque é o lugar em que se efetua pelo rito sacrificial o encontro entre o ser humano e a potência divina. É, portanto, um espaço mediador entre o profano e o divino, em que ninguém pode entrar se dele não for digno – “não te aproximes e tira tuas sandálias, pois o lugar em que estás é uma terra sagrada”, disse Deus a Moisés no livro do Êxodo, capítulo três, versículo cinco, que serve de inspiração a todas as Igrejas quando se trata de reforçar a idéia do templo, destinado ao culto.

Desta forma, toda a organização do espaço implica uma ação ritual que chega à delimitação de um espaço interior onde residem a potência, a energia sagrada e onde não podem penetrar senão aqueles que tenham a pureza exigida. O espaço cultural se torna lugar da exigência de santidade.

A própria organização ritual do espaço revela uma graduação: o ser humano delimita um espaço cultural que ele define como sagrado, colocando aí em destaque um centro que sempre aparece como um campo de potência e de força no interior do qual o ser humano se sente protegido ao abrigo das influências

¹² Entende-se por teofania a manifestação de Deus.

nefastas. Nesse espaço fechado ele entra em relação com as potências divinas que aí descobre.

O centro, no espaço sagrado, não é apenas uma realidade geométrica ou topográfica, nem uma simples construção ritual. Ele é o ponto de início absoluto em que as energias divinas irrompem e, simultaneamente é o lugar em que o ser humano faz a experiência dessa realidade total. Origem, raiz, germe dessa última realidade, o centro que delimita o espaço sagrado é ao mesmo tempo o ponto mais profundo de cada ser humano, é o lugar da referência para o qual, continuamente, devemos voltar. Esse é o campo simbólico da linguagem em que se manifesta a mesma tensão que verificamos no espaço cultural, fechado e aberto, inacessível e penetrável. O espaço cultural e o espaço sagrado constituem uma categoria do rito atualizado na realidade individual e social do ser humano contemporâneo, que encontra nos meios de comunicação social – mídia, um espaço alternativo para recriar-se na sua relação com o divino. No entanto, o fluxo do tempo real e a intermitência das informações têm configurado o chamado espaço virtual, distanciando-se proporcionalmente da vivência de proximidade, da alteridade e de comunicação que a experiência religiosa exige como fruto da consagração da presença de Deus.

Este capítulo, intitulado “O fenômeno da comunicação e a ritualização das práticas religiosas na televisão”, procurou estabelecer os princípios a partir dos quais a fenomenologia, sendo um movimento científico e espiritual, estabelece os pressupostos das ciências normativas: da lógica, da ética e da estética para compreender as crenças subjetivas e os comportamentos objetivos no âmbito da experiência religiosa, inscrita pelo poder simbólico da linguagem no mito que se

projeta na ação do rito como uma forma de aceder à divindade em busca de conforto e proteção ao estado de desamparo do ser e da humanidade. Mesmo reconhecendo a instauração de uma crise do sujeito na modernidade, e graças ao declínio da moral cristã, das sociedades patriarcais e do poder simbólico da palavra, surge um novo tipo de sociedade baseada no consumo e na espetacularização. Tal sociedade da comunicação e da informação transmuta o lugar das formas arcaicas da ritualização para os cenários mais atuais da mídia-televisão, permitindo-nos pensar este novo tempo e espaço a partir dos programas religiosos – da Igreja Renascer em Cristo – da Rede Gospel de Televisão, que nos servirá de suporte para examinar como vivencia-se a fé e como se manifestam as práticas rituais do fenômeno religioso.

CAPÍTULO II

A IGREJA RENASCER EM CRISTO, UMA NOVA PRÁTICA DA FÉ EVANGÉLICA NA TV

O fenômeno religioso e o midiático podem ser articulados de acordo com operações discursivas, gerando uma nova modalidade do rito como prática religiosa no contexto da cultura contemporânea. Uma das principais características do modelo interativo de comunicação, proposto pela televisão, consiste justamente em escolher problemáticas situacionais do público receptor para transformá-las em demandas e soluções por meio das chamadas estratégias de “salvação”, tão salientadas pela Igreja protestante Renascer em Cristo.

As questões a serem discutidas neste capítulo “A Igreja Renascer em Cristo, uma nova prática da fé Evangélica na televisão”, partem de considerar a televisão como um dispositivo técnico a serviço da mensagem de “salvação”. Neste sentido, a “salvação” opera como uma estratégia implícita no interior das formas de construção e funcionamento dessa nova religiosidade, fundamentada no princípio de uma comunidade mobilizada basicamente pela emoção. Tal fenômeno remonta a um passado distante, definido por Max Weber (1971) como o funcionamento de “uma comunidade de discípulos em torno de um portador de carisma”. Esta constante encontra-se presente na ação da Igreja Renascer, principalmente no depoimento da sua líder Sonia Hernandes ao referir-se às origens dessa Igreja no Brasil.

No mundo contemporâneo, as coisas adquirem uma grande velocidade, sobretudo no que se refere aos processos e estratégias simbólicas do discurso, que são originadas por dispositivos sócio-tecnológicos da midiatização que definem na atualidade diversos tipos de religiosidade:

- 1) A religiosidade flutuante sedimentada no ecletismo e sincretismo (CHAMPION, 2002),
- 2) A religiosidade globalizada, de estratégias locais que aponta para os sentidos flexíveis (DELGADO, 2004),
- 3) A religiosidade dos dispositivos de “telecura” e contratos de salvação (FAUSTO NETO, 2006).

Um dos propósitos deste capítulo consiste em descrever e examinar as práticas religiosas propostas pela Igreja Renascer, referentes ao “Programa de Bem com a Vida” na figura da bispa Sonia Hernandez. Entretanto, para se entender a especificidade do recorte, recorreremos às teorias enunciadas por Antônio Fausto Neto sobre as novas formas de religiosidade, sem entrar tanto no procedimento da cura que o autor analisa em função do Programa Show da Fé, e sim para desenvolver as idéias conceituais a respeito da mensagem de salvação que adquirem uma modalidade ritualística veiculada pela Rede Gospel de Televisão.

Como vimos no primeiro capítulo, antigas vivências religiosas no contexto do mundo racional aparecem como exemplares de um modo tradicional de “fazer religião” ou de legitimar tais práticas ritualísticas, mas também são formas da ação comunicativa mobilizada pelo poder da Igreja – neste caso protestante – por meio de estratégias de produção de sentido, voltadas para desenvolver o “combate

simbólico”, seja pela posse dos fiéis ou pela estruturação de um novo mercado religioso, no contexto do espaço público contemporâneo, segundo afirma Antônio FAUSTO NETO, no seu artigo “Dispositivos de Telecura e Contratos de Salvação” (2006).

Essa estratégia, a serviço da demanda do público receptor, realiza através de “pedagogias midiáticas e discursivas”, novos modos de “gestão das crenças” e também processos de atendimento das demandas relacionadas a dimensões situacionais da vida dos fiéis.

A ênfase dessas estratégias, produção de sentido, combate simbólico e demanda dos fiéis respondem à combinação de operações que articulam os dispositivos midiáticos e rituais retomados de velhas práticas tradicionais de fundo comunitário, como veremos no depoimento testemunhal da Igreja Renascer na voz de sua bispa Sonia Hernandes.

Também essas estratégias apóiam-se nas novas tecnologias da comunicação, mas misturando operações discursivas precedentes – Antigo e Novo Testamento – de outros modelos literais de linguagem – o Evangelho e cultura – a judaica. Investem em sincretismo que incorporam às suas práticas discursivas, elementos de sensualidade, transe, carisma, profecias, unções, curas, lágrimas, música e até culinária (DELGADO, 2004:92).

Mas, sobretudo, tais estratégias estruturam-se conforme “contratos” por meio dos quais criam seus interlocutores e as possibilidades de vínculo com eles pela via do trabalho de enunciação.

A comunicação “parece estar implicada no próprio ato enunciativo e no enunciado por ele produzido”, segundo Geraldo do NASCIMENTO no seu livro

A intertextualidade em atos da comunicação (2006). Assim, neste cruzamento que tentamos entre o fenômeno religioso e a mídia televisiva se revela que o lugar da produção é fundamental no seu caráter enunciativo, pois traz à tona o dispositivo discursivo e as estratégias mediante as quais os protagonistas são atores – os ministros do culto. A emissão tem um papel relevante, pois já situa o telespectador de acordo com suas respectivas finalidades enunciadas no discurso religioso da bispa Sonia Hernandez e do apóstolo Estevam Hernandez. A entrevista que em seguida veremos mostra o “Programa de Bem com a Vida”, e o peso que adquire neste tipo de discurso o papel do enunciador, do enunciatário e, sobretudo, da enunciação.

Essa visibilidade do Programa depende diretamente das condições de produção que não são necessariamente explícitas, mas também em outras enunciações, como às dos fiéis que são instituídas conforme certas condições impostas pelo discurso “investido”, ou seja, as demandas dos fiéis que segundo a lógica do dispositivo televisivo serão convertidas em problemas: temas, representações e em enunciados: Texto - produto.

O dispositivo televisivo constitui-se em um traço distintivo que designa a figura de um ou outro dos planos: o conteúdo é expressivo da linguagem, considerada como mínimo segundo nível de pertinência escolhido e reconhecido como diferente em relação à outra figura. O dispositivo como traço distintivo tem o nome de “sema”, no plano do conteúdo, ou “fema”, no nível da expressão, uma vez integrado na categoria semântica ou fonética apropriado.

A enunciação do discurso no campo midiático – religioso é um “discurso investido” dos fiéis e situa-se como linguagem fechada, cujas saídas são

bloqueadas (BARTHES, 2005:206). Este discurso se designa só com base na força do campo que está representado e no poder do discurso que o institui.

A partir desses princípios discursivos, que possibilitam a apreensão do fenômeno religioso através da vivência dos telespectadores com o dispositivo televisivo – altar das representações, a instituição religiosa –, a Igreja Renascer em Cristo produz operações de sentido por meio do Programa “De Bem com a Vida” associadas às problemáticas contemporâneas que, em primeira e última instância, representam, segundo seus próprios líderes, uma nova experiência da fé.

Para tanto, este capítulo tratará sobre a Igreja Renascer em Cristo e as suas práticas religiosas veiculadas através da televisão. Focará o programa “De Bem com a Vida” como uma possibilidade ao projeto de salvação dessa Igreja; fará referências, em particular, à figura de Sonia Hernandez, bispa da Igreja Renascer em Cristo. Por último, descreverá as práticas religiosas da interação comunicativa propostas por este gênero de programação.

A estrutura enunciativa do Programa “De Bem com a Vida” reúne, além das imagens, três níveis discursivos que representam a demanda dos fiéis e que constituem em eixos para nossa análise:

- 1) O fiel fala sobre seu problema.
- 2) O fiel fala sobre sua transformação e mudança da situação contingente que o afeta.
- 3) O apóstolo ou a bispa fecham com uma alocação ritual.

A Igreja Renascer em Cristo é denominada protestante neopetencostal. Foi fundada em São Paulo, no ano de 1986, e são seus fundadores Estevam e Sonia Hernandes ¹³. A partir destas informações poderemos observar como o fenômeno religioso é concebido para um público televisivo que é representado na tela de acordo com a demanda expressa literalmente no programa e na voz de seus condutores. No início, as reuniões da emergente Igreja Renascer em Cristo eram realizadas na residência do casal Hernandes. Ali se reuniam pessoas com a finalidade de “louvar a Deus”, isto contava com a presença da família e alguns poucos amigos. Nesta mesma casa os Hernandes abrigavam doze pessoas que eram dependentes químicos, e durante anos foram acompanhados e orientados para uma vida de orações.

A cada encontro mais pessoas se juntavam, a ponto de este espaço se tornar pequeno e insuficiente para os cultos e encontros ¹⁴. Os cultos continuaram crescendo, e veio a necessidade de se alugar um salão na Rua Vergueiro, no bairro da Vila Mariana, que pertencia a uma pizzaria.

Pouco tempo depois, surgiu um convite da Igreja Evangélica Árabe de São Paulo, ainda no bairro da Vila Mariana, que cedeu um espaço no seu subsolo para algumas reuniões semanais; o foco principal destas reuniões eram os cultos para jovens. Com o rápido crescimento, o próximo passo foi, inevitavelmente, a

¹³ Os dados sobre a fundação da Igreja, assim como os das práticas religiosas para o formato da televisão, estão nos sites www.igospel.com.br e www.debemcomavida.br

¹⁴ A acepção mais comum que se atribui à palavra culto vem de homenagem externo de veneração e respeito que se oferece àquilo que se considera sagrado. Neste sentido, a palavra adquire uma conotação restritiva quando se refere a um encontro de grupo, mesmo tratando-se do próprio ministério apostólico, por isso a experiência de fé Pentecostal precisou de espaços mais abertos e de divulgação daquilo que seria a mensagem evangélica “da boa nova” da ressurreição, visto aqui como um novo estado da comunidade que celebra o triunfo de Cristo sobre a morte.

aquisição de um prédio na Avenida Lins de Vasconcelos, onde seria erguida a matriz com uma capacidade para cinco mil pessoas.

Iniciava-se ali o que a Igreja Renascer denomina de uma grande “explosão de salvação” e fé que proporcionaria e transformaria o que atualmente é a Igreja Renascer. Tal celeiro é considerado pelos seus fundadores e fiéis discípulos como um lugar de resgates e transformações de milhares de vidas, utilizando-se para isto a “Boa Nova” do Evangelho de Jesus Cristo.

Líderes e fundadores dizem manter seus ideais após vinte anos de existência da Igreja Renascer, que tem como principal objetivo transmitir e valorizar através da fé religiosa o amor às vidas de seus fiéis seguidores, acreditando cumprir, em plenitude, a vontade e os mandamentos de Deus.

Hoje, a Igreja Renascer conta com 1200 templos espalhados por todo território brasileiro, América Latina e Estados Unidos, com aproximadamente dois milhões de fiéis.

A Igreja Renascer promove e preocupa-se também com serviços sociais e eventos populares como: Fundação Renascer que é composta por asilos, centros de recuperação e orfanatos, mantidos por meio de doações de seus fiéis denominados *gideões*¹⁵. Dos eventos populares apresentados pela Igreja Renascer o que mais se destaca é a Marcha para Jesus que reúne milhares de pessoas na cidade de São Paulo e também em Salvador, Bahia. Este evento não se restringe somente ao Brasil, acontece inclusive em outras cidades do mundo nas quais a Igreja tem sede.

¹⁵ Membros e simpatizantes que colaboram com uma quantia mensal para manter tais melhorias para os projetos da Igreja.

Um segundo evento de grande repercussão é o SOS da vida, que tem como finalidade reunir grande número de jovens fiéis e admiradores com apresentações de shows musicais gospel.

Em 2005 surge a CIEAB–Confederação das Igrejas Evangélicas Apostólicas do Brasil, criada por Estevam Hernandes com o propósito de facilitar e agregar, em comunhão e edificação, as Igrejas de diferentes denominações, mas com a principal intenção de atender e amparar as Igrejas que têm caminhado de forma isolada, sem o necessário apoio para seu desenvolvimento, segundo o diagnóstico e avaliação dos próprios fundadores. No entanto, um dos serviços mais destacados é o de comunicação social que contempla a rede de televisão por meio das quais as práticas religiosas adquirem conotação na esfera pública.

Desde o ano de 2004 a Renascer em Cristo possui a maior torre de televisão de São Paulo, localizada em um dos pontos nobres da cidade, próximo à Avenida Paulista. O canal responsável pela transmissão é o de número 53 UHF para São Paulo e cidades adjacentes; já para o restante do país, a Rede Gospel é retransmitida através de sinais a cabo¹⁶.



Desafio da Torre

Conquistar o Brasil e o mundo para Jesus Cristo através dos meios de comunicação, visto por muitos como um sonho impossível e distante, hoje está cada vez mais próximo. A Rede Gospel de televisão venceu muitos obstáculos e hoje já consegue um sinal que atinge 74% de todo o território nacional. Fortalecidos em Jesus Cristo e debaixo da palavra há anos já operamos no sistema UHF em São Paulo no canal 53, no Rio de Janeiro pelo canal 50, em Itapetininga interior do estado de São Paulo no canal 44. Toda a programação da Rede Gospel de Televisão é transmitida por uma banda de satélite digital e exclusiva, fomos os pioneiros a usarmos uma tecnologia jamais vista até então, o que tinha de mais avançado em sistema de transmissão.

O que era um sonho, agora é realidade. A Rede Gospel de televisão com a melhor qualidade, o melhor trabalho e com toda a disposição vai continuar sempre a transmitir a palavra de Deus para aqueles que precisam renascer em Cristo.

Fonte: <http://www.redegospel.tv.br/>

¹⁶ A Rede Gospel é composta pela Rede Gospel de televisão com uma programação de 24 horas no ar, da Rede Gospel de Rádio, do Portal iGospel ou Jornal Gospel News.

A Igreja é detentora e controla uma rede de TV, uma gravadora de discos, uma editora e uma linha de confecções. Outros meios de divulgação e propagação do evangelho, utilizados pela Igreja Renascer, são os meios de comunicação como rádio e Internet.



Fonte: <http://www.igospel.com.br/>

A Igreja Renascer considera que a comunicação midiática é de extrema importância como meio de evangelização – entende-se por evangelização a pregação e propagação do evangelho e da fé Cristã em um lugar; tal missão corresponde ao ministério do evangelizador. Desde a sua fundação seus líderes e membros preocupam-se em investir com afincamento e propriedade nos projetos de alto

alcance comunicacional para atingir principalmente as massas, pessoas mais carentes e predispostas a agregar a sua vida à esperança de uma salvação através do evangelho, que a Igreja Renascer apresenta como possibilidade de melhorias em todos os aspectos econômicos, políticos e sociais fundamentais para um bem viver. Diariamente, os canais midiáticos da Igreja Renascer alcançam milhares de lares com seus programas montados pelas histórias e testemunhos de vidas entregues às mais diferentes situações da vida humana. Pode-se observar através dos programas pessoas sem perspectivas ou deixadas aos dissabores da existência humana, mas que após a intervenção dos mediadores, que trazem o conhecimento da palavra de Deus, conseguem experimentar transformações em suas vidas. As programações que corroboram para tais práticas ritualísticas, neste contexto de “Salvação”, são:

1- Espaço Renascer: Apresentação de clips de música gospel, tanto nacionais como internacionais, e com os quadros "Palavra do Dia", "Salmo da Manhã", "Aconselhando a Todos" e a "Oração do Pai Nosso", em que todos os pedidos de oração recebidos, via fone, fax e e-mail (centenas, diariamente) são colocados na mesa, onde Estevam Hernandes derrama o óleo da unção e ora. Inevitavelmente, os pedidos se transformam em testemunhos que, mais tarde, serão exibidos na tela também.

2- Escola de profetas: Um dos programas mais tradicionais da Rede Gospel de televisão, criado em 1996, apresentado pelo Bispo Geraldo Tenuta é o “Escola de Profetas”, um espaço onde o homem aprende desde sua criação até a segunda vinda de Cristo, em uma visão escatológica. Fatos históricos, genealogia,

promessas, maldições e segredos espirituais são comentados de forma contextual.

3- Bíblia em debate: Este programa é feito todos os dias com temas polêmicos, e a atualidade das escrituras é debatida no programa entre seus apresentadores, telespectadores e entrevistados.

4- Clip gospel: Música, informação, entrevistas, vídeo clipes exclusivos e as novidades do cenário gospel no “CLIP GOSPEL SHOW”. Apresentado pela pastora Fernanda Hernandes, o programa é o pioneiro no gênero há mais de 15 anos no ar, trazendo durante as férias programas comemorativos cheios de novidades e muitas atrações especiais. Diariamente, na Rede Gospel de Televisão.



Fonte: <http://www.igospel.com.br/>

5- Última palavra: Apresentado pelo bispo Geraldo Tenuta (deputado estadual) e pelo bispo José Bruno, o programa “Última Palavra” tem seu foco voltado às notícias do dia-a-dia, sempre esclarecidas e debatidas à luz da palavra. Um convidado especial participa junto com os bispos, seja ele um político, um pastor ou um bispo das Igrejas e, é claro, a participação dos telespectadores por telefone ou e-mail.

6- Venha renascer: Com testemunhos, todos os dias o programa “Venha Renascer” traz um convidado para contar o que Deus tem feito: curas, libertações, milagre, liberações. O “Venha Renascer” mostra na sua programação que é possível viver um milagre a cada dia. E o “**De Bem com a Vida**”, que é um dos destaques da programação da Igreja Renascer, se constitui como referência motivacional de evangelização através da proposta de salvação.

I- “De Bem com a Vida” - um programa de salvação



PROGRAMA
DE BEM COM A VIDA

Fonte: <http://www.debemcomavida.tv.br/>

“De Bem com a Vida” é um dos âncoras da programação da Igreja Renascer, considerado um dos programas de maior audiência da emissora e do segmento Gospel. Surgiu há mais de dez anos, sempre com a preocupação e a proposta de apresentar diversificações na tarde do telespectador. As conduções do programa são feitas pela “bispa” Sonia Hernandez, que contempla em destaque aquilo que é de interesse feminino, como: entrevistas, culinária, artesanato, testemunhos, orações e depoimentos dos fieis ¹⁷.

¹⁷ A denominação de Bispo corresponde ao ministério sacerdotal recebido na plenitude do sacramento da ordem e que geralmente governa uma diocese ou distrito eclesiástico. Tal ordem, na tradição judaico-cristã, nunca foi um serviço destinado a mulheres, no entanto essa nomeação de “bispa” a Sonia Hernandez corresponde a uma inovação na ordem hierárquica de uma Igreja que reivindica o papel da mulher na sociedade contemporânea.



O logo do programa é apresentado em forma de sete cubos lúdicos de diversas cores. Cada cubo contém uma palavra que juntas constroem os dizeres “De Bem com a Vida”. Em um deles há um nascer do sol que é o símbolo da Igreja Renascer e, em outro, um coração. O logo aqui aparece como uma estratégia comunicativa que representa a figura emblemática e distintiva da instituição que sustenta o programa. Esse traço distintivo corresponde à junção de elementos em uma polifonia de cores dos quais surgem a imagem do coração assinalando a intensidade afetiva da experiência de fé, completada com a imagem do Sol, o astro rei da criação que representa, neste caso, a dimensão cognitiva da fé em Deus que renasce em Cristo como uma possibilidade de sentido oferecido ao telespectador.

A abertura do programa é constituída por animadas imagens de borboletas coloridas sobrevoando uma casa que abre as janelas e, ao fundo, o nascer do sol novamente, propondo a entrada para uma “nova vida”, com mais alegria, mais cor e mais felicidade.

A vinheta que anuncia o programa é: **“Quero estar de bem com a vida, seja onde for, assim a vida tem mais cor. Vem estar de bem com a vida”**. A vinheta é um convite às possíveis transformações que as pessoas buscam na religião como salvação aos males que as afligem.

O programa procura atender as necessidades e expectativas dos seus telespectadores, buscando aumentar sua audiência. Nessa expectativa, surgem novos quadros com uma abordagem mais abrangente, de atualidades com quadros interativos na área da saúde, família, educação dos filhos, abordando os mais variados assuntos sob o prisma da espiritualidade ancorado na fé, na salvação e na evangelização.

A inovação do programa e sua reestruturação é uma tarefa dos produtores que não se prendem a atender somente as necessidades sociais dos seus telespectadores, mas, principalmente, em satisfazer e proporcionar um desenvolvimento espiritual, agregando a isto o interesse de bem comum sempre com palavras de fé e esperança de conquista da salvação. O conceito de salvação tem um sentido profundo no contexto da experiência religiosa, uma vez que se refere, sobretudo, à inconsistência do mundo profano. Neste sentido, o programa “De Bem com a Vida” procura ser o lugar propício para a salvação na prática dos rituais que configuram o espaço sagrado representado para o telespectador.

A mensagem religiosa contida no programa sinaliza o grande objetivo de toda religião que é salvar o ser humano, oferecendo uma resposta ao seu problema radical no mundo, a partir do qual se suscita todas as buscas religiosas, o sentido da vida: Nascer, Viver e Morrer. O problema da inconsistência é combatido com a intuição de um fundamento transcendental e absoluto.

A exibição do programa “De Bem com a Vida” é nacional, de segunda a sexta feira, das 14h30 às 16h00 e aos sábados e domingos das 14h00 às 15h00 horas.

Os quadros que compõem a estrutura do programa são:

1- Narrativa de abertura: Dirigindo-se em forma de apelo às pessoas que estão sem sucesso, que estão para ser despejadas de seus lares, casos de prostituição, alcoolismo. Essa narrativa refere-se aos telespectadores de programas de fofocas e de telenovelas como pessoas dopadas de intelecto. Pessoas que não se relacionam, que fogem de alguma coisa. Logo após, relata um caso de um membro da Igreja que alcançou a salvação:

2- Entrevistas com testemunhos: Apresentam-se pessoas que revelam mudanças em suas vidas. Através do poder e do conhecimento de Jesus e sua “aceitação”, elas se propõem a compartilhar com outras pessoas, relatando suas bênçãos e milagres alcançados e vividos pela consagração da fé na Igreja Renascer em Cristo.

3- Artesanato: Neste quadro, profissionais ensinam a confeccionar peças práticas, mostrando o que há de mais atual na criação, utilização e decoração do lar.

4- Culinária: Todo dia o quadro apresenta receitas rápidas, inclusive de reaproveitamento de ingredientes, pratos para almoço e jantares de famílias, pratos da cozinha internacional e preparo de sobremesas.

5- Infantil: Nesse quadro as crianças aprendem e fazem junto com a bispa Sonia Hernandez brinquedos, além de descobrirem como cuidar dos animais domésticos.

6- Pensamento do dia: Consiste em meditar sobre o cotidiano com palavras de fé ancoradas em referências bíblicas oferecidas por este quadro.

7- Hora da Concordância: Considerado pela apresentadora o ponto alto da programação, por se tratar do momento de oração, atendendo os inúmeros pedidos dos telespectadores que chegam até o programa. Acredita-se que neste momento todos estão interligados pelos meios de comunicação, sendo a experiência de fé literalmente uma com – cordância, isto é, uma experiência conjunta do coração, em termos de afetividade e expressão de sentimento que a oração propicia.

Segundo Sonia Hernandez, estar “De Bem com a Vida” não é fruto de um slogan, mas de uma vida realmente compromissada com a mensagem do evangelho que garante a todos que desejam e crêem uma vida alegre, realizada e abundante. Com isto, a proposta de salvação se concretiza no momento em que a bispa faz a abertura e em todos os quadros que compõem o programa, por meio de sua narrativa aos telespectadores para que se tornem membros da Igreja Renascer em Cristo. Portanto, o convite da bispa aos telespectadores para estar de “Bem com a Vida” tem um contexto de proposta e aconselhamento para um bem viver.

Para entender melhor este aconselhamento, faremos um recorte do programa Espaço Renascer, chamado “Aconselhamento a Todos”.A proposta de

salvação também se dá neste programa conduzido pelo “apóstolo” Estevam Hernandes¹⁸.

Por esta razão trazemos a figura masculina de Estevam Hernandes, no sentido de comparar este programa com o já visto “De Bem com a Vida”, cuja figura feminina estabelece o protagonismo da função comunicativa da emissora. A bispa Sonia Hernandes, por ter uma designação hierárquica maior do que a do apóstolo Estevam Hernandes, se diferencia deste no sentido de que ele se concentra na mediação simbólica da doutrina-lei e ela na mediação simbólica nas nuances da afetividade de experiência da fé.



Fonte: <http://www.redegospel.tv.br/>

O programa Espaço Renascer pode ser considerado um dos pioneiros da Televisão brasileira a ser transmitido com simultaneidade no rádio e na TV. Seu

¹⁸ A designação de Apóstolo primitivamente correspondia a um dos doze discípulos que Cristo escolheu para pregação e extensão do evangelho. Portanto, o Apóstolo é um evangelizador e um predador que ensina e propaga as idéias ou crenças em defesa de uma causa que considera justa. Neste caso, a causa é a salvação dos telespectadores que manifestam através de telefonemas suas inquietações para o investido “apóstolo” Estevam Hernandes. De qualquer forma, este cargo dentro da hierarquia eclesial está mais ligado ao exercício do apostolado como transmissão da mensagem da “Boa Nova” que a Igreja Renascer atribui ao mediador e líder anteriormente citado.

principal objetivo é facilitar a interatividade entre telespectadores via fone, ouvintes, e-mail e fax. Sua veiculação é: Rede Gospel – canal 53 UHF, 25 da TVA, 28 da Net e canal 97 da TV Canbrás. O horário da sua programação é de segunda a sábado das 09:00 às 11:30 hs.

É um programa com foco principalmente na parte espiritual, que é a proposta da Rede Gospel de Televisão e da Igreja Renascer em Cristo, cuja intenção é a de ser um programa de interatividade informal, dinâmico e com muitos assuntos atuais. A interatividade se define como a possibilidade de relação recíproca entre o apresentador do programa e o telespectador. Também se refere a um sistema de informação que permite um intercâmbio ou diálogo entre o meio e o usuário através, neste caso, do telefone.

São apresentados em sua estrutura clips de música gospel internacionais e nacionais. Seus quadros são:

1- Palavra do dia: Palavras de Estevam Hernandes, com a proposta de estruturar e melhorar o dia do telespectador.

2- Salmos da manhã: Diariamente, leitura de um Salmo.

3- Aconselhamento a todos: Todos os dias Estevam aconselha na raiz da palavra as pessoas que ligam para o programa.

4- Oração do Pai Nosso: Tem como finalidade fazer uma oração para atender a todos os pedidos que chegam diariamente.

As orações são realizadas por Estevam Hernandes, fundador e presidente da Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Sua atuação profissional é na área de Marketing, tendo trabalhado em grandes empresas de renome no Brasil, carreira esta que foi abandonada no final dos anos noventa após ter recebido "um

chamado de Deus”, e foi aí que junto com sua esposa, a bispa Sonia Hernandez, fundaram a Igreja Renascer em Cristo.

Estevam foi o grande responsável e incentivador pela divulgação e explosão da música gospel no Brasil nos anos oitenta. É autor de livros: **A Caminho da felicidade** (1998), **O caminho da Oração** (2001) e **Desafiando o impossível** (2001).

Faremos um recorte da programação do Espaço Renascer apresentando o quadro “Aconselhamento a todos”, que se constitui em aconselhamentos promovidos por Estevam Hernandez através de telefonemas provenientes dos telespectadores com diversas dúvidas, solicitando palavras de apoio e, substancialmente, conselhos para seus problemas. Segundo o próprio Estevam: “É um programa sem medo de falar a verdade”.

Ao tratar a questão da verdade, costuma-se assinalar a distinção existente entre as acepções hebraica e grega. A palavra hebraica para designar a verdade é EMTH, cujo radical significa sustentar algo firmemente para que não caia. Entre os sinônimos que acompanham ou substituem esta palavra, a princípio, é EMUNAH, que significa fidelidade. Por sua parte, o termo grego que corresponde à verdade é ALETHEIA que, por meio do prefixo privativo “a”, indica a condição de desvelamento, des-cobrimento, ou des-ocultamento do ser. Assim, ALETHEIA remete a uma dualidade: o que aparece diante de nós e o fundamento daquilo que aparece, em outras palavras, a autêntica verdade. Desta forma, a noção grega de verdade remete para algo permanente, ao passo que a judaica refere-se a um aspecto dinâmico. Por isso, o enunciado do apóstolo Estevam Hernandez assinala a acepção judaica de verdade que é “Amém”, “assim é”. Este aspecto dogmático

da verdade é próprio do discurso eclesialístico que reforça seu poder na afirmação da Palavra revelada.

O cenário se compõe tendo como pano de fundo um painel que toma toda a parede pintada com um desenho do globo terrestre azul e, dentro dele, ao centro, o nome de Jesus em vermelho e destacado em branco, diversos braços de pessoas em direção ao globo, estendidos em forma de louvor. Estevam Hernandes veste-se normalmente de modo formal e está sentado em uma cadeira com um encosto alto, a sua frente uma mesa de madeira grande, com um computador à sua disposição. Atende aos telespectadores ao vivo através de ligações telefônicas.



Fonte: <http://www.redegospel.tv.br/>

A vinheta do programa é: **A luz da palavra, para aconselhar a todos.**

A transcrição a seguir nos servirá de exemplo para observar como se dá o diálogo entre Estevam Hernandez e o ouvinte fiel que relata freqüentar a Igreja, e ser homossexual.

Estevam: O Luciano, então vamos falar com o Luciano.

Estevam: Luciano bom dia.

Fiel: Bom dia. A minha dúvida é referente à homossexualidade porque eu sou homossexual. Quando entro na Igreja e escuto uma pregação que fala contra isso, eu me sinto mal, isso quando eu escuto essa pregação.

Estevam: Sei.

Fiel: Quando eu estou na rua ou quando eu estou com o meu companheiro, eu não vejo maldade nenhuma nisso, eu quero que o senhor me explique se isso realmente é pecado, ou é uma pregação do homem.

Estevam: Bom meu querido Luciano, tá claro que você é uma pessoa sensível ao Espírito Santo de Deus, e também é muito importante nós entendermos, que Deus, ele ama as pessoas sem “acepção”, nós quando às vezes vamos falar de homossexualismo, têm muitas pessoas que tem tabus, preconceitos, e muitos até se sentem ofendidos, mas quando nós falamos a verdade da palavra, nós falamos sob a perspectiva daquilo que é espiritual. Para que você entenda e para que você possa julgar espiritualmente, o que acontece é que muitas vezes a pessoa não consegue enxergar a verdade, por que? Porque há um sofisma no seu interior. O que é um sofisma? Um sofisma é uma manipulação da verdade, e essa manipulação da verdade ela é espiritual, em 2º carta a CORÍNTIOS 10; 4 AC, a bíblia diz assim:” Porque as armas da nossa milícia não são carnis e sim poderosas em Deus para destruir fortalezas anulando sofismas, e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Cristo, levando cativo todo o pensamento estranho pronto para nós servirmos a Cristo” [sic].

Resulta interessante voltar à fonte citada por Estevam Hernandes, que interpreta as mensagens evangélicas escritas da seguinte maneira: ¹⁹

“Não, as armas do nosso combate não têm origem humana, mas o seu poder vem de Deus para a destruição das fortalezas. Nós destruímos os raciocínios pretensiosos”.

Também vale a pena definir o que o apóstolo chama de sofisma, que corresponde a um raciocínio ou argumento aparente com que se pretende defender algo falso ou convencer disso. Na Grécia antiga, o sofista era quem ensinava a filosofia como método para convencer por meio da arte da palavra e da argumentação dos seus interlocutores. No entanto, o apóstolo Estevam Hernandes, usa a palavra sofisma para combater o pensamento lógico considerado por ele profano. A fonte evangélica nasce de uma resposta que o Apóstolo Paulo dá às acusações contra seu ministério argüindo que a origem de sua mensagem é divina, porque seu poder vem de Deus que foge a todas as determinantes do tempo e do espaço nos quais se situam as experiências subjetivas da fé.

O apresentador deste programa insiste em se reforçar na mensagem evangélica e cita mais uma vez essa carta a CORÍNTIOS, cap 4, versículo 4 dizendo: “Nos quais o deus deste século, que é Satanás, cegou o entendimento dos incrédulos para que não lhes resplandeça a luz do Evangelho da Glória de

¹⁹ O problema da interpretação que mencionamos acima corresponde às diversas leituras que as Igrejas fazem da mensagem evangélica. Para confrontar tais interpretações utilizamos como fonte a tradução ecumênica da Bíblia – TEB que opta por um texto cuja mensagem reproduz um consenso entre as distintas Igrejas que participaram de sua elaboração. TEB. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

Cristo, do qual é a imagem de deus”. Mais uma vez voltemos ao texto na sua forma original:

“Os incrédulos, cuja inteligência foi cegada pelo deus desse mundo, a fim de que não percebam a iluminação do Evangelho da Glória do Cristo, que é a imagem de Deus”.

Interessante perceber que neste texto ao deus deste mundo o apóstolo Hernandes o nomeia com o nome de Satanás e o demonstrativo este qualifica o mundo como atual e presente. É o domínio marcado pelo pecado e a separação com relação a Deus, opondo-se ao século futuro. Este texto é o único em que Satanás é chamado de deus e o Evangelho considerado como a manifestação do Cristo, que é a imagem de Deus. De certa forma, a interpretação do “apóstolo” da Palavra é bastante assertiva, apesar de que sua aplicação ao caso exposto pelo telespectador desencadeia na complexidade daquilo que ele chama de “cadeia espiritual”, atribuindo a este ouvinte a condição de cegueira ante a verdade que liberta, citando o homossexualismo como um mal endêmico da sociedade.

Estevam: “Então”, o que acontece é que, quando você está preso a uma cadeia espiritual, você fica com o teu entendimento cegado, por isso que Jesus disse: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertaria”. E a palavra de Deus, ela trata do homossexualismo sim, em Romanos no cap. I, Paulo fala disso com uma propriedade maravilhosa, ele fala no cap. I versículo 27: “Semelhantemente os homens também deixando contato material da mulher, se inflamam mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homem com homens, e recebendo em si mesmos a merecida punição do seu erro” não é? [sic].

O texto evangélico diz o seguinte:

“Os homens, igualmente, abandonando as relações naturais com a mulher, inflamaram-se de desejos uns pelos outros, cometendo a infâmia de homens com homens e recebendo em sua pessoa o justo salário do seu desregramento”.

Cabe salientar o uso da palavra punição e erro que Hernandez utiliza, reforçando uma imagem de um Deus castigador ao mais puro estilo veterotestamentário, em oposição à imagem do Cristo que renova essa imagem de Deus e a mensagem da sua pregação contempla nela os “marginalizados”. Outro aspecto a ser destacado nesta análise refere-se ao caráter moralista tanto na acepção de Paulo, como na acepção do apóstolo Hernandez, no que se refere a sua pregação. Para ambos, a moral contém o rigor de uma doutrina com o fim de preservar a tradição de uma sociedade e de pautar seus comportamentos, sublinhando esta questão com a citação da primeira epístola aos coríntios do cap 6, versículo 6 a 9.

Estevam: E em 1 coríntios cap 6 versículo 6 a 9, a Palavra diz assim: “ O não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus, não vos enganeis, nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas”[sic].

Na primeira epístola aos coríntios Paulo diz:

“Mas um irmão está em processo com outro irmão, e isto perante os incréus! De qualquer maneira, já é para vós uma decadência terdes processos entre vós. Por que não preferis suportar uma injustiça? Por que não vos deixar antes despojas? Mas sois

vós que cometeis a injustiça e despojais os outros; e eles são vossos irmãos! Então, não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos enganéis a este respeito! Nem os devassos, nem os idólatras, nem os efeminados, nem os pederastas, nem os ladrões, nem os gananciosos, nem os beberrões, nem os caluniadores, nem os rapaces herdarão o Reino de Deus”.

O apóstolo Hernandes interpreta a mensagem paulina sendo categórico ao enunciar que todos aqueles que caírem na “idolatria”, isto é, os adoradores de qualquer tipo de vida que não seja o da fé, estão “excluídos” de participar do Reino de Deus. Provavelmente Paulo, nesta citação, quer persuadir a comunidade dos coríntios que não estabeleciam nenhuma diferença de natureza entre suas necessidades alimentares e sexuais, replicando que as primeiras são ligadas ao mundo presente e desaparecerão com ele. A vida sexual empenha o corpo, ou seja, a pessoa inteira presente a outrem com ou por meio de seu corpo. Como tal, a pessoa compartilha a situação do Cristo ressuscitado e sua vida sexual deve ser a que convém ao membro de Cristo. Em outras palavras, a Igreja a qual pertence aqui fica claro a relação da vida sexual com o poder que a Igreja utiliza para determinar os comportamentos e orientações que os fiéis devem seguir na perspectiva de uma vida religiosa verdadeira, segundo o que o apóstolo Hernandes reforça.

Estevam: “Então”, esta é a palavra da verdade, não existe nenhum tipo de religiosidade, eu até acredito que muitas pessoas, elas podem colocar isso dentro de uma perspectiva de religiosidade, mas a verdade pura da palavra é essa. Então, se você crê na palavra, se você quer que Deus faça uma obra na tua vida, é necessário que, ao conhecer estes princípios, você procure viver verdadeiramente segundo a palavra, porque a palavra nos foi dada por amor para que nós não possamos ser destruídos por aquilo que o maligno quer que nos enganem [sic].

Estevam Hernandez reafirma os princípios da mensagem evangélica com mais uma citação, a 1ª epístola de João, para dissuadir a seu silencioso interlocutor.

“Não ameis o mundo, nem o que está no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele”.

E o apóstolo acrescenta: “Porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos, a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora o mundo passa bem com a sua concupiscência, aquele, porém que faz a vontade de Deus permanece eternamente” [sic].

O sentido da palavra concupiscência refere-se, na moral ao desejo dos bens materiais ou desejo desordenado dos prazeres considerados desonestos. Cabe também salientar a concupiscência dos olhos, que Hernandez destaca em relação à visão que o ser humano tem do mundo na qual, segundo o “apóstolo”, este se recria, fazendo uma alusão direta à sociedade do espetáculo. Em seguida Hernandez retoma o diálogo com seu interlocutor e afirma:

Estevam: “Então”, essa é a verdade pra você. Você Luciano deve buscar em primeiro lugar, uma libertação desta prisão carnal e mental que você está, procure o nosso ministério de cura interior, procure um bispo, um pastor, para ter um aconselhamento, e tratar desse assunto com seriedade, à luz da palavra, procure dentro da Igreja Renascer, comece a ter comunhão no espírito, porque na verdade o que o Senhor tem pra você é uma transformação. E esta transformação, é a transformação de Coríntios, cap. 12 versículo 1º que diz assim: “Não vos conformeis com o século presente, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento”.

Estevam: “Então”, a partir do momento que você conhece esta transformação, você conhece a libertação, e aí, em João cap. 8 versículo 36 tá escrito: “Se o filho de Deus os libertar, verdadeiramente sereis livres”. Eu quero que você saiba que nós te amamos, não existe discriminação no nosso coração, mas nós queremos que você conheça esta verdade para viver no centro da vontade de Deus, e acima de tudo para que você possa ter a salvação eterna, porque está claro os textos que eu li, porque nem os sodomitas, nem os afeminados, esses não poderão entrar no reino de Deus. Então este é um principio da palavra, é um principio espiritual, eu espero que você possa recebê-lo e ser liberto em nome de Jesus. Bom dia [sic].

Neste quadro, é possível observar as manifestações sintomáticas do interlocutor “homossexual” que sofre de um mal-estar por não entender sua condição ante a Igreja, relatado por telefone de forma dramática. O apóstolo interpreta o sofrimento “desse tipo de pessoas” por meio de uma emissão que se faz entre o fluxo de palavras e a sua própria imagem. A ênfase do apóstolo da Renascer se dá na sua própria retórica verbal, que usa como fonte a Palavra evangélica sem considerar o sofrimento específico de alguém que poderia ter lhe dirigido uma questão pontual sobre o mal estar presente na cultura de hoje. Desta forma, Estevam Hernandez toma a demanda de Luciano como pretexto para

exclusão do fiel caso este não entre no contexto das “verdades” apregoadas por sua Igreja. Portanto, o enunciador neste caso conscientiza o receptor alvo.

O trabalho enunciativo do apresentador se volta para usar o “caso” de Luciano a fim de produzir operações de altas referências relativas ao Programa e ao processo de conversão que conduz à salvação, sendo esta última o propósito da Igreja Renascer. Nessa seqüência da entrevista a “homossexualidade” não é examinada nas suas inter-relações, pois o que fica em destaque é a estratégia da entrevista na qual o testemunho da conversão é crucial na encenação do rito protestante. Trata-se justamente da organização da produção de sentido de renomear as “causas” que conferirão ao entrevistado-testemunho a conversão, conseqüentemente a “salvação” atribuída a Deus.

Desta forma, o quadro “Aconselhamento a Todos”, do programa Espaço Renascer, coloca na voz de seu apresentador a Palavra que “representa” a lei de Deus que opera em favor da Igreja Renascer em Cristo como portadora da verdade de salvação para um problema: o homossexualismo de um interlocutor aflito que padece de um sintoma social que o angustia. O tom masculino do apóstolo Estevam Hernandes se contrapõe ao tom feminino da bispa Sonia Hernandes que, como veremos a seguir, constrói um discurso menos impositivo a favor das realidades sensíveis de seus interlocutores.

II- A figura feminina de uma bispa na Igreja Renascer

A bispa Sonia Hernandes abandonou, em 1986, uma promissora carreira de nutricionista para estabelecer os fundamentos da Igreja ao lado do seu marido, o apóstolo Estevam Hernandes Filho, do ministério Renascer, a Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Depois de intenso preparo e atividade ministerial, foi ungida Episcopisa, o que gerou grande repercussão no meio evangélico e na mídia em geral ²⁰. Assim ficou conhecida como a primeira bispa no Brasil. Tornou-se responsável pelas áreas de “Assistência Social”, “Ministério com Mulheres”, “Louvor e Adoração” e “Crianças e Adolescentes”.



Bispa Sonia, da Renascer.

Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u88459.shtml>

Formada em Teologia, foi responsável no início pelo “Ministério de Ensino” e fez cursos de: canto, piano, coral e regência. No plano ministerial e eclesiástico, a Bispa Sonia Hernandes ajudou a desenvolver e sedimentar várias frentes, como o “Projeto Gideão da Conquista”, “Encontro de Mulheres”,

“Marcha para Jesus”, “SOS da Vida Gospel Festival”, “Conferência Apostólica no

²⁰ Ver nota dezessete onde tratamos sobre a denominação de Bispo.

Brasil”, “Conferências Internacionais de Fé”, em Portugal e Luanda no continente africano, “Ministérios com casais”, além das quase mil e quinhentas Igrejas Renascer em Cristo espalhadas por todo o Brasil, Estados Unidos e países da América Latina.

A bispa Sonia Hernandez atua como comunicadora em rádio e TV desde 1990, apresentando programas de grande sucesso de audiência nas rádios Imprensa Gospel FM (primeira rádio de FM em São Paulo com programação evangélica) e Nacional Gospel e da extinta TV Manchete. É apresentadora do programa “De Bem com a Vida” na Rede Gospel de Televisão, CNT e Rede Gospel de rádios. É também empresária, compositora e dirigente de louvor do “Renascer Praise”, um dos mais destacados grupos de música gospel do Brasil. Um dos quadros mais importantes do programa são os testemunhos, segundo relato dos próprios fiéis e seus interlocutores no programa. Os fiéis falam de suas conversões e/ou situações que proporcionaram o encontro com Deus e o conhecimento de Jesus como senhor único da vida, através da Igreja Renascer.

As falas, tanto dos fiéis quanto da bispa Sonia Hernandez, foram transcritas quase que literalmente para conservar a natureza do diálogo. Os testemunhos veiculados nesses programas são de conteúdos diversos, desde problemas financeiros, religiosos e psiquiátricos.

No dia 9 de janeiro de 2007, Estevam e Sônia Hernandez foram presos ao tentarem entrar nos EUA com US\$56,467 mil dentro de uma mala, na bolsa de Sonia, na mochila do filho do casal e na capa de uma Bíblia. Segundo as autoridades americanas, eles deveriam ter declarado o valor na alfândega, pois levavam mais de US\$10 mil.

Por esta razão, os programas que nos servirão para análise do “De Bem com a Vida” são datados de 29 de outubro de 2006, anteriores à referida prisão dos representantes da Igreja Renascer em Cristo.

Os encontros entre a bispa Sonia Hernandez e os fiéis aconteciam na sede da Igreja Renascer.

O cenário tem como pano de fundo estampas com motivos que representam o céu, com nuvens brancas; do lado esquerdo do palco, no chão, tem um aminora, objeto de culto judaico com sete pontas, número cabalístico que define a perfeição: ainda do lado esquerdo da tela, em destaque, temos o logo do programa, já definido na pagina setenta e três. Ao centro da tela, a presença da líder religiosa bispa Sonia Hernandez com os fiéis em testemunho; do lado direito, um vaso de tamanho grande pintado de branco com uma planta conhecida como lírio da paz. A platéia é constituída na sua grande maioria por mulheres, as cadeiras são vermelhas aparentemente confortáveis, o público presente demonstra sempre estar atento aos testemunhos.

Durante os testemunhos, a cada três minutos aparecem caracteres em forma de propaganda: Central de endereço de Igrejas (0xx11-2114-2999) ²¹.

A primeira pessoa a testemunhar é uma jovem de aproximadamente vinte anos de idade, vestida com uma camiseta preta regata com os dizeres em branco *EVERLAST* ²², um bracelete preso no braço esquerdo, uma calça preta, brincos de argolas. A bispa está vestida com uma calça comprida listrada e um casaco,

²¹ Os dois xx referem-se a diversas opções de operadoras de telefonia que o telespectador pode optar por utilizá-lo, caso esteja fora da cidade de São Paulo.

²² Everlast (em português significa: sempre o último); neste caso, refere-se ao nome de uma grife.

ambos na cor marrom ²³. A postura corporal da bispa é: com a mão direita segurando o microfone na altura do queixo e com a esquerda segura e apóia o braço direito.

O primeiro testemunho que transcrevemos trata-se de problemas financeiros relatados pela fiel.

Primeiro testemunho.

Fiel: Eu pedi pra Deus me mostrar uma saída, era o único dinheiro que eu tinha, meus pais estavam sem emprego, eu era a única pessoa que tava trabalhando. Ai um dia eu ia trazer um monte de gente pra Igreja, ai eu disse, eu não vou pra Igreja, não vou, não vou. Ai do nada o Espírito Santo falou: espera que eu vou agir, ai me deu uma crise de labirintite, uma síndrome do pânico eu tive que....Fiquei quinze dias de licença, e o médico me passou um remédio pra dormir, ai eu tava saindo do médico minha mãe me ligou e disse Sa, eu tô aqui no mercado, eu preciso que você venha pra cá, e a gente não tinha dinheiro pra nada, ai eu fui o mercado e a minha mãe falou: o Espírito Santo mandou eu passar o cartão do banco. Ai eu falei então passa porque Deus vai liberar essa conta, ai ela passou e falou: que “estranho” ta liberado. Ai meu pai foi na farmácia comprou meu remédio tava liberado, ai meu Pai foi no caixa eletrônico e colocou lá quinhentos reais sacou, ai ele sacou mil e quinhentos reais, ai eu falei: Pai tira um extrato, porque eu tinha certeza que Deus ia colocar o dinheiro na minha conta pra gente viver aquele mês, eu tinha tanta certeza...

Bispa: “Ce” tinha quanto?

Fiel: Eu tinha mil e quinhentos bloqueados.

Bispa: Bloqueado?

Fiel: Eu tinha mil e quinhentos reais.

²³ Testemunhar: Pessoa que faz uma declaração ou explicação de forma convincente, neste caso, trata-se de uma pessoa que pratica a religião cristã, caracterizada pela interpretação literal dos textos bíblicos. Cabe salientar que a palavra provem do campo semântico do direito. Etimologicamente, a palavra colhe sua acepção do latim TESTIFICARE, e este de TESTIS (testemunho) e FACERE (fazer).

Bispa: Então quer dizer... A compra do Super Mercado e do remédio já tava no lucro.

Fiel: Já tava lucro. Ai meu Pai chegou e falou: Sa não sei o que tá acontecendo tem quatro mil e quinhentos reais na conta, eu falei: Glória a Deus!, Deus colocou na minha conta, ai ele falou: mas eu não consigo sacar, ai eu falei: eu vou no banco eu vou sacar, ai eu cheguei no caixa e falei: eu quero sacar tudo, ai ela falou: você não quer deixar nada? Eu falei: não, eu quero sacar até os centavos, pra senhora ter uma idéia, ela colocou o dinheiro na máquina, e eu escutava o barulho da máquina contando, Deus colocou mais de quatro mil e quinhentos reais na minha conta que eu não tinha nada assim... Ai eu falei: Gloria a Deus! Porque Deus supriu meu mês, Deus deu vitória e Deus é maravilhoso! [sic]

A platéia bate palmas e a bispa Sonia Hernandez dá um longo e apertado abraço na fiel que acabara de apresentar seu testemunho, para selar o rito de transformação.

Neste primeiro testemunho a fiel apresenta um problema econômico ligado à utilização simbólica do dinheiro, que traz como consequência as crises de labirintite e a Síndrome do Pânico. Por um lado, a labirintite é uma doença associada à vertigem e o discurso da fiel o expressa sintomaticamente com a palavra “nada”, isto é, com a falta de sentido na vida cheia de encruzilhadas onde é muito difícil orientar-se, onde é muito difícil encontrar uma saída ante uma confusão estabelecida. Por outro lado, a Síndrome do Pânico está relacionada ao medo, como um grande temor de alta intensidade. Etimologicamente, a palavra provém de “Panikon” e de “Deíma”, terror causado por Pan, deus mitológico a quem se atribuíam os ruídos que se escutavam nos montes e vales. Desta forma, o problema da fiel se expressa nos sintomas destas duas doenças

contemporâneas que a afetam ante a carência de dinheiro, bem simbólico que garante a sobrevivência.

Enquanto a transformação operava na vida e na situação dessa fiel, podemos pensar que, na sua elaboração subjetiva, Deus adquire a força do Espírito Santo mediador da relação: Pai-Deus, Filho - Jesus Cristo; não por acaso a figura do Espírito Santo adquire a face feminina no contexto da teologia contemporânea ²⁴.

Assim o Espírito Santo, ente imaterial e com força divina, adquire conotações antropomórficas, pois: fala, manda e liberta nem mais nem menos que um depósito bancário. É importante destacar do relato da fiel o movimento desta em ir ao mercado com a garantia da palavra de sua mãe que a interpelava a relacionar-se com a máquina, que possibilita ao pai extrair em primeira instância R\$ 500,00, em segunda instância R\$ 1.500,00 e, por último, a ela mesma um total de R\$ 4.500,00. A máquina exerce, neste caso, um poder extraordinário de solucionar um problema tão contingente como é a falta de dinheiro. Podemos inferir deste testemunho o fascínio do aparato que faz, às vezes, de Deus, ou melhor, no qual se projeta o desejo da fiel em mais um altar para esse tipo de ritualização.

A emissão da bispa Sonia Hernandez é organizada em torno de um modelo de interação complementar com a entrevistada que sofre pela falta de condições econômicas, destaca-se a capacidade interpretativa da bispa apresentadora que

²⁴ Sobre esta teoria, sugerimos a leitura da obra de Leonardo Boff. **O rosto materno de Deus**. Rio de Janeiro: Editora Vozes (2000).

funciona de maneira exemplar, fornecendo os procedimentos de sua intervenção mediadora para a conversão da fiel presente no palco.

Tais procedimentos desdobram em várias operações enunciativas, como a descrição do problema, o diagnóstico e a avaliação descritos pela própria fiel, com o suporte da bispa que visivelmente tem monitorado sua trajetória, limitando-se a proferir palavras que têm como contexto a cena e a própria realidade da emissora sustentada pela Igreja Renascer.

Nesta entrevista são descritas as ações atribuídas aos poderes divinos e sobrenaturais, feitas em benefício da eliminação do problema.

O operador do dispositivo de conversão que conduz à salvação é a própria figura da bispa Sonia Hernandez, que tem o controle da situação da enunciação. Seus efeitos são previstos na própria enunciação como referência e fechamento do discurso no ar.

Sonia Hernandez, além de organizar contratos e contextos de enunciação, regula seus próprios fundamentos na medida em que esta não realiza levando em conta o relato ou a demanda explícita da fiel, mas em suposições previstas pelo próprio “contrato”. O contrato, por definição, afirma FAUSTO NETO (2006:25), “sempre apresenta às pessoas como demandantes, na situação de “déficit”, que obriga a instituição de “palavras plenas” a reverter esse quadro”.

A eficácia do discurso religioso, neste caso, está no fato de chamar a atenção para as próprias operações que a apresentadora faz, pois nas suas palavras está contido um dizer que é um fazer. A intenção comunicativa deste modelo discursivo está na capacidade de auto - apresentar convicções mediadas

por operações retóricas. Tal é a atitude da fiel como da própria bispa nesse rito transformado em um espetáculo.

O papel da bispa Sonia Hernandez fica restrito a enfatizar a dificuldade da libertação da quantia que afligia a fiel e a valorizar o lucro da compra no supermercado, que faz com que a fiel internalize as locuções como: “Glória a Deus! Deus é maravilhoso!” E vence todo tipo de dificuldades, inclusive econômicas. Uma vez que a fiel em dificuldades financeiras é abraçada pela bispa, existe o consentimento de que uma força superior, mediada por sua intervenção, faz todo sentido para quem não tinha nada.

Segundo Testemunho

A transcrição do segundo testemunho trata de uma senhora com aproximadamente 50 anos de idade, trajando uma blusa de lã com listras e uma calça comprida. Trata-se de um relato de problemas psiquiátricos. Tanto a bispa quanto a fiel estão posicionadas no centro da tela. A bispa do lado esquerdo e a fiel do lado direito. Neste testemunho tem-se também a presença de uma assistente de palco que permanece no início atrás da fiel, e é a bispa que segura os dois microfones. Em um determinado momento, a assistente se coloca entre a bispa e a fiel.

Fiel: No ano passado eu cheguei aqui, eu vivia há seis anos no manicômio, tomava remédio controlado.

Bispa: Você vivia seis anos no manicômio?

Fiel: É seis anos assim: tomando remédio controlado, esse pessoal todo aqui me conhece, porque eu cheguei ninguém me queria, nem meus filhos, minha família afastou tudo, e eu não andava sozinha.

Bispa: Você tinha crise de que? De violência? Quebrava...?

Fiel: Perdia... E ficava agressiva, então tinha que ficar internada, tinha marcas na mão, no corpo, esse mês tá fazendo um ano...

Bispa: Gente... Olha o que é isso...?

Fiel: Que eu tô na Igreja é, ai eu fui batizada aceitei Jesus, o Pastor mandou eu ir trabalhar no expresso, fui trabalhar no expresso, vinha aqui limpava aqui né, porque Jesus me aceitou do jeito que eu tava, que eu me aposentei com vinte e um anos.

Bispa: Ninguém queria né? Com vinte e um anos você se aposentou?

Fiel: Com vinte e um anos.

Bispa: Desculpa eu perguntar, mas quantos anos você tem?

Fiel: Vou fazer cinqüenta anos, tenho quarenta e nove.

Bispa: Jesus...

Fiel: E a minha vida desde vinte e um anos foi um transtorno, eu fiquei sem andar, fiquei em cadeira de rodas e sempre acreditando num Deus, só que eu queria mais, depois matar um filho meu, ai há seis anos eu vivi desse jeito, minha família não me queria mais, mais ninguém queria, ai meu filho comprou um quarto aqui na independência e me pois eu aqui, e foi quando eu liguei a televisão cheguei a senhora tava falando: Você que tá abandonada, sozinha. Eu fumava dois maço de cigarros, três né, ai eu peguei e virei e essa mulher tá falando comigo né, ai eu peguei e virei e essa mulher tá falando comigo né, quem é essa daí? Ai meu filho disse: a senhora só vive louca na Igreja né, ai eu falei que vim na Igreja, ai eu vim aqui e perdi, não achei voltei para trás chorando né, no outro dia eu vim de novo, ai quando eu vim, quando eu retornei no médico, vim com o pacote de remédio, eu falei: eu não vou tomar mais estes remédios, os médicos ainda trata de mim que eu passo de três em três meses, eu falo: eu num tomo o remédio, às vezes em quando a receita, o médico fala: Você tá bem né? Agora eu ia fazer uma cirurgia mês passado.

Bispa: de que?

Fiel: da coluna, uma hérnia de disco que tava aqui, que tava tampando, eu fiquei uns três ou quatro meses afastada do expresso, segunda feira agora eu voltei, eu não fiz a operação, eu tava lá, lá no hospital, o médico disse do nada, vamo tirá uma chapa, as chapa tão tudo em casa não tem hérnia nada, não fui perada.

Bispa: Foi curada.

Fiel: Ele me mandou embora, e tudo que a senhora disse que esse ano eu ia te, eu comprei televisão, carro, até isso eu ganhei tudo, esse mês eu peguei meu carro, tô aprendendo a dirigir. Eu que era louca, não tinha nada, hoje sou uma pessoa transformada, eu moro sozinha, eu cuido da minha casa, tô terminando de fazer né? Mas eu determino que eu quero minha casa até o fim do ano.

Bispa: E tá cheirosa viu gente [sic].

Neste segundo testemunho o problema está atrelado a uma fiel com uma doença mental que vivia no manicômio sendo controlada por psiquiatras. Supostamente ela “perdia” a memória ou aquilo que costuma chamar-se de juízo sobre a realidade, agindo de forma agressiva e somatizando em seu corpo o drama de sua doença.

A bispa insiste com ela em relação a sua crise e às manifestações violentas da mesma, interferindo com apelos para o público enxergar a gravidade do estado dessa fiel com “perturbações mentais”. Após a convocatória “gente...” “olha o que é isso...?” podemos pensar na transformação dessa mulher, cujo discurso fragmentado nos remete à idéia de uma consciência comprometida.

A transformação da fiel é datada de um ano atrás e se produz graças ao batismo que significou para ela seu egresso oficial na Igreja Renascer. Ela atribui ao pastor Estevam Hernandes a possibilidade de trabalhar como faxineira no expresso. Não fica claro no depoimento a natureza do lugar, nem as causas pelas

quais ela tivesse sofrido uma aposentadoria compulsória aos vinte e um anos. O que nos faz pensar que, provavelmente, os seus problemas psiquiátricos tenham aflorado com esta idade e devem ter persistido até a idade adulta na qual se transforma em mãe e sente a rejeição de toda sua família.

Os seis anos, aos quais ela referencia, são os períodos mais recentes no seu relato, em que o filho lhe comprou um quarto no bairro da “Independência” e numa oportunidade em que liga a televisão acontece para ela uma “revelação”, vem à tona a figura da bispa Sonia Hernandez que na sua mensagem televisiva diz: “você que está abandonada, sozinha...” Neste momento, a fiel dialoga com a imagem projetada no aparelho televisivo e diz: “O que esta mulher está falando comigo”; depois afirma: “está falando comigo”, e mais uma vez duvida: “quem é esta daí?”. Ante a intervenção do filho, ao chamá-la de “louca”, e de sua ligação doentia com a Igreja, ela mais uma vez reforça a idéia de estar perdida e de haver regredido no seu padecimento.

O retorno ao médico lhe permite evidenciar problemas de coluna e de hérnia de disco, devido aos quais tem que se afastar do seu trabalho na Igreja Renascer. Após submeter-se a uma série de exames, que ela mesma afirma ter feito e não teriam dado em nada, a fiel fecha o seu relato afirmando que não foi operada. Daí a bispa Sonia Hernandez interfere dizendo que ela foi “curada”, dando a resposta e o reforço necessário para o discurso fragmentado da mulher, que muda sua fala após a intervenção da bispa, contando que havia comprado uma televisão, um carro e que estava aprendendo a dirigir. A própria fiel fecha sua participação acrescentando que no passado era louca e não tinha nada, e que no presente é uma mulher transformada, dona de seu próprio destino. Vale a pena

voltar ao discurso da fiel quando esta fala de um Deus no qual ela acreditava, mas ela reitera: “só que eu queria mais”, e em seguida fala da morte de seu filho.

De um modo geral, observa-se neste testemunho a ausência dos referenciais subjetivos e a presença eloqüente dos pastores da Igreja Renascer, que a trazem de “volta” para a realidade de um emprego que lhe permite desfrutar de bens materiais como a televisão, recurso através do qual ocorre sua conversão graças à mediação da bispa, e de um carro que representa para ela o próprio autocontrole de sua vida.

O diálogo entre Sonia Hernandes, oficiante de uma cerimônia testemunhal de “cura”, e uma fiel reúne marcas enunciativas que falam da situação de “cumplicidade” em que ambas se encontram em face a um contexto interativo, sobretudo, dos seus fins de salvação.

Tudo acontece na “aparência”, cujas transformações são descritas por operações lingüísticas, ratificadas pelas reações dos fiéis presentes mostrados pela câmara.

A fiel reconhece através de suas palavras e gestos a intervenção divina no seu processo de conversão. O ato da fala explicita a entrevista, demonstra a dimensão de expressividade dirigida à dimensão transcendente, mas também articulada com um “enunciado compromisso”.

O enunciado proferido pela fiel fornece na interação uma “pista” para que se gere o ato da bispa. Este se reveste da autoridade de uma fala de poder, que além de autorizar a saúde da fiel, anuncia como esta deve ser construída.

Trata-se de uma mistura petição-instituição que manda o sujeito – fiel – receptor atuar a fim de dar continuidade ao seu destino e ao funcionamento

daquilo que ordena “a máquina significante”. O que sustenta essa dinâmica discursiva, na qual se engendra a noção de cura apresentada pelos discursos, são palavras que operam no interior de determinadas cadeias significantes, mediante o investimento imposto do corpo do sujeito pelo corpo da enunciação.

Uma das características do discurso religioso midiático está na previsão que se faz dos efeitos de sua enunciação segundo o uso sistêmico. A modo de injunção, que se apóia fortemente no discurso de “sugestão”. Nas condições desse contrato, o enunciador se coloca sempre em um lugar de mediador e se diz autorizado pela força da divindade ao ordenar o desaparecimento do mal-estar daqueles que sofrem.

A eficácia do cerimonial no reconhecimento dessa relação é, sobretudo, nos modos como ela se expressa enunciativamente. A suspensão do sintoma não estaria no processo de auto compreensão que a paciente poderia ter do seu sofrimento, segundo o trabalho a ser feito pelas suas próprias palavras, mas na força das palavras enunciadas pelo outro – a bispa, cuja eficácia da técnica sugestiva da enunciação faz com que, aos olhos da fiel – paciente, o caminho traçado se torne mais fácil a fim de enfrentar os seus limites, aqui definidos como confrontos físicos e mentais.

Na alocução ritual, a bispa Sonia Hernandes faz menção ao fato de a mulher estar “cheirosa”, o que pode significar duas coisas: a valorização de sua ascensão social ou ser uma alusão direta à santidade dos corpos incorruptíveis. Da mesma maneira do testemunho anterior, a bispa sela o ato ritual com um abraço e o público com aplausos, celebrando o prodígio operado na fiel, assistida

o tempo todo por uma assistente de palco, talvez para dar maior segurança a ela própria.

Terceiro Testemunho.

Este testemunho refere-se a um homem de aproximadamente quarenta anos de idade, trajando uma blusa de lã estampada e uma calça comprida na cor cinza. Seu relato traz problemas religiosos de outra ordem.

Fiel: Estou na Renascer há oito anos, já conversei com a senhora através de um testemunho muito forte na minha vida que modificou muito e de lá pra cá as coisas veio acontecendo, eu fui me limpando, eu venho de uma situação onde minha família era consagrada a orixás, todo mundo envolvido com umbanda, com candomblé, uma situação muito pesada espiritualmente, e isso foi me libertando, a Igreja foi me limpando, eu fui ouvindo a palavra ministrada pelo apóstolo, pela senhora bispa que faz parte da minha vida há oito anos pra cá que é uma coisa muito linda pra mim, eu tenho muito amor pela tua vida, pela vida do apóstolo, e a questão de um ano eu tive uma situação onde o inimigo disse que ia acabar com a minha vida e com a minha família, com os meus negócios, e eu sofri um acidente, e, o tendão de Aquiles foi rompido da perna esquerda.

Bispa: Nossa!

Fiel: Rompeu a ponto de eu sair da onde eu estava e ir para o hospital, me levaram para o hospital São Paulo, e ali aconteceu um fato inédito, na época eu conhecia algumas pessoas, e me tocou de pedir para minha esposa para que ela me tirasse de lá e me trouxesse pra casa, mas nós morávamos na Vila Mariana, e ali, uma serva de Deus que nunca mais encontrei, que um anjo do

Senhor enviou com certeza, perguntou se ela poderia orar por mim, e aí as coisas começaram acontecer milagrosamente.

Bispa: A pessoa que você não conhecia?

Fiel: Eu lembro o nome dela: Glória.

Bispa: Glória né? Tá certo...

Fiel: Apareceu em casa e ela passava todos os dias pela manhã para orar, é, isso me emociona muito.

Bispa: Pelo amor de Deus.

Fiel: Num determinado dia, após uns sessenta ou setenta dias de oração contínua, eu fui plenamente restaurado, eu não passei por nenhuma cirurgia, essa perna hoje, ela é mais forte do que a direita, é durante um período eu parei de dirigir, e durante um período dava um pouco de câimbra, hoje não dá mais, e com isso houve o resgate da minha família.

Bispa: Aleluia!

Fiel: Da minha família porque nesse período que eu tava me convertendo, minha mãe se afastou, todos parentes se afastaram.

Bispa: Muito diferente né? Uma vida inteira.

Fiel: E com isso eu vim trazendo todo mundo.

Bispa: Glória a Deus!

Fiel: Todo mundo hoje é convertido.

Bispa: Todo mundo? Tua mãe também?

Fiel: Minha mãe é convertida, foi batizada aqui na sede.

Bispa: Aleluia!

Fiel: Minha irmã hoje é da regional de Itaquera.

Bispa: Glória a Deus!

Fiel: É uma serva do Senhor atua no louvor, tenho as minhas filhas todas consagradas diante do altar do Senhor.

Bispa: Deus do céu.

Fiel: Minha esposa veio se converteu, com a vida restaurada, teve várias situações.

Bispa: Aleluia!

Fiel: E agora, este ano de Isaac, a situação onde o inimigo ainda existia, mas não desisti sendo mostrado, em nenhum momento eu parei de acreditar naquilo que era a palavra de Deus pra minha vida, e os negócios foram restaurados.

Bispa: Aleluia!

Fiel: Deus tá me colocando por cabeça, eu trabalho por área de incorporação, eu tô no meio de negociações absurdas humanamente falando, eu represento libaneses, judeus.

Bispa: Nossa...!

Fiel: Turcos.

Bispa: Vão manda ocê lá pra vê se faz à paz! Aleluia!

Fiel: Isso pra honra e Glória do Senhor

Bispa: Deus é maravilhoso, esse é o poder de Deus!

Fiel: Pra honra e Glória do Senhor

Bispa: É renascido em Cristo!

Fiel: Glória a Deus! [sic]

Neste testemunho, o fiel relata que tinha problemas com outras crenças e práticas religiosas diferentes da Igreja Renascer. Diz que ele e toda a sua família eram consagrados aos orixás do candomblé. Os referenciais ritualísticos, aos quais o fiel se refere como “orixás”, têm como princípio nas suas práticas: vibrações que atuam mais fortemente em certos ambientes da natureza. Os orixás, para os cultuadores do candomblé, são caracterizados como energias, vibrações, nada em absoluto a ver com santos da Igreja Católica, materializados em imagens, a não ser no sincretismo. Por motivos de perseguição a esses cultuadores, tais orixás eram associados a imagens de Santos. Entende-se por sincretismo a conciliação de doutrinas diferentes, a coalizão de dois adversários

contra um terceiro. Na lingüística o sincretismo faz referências à junção de duas ou mais funções gramaticais em uma forma só. Temos que diferenciar as duas situações que o fiel apresenta como sendo um problema na sua religiosidade, o Candomblé e a Umbanda são práticas ritualísticas com diferenças latentes.

Na Umbanda, a figura do sacerdote é secundária, sendo o culto prestado às entidades espirituais que não se materializam, isto significa uma prática animista da religião. Já no Candomblé, o sacerdote canaliza em si toda a força do Templo, devendo todos tratá-lo com o máximo respeito, respeito este, superior até mesmo aos Orixás. O sacerdote no Candomblé é a própria encarnação do Orixá que dirige aquela comunidade. Na Umbanda, isto é impossível de ocorrer dentro da sua lógica. O Candomblé cuida do "santo", enquanto que a Umbanda cultua o "santo". Na filosofia do Candomblé, tudo é possível para manter o adepto em perfeita prosperidade, saúde e correspondência amorosa. Já na filosofia Umbandista, o livre arbítrio, seja do adepto, seja de quem quer que seja, deverá sempre ser respeitado. Esta diferenciação nos permite entender o sincretismo no discurso deste fiel que em seu relato confunde os princípios que pautam tais práticas ritualísticas.

A bispa Sonia Hernandez demonstra em sua fala conhecer as diferenças das crenças religiosas narradas pelo fiel, relacionando-as à resistência da família apresentada no próprio discurso deste, pelo fato de se converter à Igreja evangélica quando diz: “Muito diferente né? Uma vida inteira”. Hipoteticamente, esta afirmação nos faz pensar que a bispa tinha conhecimento prévio de todo o conteúdo narrado pelo fiel.

O fiel relata, também, que teve problemas de perseguição do “inimigo” e que este “inimigo” queria acabar com sua vida. Foi acometido por um grave acidente, onde rompeu o tendão de Aquiles da perna esquerda. Após algum tempo hospitalizado, voltou para casa onde “milagrosamente” recebeu a visita de uma moça com o nome de “Glória” que ele afirmava ser um “anjo” enviado por Deus para salvá-lo das coisas ruins que estava passando. A bispa faz uma observação quanto ao nome dito pelo fiel, olhando e buscando a concordância do público ao referido nome “Glória”, que para o Cristianismo significa: “A fórmula laudatória que convoca ou reconhece a própria presença de Deus, que atua pela graça de sua pronúncia”. Isto faz referência à citação evangélica de “e o Verbo se fez carne e habitou no meio de nós” (Jô 1,1). Tal afirmação dá um caráter autêntico ao testemunho, enquanto fundado na visão e na audição de Jesus Cristo pelas primeiras testemunhas evangélicas. Neste sentido, a figura dessa mulher orante encarnaria a presença de Deus.

Logo a seguir, o testemunho do fiel relaciona e personifica nos negócios a figura do “inimigo” que, conseqüentemente, o prejudicava como um concorrente em todos os sentidos da sua vida, fossem eles materiais, a exemplo do trabalho, e também no que diz respeito a ser prejudicado fisicamente através de doenças e acidentes dos quais foi acometido. Afirma que, mesmo tendo a presença do “inimigo” ainda tentando desviá-lo das suas reais crenças, a Palavra de Deus supera tudo em sua vida possibilitando, assim, fatores eliciadores para que seus negócios fossem restaurados. Segundo Jean CHEVALIER, no **Dicionário de símbolos** (1993:337), a acepção do inimigo está relacionada com o diabo que simboliza todas as forças que perturbam, inspiram escândalos, enfraquecem a

consciência e fazem-na voltar-se para o indeterminado e para o ambivalente em oposição a Deus. Ele é síntese das forças desintegradoras da personalidade enquanto divisor. No plano psicológico, o diabo remete à escravidão que espera aquele que fica cegamente submisso ao instinto, mas acarretará ao mesmo tempo a importância fundamental da libido, sem a qual não há desabrochar humano e, para poder superar o inimigo, é preciso ser capaz de assumir estas forças perigosas de modo dinâmico.

A bispa Sonia Hernandez toma a reclamação do fiel como pretexto para menosprezar outras manifestações religiosas, como a umbanda e o candomblé que se constituem em práticas religiosas ritualísticas concorrentes. Portanto, o enunciador aqui constroeu seu “receptor alvo” que são aqueles que não olham para esses tipos de serviços espirituais. Os efeitos dessas manifestações simbólicas, procedentes de tais ritos, são categorizados como “diferentes” e a causa do sofrimento do receptor imaginado é o “outro” personalizado em um “saber” animista.

Desta forma, o fiel refere-se que, a partir do momento em que se converteu à Igreja Renascer e que ouviu a palavra do apóstolo Estevam Hernandez, passou por um processo de “limpeza”, no qual a fé e a prática evangélica contribuíram para a melhoria e “restauração” da sua situação familiar. Vangloria-se pelo fato de ter conseguido trazer toda sua família para a Igreja. E se sente privilegiado por todos os seus serem hoje convertidos e restaurados, servindo e louvando a Deus como “servos” do Senhor. Observa-se neste testemunho que vários foram os fatores que contribuíram para a “conversão” deste fiel para a Igreja Renascer.

Sobretudo quando se refere às impurezas apresentadas em outras crenças religiosas das quais freqüentava, ele e a família.

Nota-se, também, um comportamento “animista” em função da dicotomia apresentada pelo fiel no que tange à relação entre suas necessidades materiais e espirituais ²⁵.

Por fim, a bispa Sonia Hernandez ressalta em alocução; “É renascido em Cristo”, e elucida a importância do fiel em interagir profissionalmente com diferentes povos, como libaneses, turcos e judeus que vivem historicamente em conflitos culturais e religiosos, atribuindo possíveis méritos como apaziguador das diferenças existentes entre estes povos. Com o mesmo comportamento, já citado anteriormente, a bispa encerra o testemunho com um abraço e aplausos da platéia.

²⁵ Animismo: Concepção segundo a qual todos os elementos do mundo têm uma alma, e que se encontra, por exemplo, no pensamento primitivo. A psicologia observa este fenômeno no funcionamento do inconsciente e no pensamento infantil. Freud associa-o com a magia que seria sua técnica: é um sistema intelectual caracterizado pela onipotência das idéias. Esse narcisismo da inteligência tem a ver com o pensamento primitivo, mas também com a neurose obsessiva, pois desemboca em uma projeção para o exterior de certas tendências visando o alívio ou a satisfação de um desejo (DORON & PAROT 1998:65). Esta definição é bem esclarecedora a respeito do sincretismo religioso brasileiro caracterizado pela profusão das crenças religiosas materializadas nas práticas ritualísticas.

III- Interação comunicativa e práticas religiosas da Igreja Renascer em Cristo

Após a apresentação do quadro, no qual os fiéis relatam suas experiências religiosas através de seus testemunhos, a programação do “De Bem com a Vida” prossegue, dando início a outro gênero de programa que marca a passagem para entrevistas, também realizada por Sonia Hernandes.

O entrevistado, neste caso, é um músico gospel fiel da Igreja Renascer; ele é chamado pelo codinome de Makuko. Mas seu verdadeiro nome é Paulo Bastos.

Transcreveremos a entrevista na íntegra com o fim de comentar aspectos mais relevantes da mesma, que adquire na prática televisiva também uma conotação ritualística do meio, procurando documentar a informação fornecida em um ato de comunicação.

Makuko: Só na Renascer

Bispa: Só na Renascer, Makuko é o meu primeiro filho baiano.

Makuko: Tudo bem aí?

Bispa: Tudo bem, depois dele arranjei uma baianada que você nem imagina.

Makuko: Ai é... Pra imitação na verdade.

Bispa: É na imitação, quer dizer que baiano é só você.

Makuko: É, é legal imitar Jesus, ai, vê que minha fórmula deu certo.

Bispa: Ai quiseram também. Makuko é compositor, cantor excelente, tem uma mulher linda.

Makuko: Cláudia.

Bispa: Que tá ai atrás das câmeras, Claudinha minha querida, minha filha na fé, minha querida mesmo, e ele foi um dos doze que morou na nossa casa né? Junto com Marrachi que tá mais alto que você.

Makuko: Marrachi tá um rapazinho, agora ele tem vinte anos.

Bispa: Nossa como estamos novos, nem parece que passou todo esse tempo.

Makuko: Vinte anos, tá indo pra faculdade agora, tá na faculdade.

Bispa: De que?

Makuko: De jornalismo, trabalha aqui na rede gospel.

Bispa: É eu sei que ele trabalha aqui.

Makuko: Colhendo os frutos agora, uma benção de Deus pra ele.

Bispa: O Marrachi foi meu primeiro neto na fé, meu primogênito na fé.

Makuko: Ele fica todo feliz.

Bispa: É, ele foi meu primeiro neto na fé, meu primogênito na fé.

Makuko: Com certeza.

Bispa: E, Makuko, ele tem trabalho espiritual que nasceu há dezoito anos atrás, foi uma revolução porque não existia rock, não existia a palavra gospel, nada, no início não era nada e nasceu a Katsbarnea, aqui no Brasil, é a primeira banda gospel de rock no Brasil, com letras que são tão sensível, meu filho tem treze anos e curte muito, as músicas, as letras, são de maioria do apóstolo né? Do apóstolo Estevam Hernandez, tem uma característica toda especial mesmo a Katsbarnea. E agora vai sair outro CD né Makuko?

Makuko: É agora, depois, depois de dez anos sem gravar, eu acho que foi uma benção de Deus, sem gravar durante dez anos, conseguimos gravar sucessos antigos, porque muitos desses são acústicos e toda uma geração começou a ver as letras.

Bispa: Mas o acústico tá muito bom.

Makuko: E era em 2000, já essas músicas antigas que passaram a ser novas.

Bispa: tem dezoito anos né gente.

Makuko: E ai formou a nova geração, e ai a banda passou por mudanças que é normal entendeu?

Bispa: Com certeza

Makuko: Tudo muda na vida, só sei que ficaram dos doze que moraram na sua casa, só ficou eu, e do Katsbarnea, só ficou eu e o Marcelo também.

Bispa: O Marcelo também?

Makuko: Não, o Marcelo também, ele foi o, é o baterista escolhido por Deus, mas ele entrou na banda como terceiro baterista, o primeiro foi o Dande, que por incrível que pareça ganhamos o fisco, depois teve a Paty, que tocou um tempo com a gente, e aí muita oração, e ela ficou um tempo com a gente.

Bispa: Na verdade ela não agüentava, tinha show que ela saia desmaiada, era muito magrelinha.

Makuko: Ai eu conheci o Marcelo, aqui no Yokoyama enfrente à Igreja.

Bispa: Yokoyama é uma pastelaria que tem aqui.

Makuko: E foi uma benção, ele chegou tocou e ficou, e aí foram os únicos que ficaram da formação original, e aí passamos tempos de batalhas, de lutas, e dificuldades, mas eu acho que a gente tem que ficar firme né?

Bispa: Ser fiel à visão né Makuko.

Makuko: Tem que ser assim por que...

Bispa: Deus honra né?

Makuko: Deus honra, no momento que Deus queria ensinar coisas pra gente, era necessário passar por aquilo pra aceitar a palavra de Deus, eu aceitei tudo calado, e hoje agora, ele já estendeu a mão e tá saindo um álbum com dez músicas inéditas, só músicas inéditas assim uma outra forma agora, porque a katsbarnea fez uma geração.

Bispa: Fez

Makuko: Fez uma história.

Bispa: Fez

Makuko: Então a gente fechou aquela página, e tá vindo uma outra história, um novo momento da banda.

Bispa: Um novo momento, é que nem a Renascer fez, vá ouve o primeiro, e vão ouvir agora o décimo terceiro, tudo é tão atual, né verdade?

Makuko: É verdade

Bispa: É tudo assim tão..., Às vezes a gente muda o gênero, um arranjo, uma coisa, mas continua tudo muito forte, muito espiritual. Bom Makuko, antes de tudo, só pro pessoal saber um pouco mais de você.

Makuko: Sim.

Bispa: Makuko nasceu no Sul da Bahia, em Guararema.

Makuko: É

Bispa: O apelido dele é Makuko por causa de um passarinho

Makuko: Isso que é mãe

Bispa: Se eu não souber a sua história então pronto... O Makuko é neto do coronel Bastos, pra quem leu Jorge Amado, é aquele Coronel que se vestia todo de branco, no cavalo branco, e o Makuko, é neto único por que...

Makuko: Foi, eu fui o primeiro neto dele.

Bispa: O primeiro neto dele, filho do primeiro filho também.

Makuko: Na verdade eu chamava ele de Pai, porque na verdade ele era meu Pai avô. Minha avó também era assim.

Bispa: O Makuko herdou uma herança enorme, porque como sendo o único né, acabou perdendo nas drogas, gastou toda herança de um império cafeeiro.

Makuko: De cacau

Bispa: De cacau lá em Ilhéus, chegou na nossa casa e demorou uns seis meses pra fazer uma frase inteira assim.

Makuko: Demorou seis meses para eu pegar a manteiga e falar que era geléia.

Bispa: Nome então... Ele não fixava, falava qualquer nome.

Makuko: Foi um lance assim.

Bispa: Precisou restaurar.

Makuko: Porque na verdade meu caminho era a morte, não tinha mais saída pra vida, nem eu, nem Cláudia, nem Marrachi, então foi um momento exato assim, porque eu nem sabia negócio de Jesus, nem nada.

Bispa: Quem era ele.

Makuko: Pra mim era o pai do rock in rol, um personagem, até fumava maconha também. Ai me trouxeram um pedido pra banda, e quando eu vi tava na sua casa morando, não vou me esquecer nunca daquela noite de Natal, aquela coisa de família voltando na minha mente.

Bispa: Ficou órfão muito cedo, o avô morreu também, com quantos anos ficou órfão?

Makuko: Com dezesseis anos.

Bispa: Daí a herança era muito grande, pessoas da família internaram ele no manicômio pra poder se apoderar da herança.

Makuko: tinha uma amiga minha no manicômio que morreu de over dose com dezessete anos.

Bispa: Então... É uma história de milagres.

Makuko: Olha como Deus é bom, a gente foi tocar em Itabuna, onde era essa clínica.

Bispa: Sei...

Makuko: Onde aconteceu muita coisa na minha vida, onde morava minha tia, então não achei mais minha tia, ai naquela época ela sumiu, não achei mais ela, ai desci em Ilhéus, aquele caminho todo pela estrada, ai passei pela minha cidade, vai fazer dois anos agora, ai peguei e não desci, falei ; Não vou botar meus pés nessa terra não, não desci, e fui embora.

Bispa: De repente é uma coisa que tá liberto né? a gente fala assim que quem tá viciado em álcool nem assim não fuma. Mas mesmo assim queremos mandar um abração pra Guararema.

Makuko: Um dia eu disse: qualquer dia eu volto pra fazer um show, mas quis ir embora, começou vim uns pensamentos na minha mente, ai eu fui embora, ai chegou em Itabuna, o organizador sabendo quem eu era levou um ônibus da cidade.

Bispa: Quer dizer... cê não entrou, a cidade veio atrás, tá vendo.

Makuko: Ai eu cheguei na cidade comecei a perguntar cadê Paulinho? O Nau perdeu todo dinheiro que o pai tinha, a mãe dele deu um tiro no pai dele, aquela coisa toda... Fulano morreu de

AIDS, João morreu de AIDS, poucos que eu vi na platéia, que eu fui lá na frente que aceitaram Jesus.

Bispa: Então a tia Zenaide você reencontrou?

Makuko: Não, não encontrei ela... A casa que ela morava virou um cartório. Eu procurei, falei na rádio, dei entrevista, falei quem eu era, lembrei o nome de alguns políticos da época do meu pai, não apareceu ninguém.

Bispa: Não apareceu. Vê como é a salvação do Senhor... Vai assim, alcança de uma forma tão sobrenatural, ele é um milagre de Deus, um milagre do Senhor. A primeira casa de recuperação pra viciados e dependentes começou na minha casa, eles dividiam os quartos com meus filhos, quer dizer... nós tínhamos o Gabriel, quer dizer, nós quatro.

Makuko: Mas a Fernanda era pequena, tinha uns nove anos coisa assim.

Bispa: Nós quatro morávamos no meu quarto, tinha outro quarto que era pras meninas, e lá nos fundos outro quarto pros meninos.

Makuko: É alguma coisa assim.

Bispa: Ainda tinha o de baixo que era do Peninha lembra?

Makuko: Exatamente, e outra coisa que é bom deixar claro aqui, que essa coisa de recuperação, as pessoas falavam, recuperação não é você deixar a pessoa na clínica e deixar lá. A questão ali foi o amor, o tratamento que vocês deram que era igual, então a gente se sentia recuperado, recuperar é isso, você sentar com a pessoa na mesa, comer com ela, conversar!

Bispa: A gente precisou ensinar tudo, porque a droga acaba apagando da cabeça da pessoa, como é que senta numa mesa, como é que pega um garfo, perde todo o referencial né?

Makuko: Eu tive assim... Eu tive uma educação.

Bispa: Uma educação assim... Uma família muito rica mesmo.

Makuko: E eu estudei muito, em boas escolas de Itabuna e Ilhéus.

Bispa: Se vestia de marinheiro.

Makuko: Coisa de mãe mesmo, de domingo de tarde comendo pipoca, de calor, com roupa engomada com ferro de brasa.

Bispa: Eu sei, aquela que fica até dura.

Makuko: Querendo morrer.

Bispa: De linho duro.

Makuko: Pois é, ai você acredita que fiquei minha vida toda depois que perdi meus pais, com dezesseis anos, primeiro meu pai, depois minha mãe, ai dos dezesseis até os dezenove acabei com tudo nas drogas, loucura total, foram duas over doses, quase que eu morri, e uma delas foi Dan que me salvou quase que arranco o dedo dele, que minha língua tava enrolada, foi ele que me salvou, foi questão de segundos.

Bispa: Deus seja louvado!

Makuko: Aquela coisa toda me recuperou, ai quando tava na sua casa sentado, tinha hora que eu saia do lugar, eu nem prestava atenção direito no que tava falando porque....

Bispa: Eles já foram Hare krishna, de tomar banho as três da madrugada, nossa, não teve o que não aconteceu né?

Makuko: A busca era constante, a gente nunca achava que era Jesus né/ A busca, ai como a gente nunca ia chegar, ninguém nunca chegava na gente e falava, então... Fui lá.

Bispa: Eles eram muito diferentes.

Makuko: Ai eu achei estranho. Foi no dia vinte e três ou vinte e quatro foi no dia vinte e três né?

Bispa: De dezembro.

Makuko: Tava saindo da Igreja, ai você chegou e falou: olha, quero convidar você pra passar o Natal na minha casa, ela nem me conhecia, nem sabe quem eu sou direito, faz três dias que eu tô aqui, porque eu fui interessado em conhecer a banda. Que papo é esse né?

Bispa: Imagina que naquela época eles moravam num apartamento em Itaquera, com não sei quantos.

Makuko: E não era nossa ainda.

Bispa: Não, era assim... Apartamento tomado por pessoas que eram viciadas né?

Makuko: Um amigo meu que tinha me ajudado né, porque o pai de Cláudia tinha me expulsado de um apartamento que era dele, a gente tava na rua praticamente.

Bispa: A Cláudia também tem uma formação excelente.

Makuko: Foi ai que conheci Tom Zé, com música tropicalis, ai eu consegui alguma coisa com ele assim, mas não tinha onde morar.

Bispa: Aquela época você morava no carro, era uma loucura, imagina só.

Makuko: Doidera né, e ai a gente foi, depois desse dia não sai mais, ai fui totalmente restaurado e a família toda encima, o Katsbarnea, que é minha herança.

Bispa: É uma das melhores bandas de rock, posso te garantir que a sonoridade, arranjo, não tem pra ninguém.

Makuko: E agora já tá todo mundo assim, maduro, então a gente sobe no palco, porque a banda tem um segredo espiritual, porque ela só funciona se tiver unção, entendeu? Então eu me concentro, oro, peço unção, o segredo é a oração, então, porque a gente bota pra quebrar. E a idéia do ministério é recuperar quem nunca ouviu falar de Jesus, agora você imagina cê tá tocando e o cara tá fumando e jogando cigarro, cerveja e tal, ai você tem que pegar estas pessoas...

Bispa: Olha pra você ver, a gente tem uma história com Deus, eu não posso deixar de me emocionar porque o Makuko morou na minha casa, quando eles chegaram, até droga eles tavam dando pro nenê, pro Marrachi não sentir fome, estas coisas. A gente tem uma história de vida com Deus não é brincadeira, não é conto de fadas, é aquilo que de repente ninguém quer, você é aquela pessoa que não acredita que pode mudar, às vezes você não acredita em você, sabe por quê? Você já tentou tantas vezes, você sempre cai, sempre dá errado, você nunca consegue, vem renascer em Cristo, Jesus tá vivo! Jesus tá vivo! Olha... Só fica no escuro quem não quer se abrir pra viver este renascer, hoje temos uma casa inteira, um prédio lindo três mil metros quadrados construídos, maravilhoso com piscina, com tudo, que já recuperou muitos jovens, pessoas de meia idade, até senhores, dependentes químicos viciados em drogas, e tudo é gratuito. Sempre o pão da gente multiplicou na nossa mesa e deu pra todo mundo comer, eu lembro que, a época que eles moravam em casa, olha vamo pra um churrasco, só que nós somos dezesseis.

Makuko: Amigo a gente não deixa pra trás, assim eu também tô aqui me contendo, porque você é uma pessoa que eu amo demais entendeu?

Bispa: Ter Jesus é mais do que ter religião, ter Jesus é ter uma maneira de viver, é viver de forma que tua vida vale a pena, você olha pra trás, meu deus moro numa casa enorme, a

família foi toda embora, juntei tudo, não tenho mais família, ou sei lá, trabalhei a vida inteira e nem casa tenho sabe... Sabe, você olha pra trás, você vê vidas, vidas transformadas, famílias construídas, você vê gente amada liberta, a Claudinha, ela veio tão fraquinha pra nossa casa, e ela já tinha tido uma internação no hospital, e já tinha quase morrido, e ela debilitada de muita droga, ela é muito magrinha, e ela pegou uma infecção de uma operação que ela foi fazer, e uma infecção generalizada e não tinha jeito, eu cheguei no quarto ela tava... o pai não foi visitar, a mãe não foi visitar, mas Deus dá pai e mãe pra gente sabia? eu fui lá ver minha filha, morava na minha casa, é minha querida, eu fui lá, sabe quando tá tudo quanto é soro, não tinha mais onde pendurar nada, e ela naquela estado assim... Eu falei: Cláudia eu vou orar, o que eu sei fazer é orar, Deus é Deus de ressurreição, aí o senhor falou comigo assim: "Unge cada um daqueles frascos", eu comecei a ungir, e orei e falei: Senhor, que estes remédios façam efeito, que combata essa infecção, que não tenha nenhum efeito colateral, que o senhor ouve a voz da gente. Ter Jesus, é ter uma família que tá com você na hora que ninguém quer ficar, sabe que ora com você, que abre as portas da casa, que tem pão pra repartir, ter Jesus realmente é muito diferente, é muito diferente, por isso é que a gente não pode, não pode ter uma casa lar abrigo, não pode cobrar nada por um centro de recuperação, não pode, não dá, nós temos que trabalhar pra isso, por isso que a gente tem um Gideão da Conquista, não pode, não posso ter uma televisão que só vai falar de Jesus, Jesus vai nos ajudar a levar a transformação, tem muito Paulinho Makuko morrendo, tem muita Cláudia Bastos, hoje ela é supervisora e diretora aqui da televisão. Meu Deus, que não pode ficar aí, tem muito príncipe, você pode nos ajudar sendo um Gideão da Conquista, você pode também olhar pros seus carnês, como eu olho, e posso sentar à mesa pra dividir meu pão. Deus já deu, eu posso comer com alegria porque, eu sei por que eu já agradei a Deus dando um pouco aqui no carnê de Gideão pra que outras vidas também comam e se alimentem e sejam restauradas e sejam felizes, a gente vai levar a frente o evangelho, através das frentes sociais da rádio e da televisão, seja um Gideão da Conquista: 4004-4002, não paga interurbano de São Paulo, do Brasil inteirinho, sabe, deixa eu falar uma coisa, é uma coisa tão incrível, se você teve alguém que morreu de droga, a tua maior vingança, é evitar que esta porcaria leve outros irmãos, outros filhos, outras mães, outros maridos, a tua maior vingança, é nos ajudar no centro de recuperação, é completamente gratuito, e

a gente ainda tem em cada regional o GAUF que é um Grupo de Apoio a Usuários e Família de dependentes químicos, que é uma grande benção, você fazendo isso, tem alguém que tá, você tá vendo o dia da overdose mesmo, some de casa, tá sumido, e você não sabe nem o que, se faz um compromisso com Deus e nos ajuda a recuperar. Você tá semeando vida, isso clama por justiça do céu, que Deus abençoa tua casa, tua família, você vai ver a restauração, a recuperação. Seja um Gideão da Conquista 4004-4002! Ligue agora, no final do programa quero ler teu nome e orar com você. O Paulinho Makuko ele é alegre, é feliz, é muito difícil tá do lado dele e não rir, ele tem um jeito de baiano de contar as coisas que é muito bom, mas, melhor de tudo, é que ele é salvo, liberto, resgatado em Jesus Cristo, tem uma família.

Makuko: Maravilhosa.

Bispa: Glória a Deus, tem um filho que Deus o tem honrado. Amém! [sic]

Neste momento se encerra a entrevista com o compositor e cantor Paulinho Makuko.

Esta entrevista apresenta diversas situações negativas, segundo observação do próprio entrevistado, desde o uso de drogas, más companhias, gastos abusivos de dinheiro deixado pelos seus familiares como herança, sua condição de órfão e problemas emocionais. Nessa entrevista, bem como no testemunho anterior, o fiel é também internado em um manicômio e deixa claro que a única saída para todos os seus problemas era a morte. Muitos de seus amigos, e antes dele se converter à Igreja Renascer morreram por causa de overdose, ou AIDS. Passou fome, foi expulso de casa pelo pai de sua esposa, dormiu na rua com seu filho e sua mulher. Desconhecia a existência de Jesus como filho de Deus. Faz comparações como sendo Jesus um ser comum, usuário inclusive de drogas que o próprio entrevistado consumia. Há uma contradição no discurso

apresentado pelo fiel quando diz que a “busca” era constante por melhoria de vida, mas que desconhecia que sua salvação fosse Jesus. Alega nunca ter sido avisado desta possibilidade, mas, mesmo assim, foi até à Igreja Renascer. Refere-se às suas atitudes de conversão e salvação pautadas pela “imitação” de Jesus, uma verdade, do outro que vem à tona pelo reconhecimento do poder da Palavra que transforma sua vida.

Sonia Hernandez narra aos telespectadores, e expõe de uma forma explícita, a vida particular de seu entrevistado, que também não se faz de rogado em colaborar para esta situação em comunhão com a bispa. A narrativa da bispa se inicia divulgando alguns dados pessoais do fiel, seu estado civil, sua esposa é funcionária da produção do programa “De Bem coma Vida”, e que ele, além de compositor, é também cantor. Apresenta toda sua trajetória desde quando chegou a sua casa, considerando-o seu “primeiro” filho na fé e, conseqüentemente o filho do cantor, seu neto. Percebe-se neste discurso que Sonia Hernandez assume um papel matriarcal no contexto familiar do entrevistado. Podemos considerar nesta situação uma projeção feita pela bispa como um mecanismo do rito, mecanismo este que se apresenta a partir desta posse dos integrantes da família do cantor. Fica nítida a pretensão da bispa em viver literalmente as circunstâncias familiares do entrevistado. Mecanismos de defesa são processos inconscientes que permitem a mente encontrar uma solução para conflitos não resolvidos ao nível da consciência. A psicanálise supõe a existência de forças mentais – *Eros e Tânatos* – que se opõem umas às outras e que batalham entre si. Entre os mecanismos de defesa está o de “projeção”, que consiste em atribuir a outro um desejo próprio ou

atribuir ao outro algo que justifique a própria ação. A ação da bispa está calcada no apelo Cristão das comunidades primitivas de acolher os peregrinos, doentes e “miseráveis” de modo geral, para viver com eles e para eles a força do Espírito do Cristo Ressuscitado, provocando assim a conversão e a vida em comunhão.

O entrevistado foi conhecer a banda que tocava na igreja Renascer quando teve contato pela primeira vez com a bispa Sonia Hernandez, que o convidou mesmo sem conhecê-lo a passar a noite de Natal em sua casa com seus familiares, atitude esta que causou estranheza por parte do fiel, mas aceitaram o convite e não saíram mais da Igreja. Segundo o fiel, a partir deste momento começou todo um processo de restauração de suas vidas, sua família foi abençoada e honrada por Deus ²⁶.

Nesta entrevista a alocação de Sonia Hernandez retrata uma característica diferente dos testemunhos anteriores. É carregada de apelos aos telespectadores para colaborarem com a recuperação dos viciados em drogas, coloca à disposição do ouvinte todo o peso da situação negativa vivida por seu entrevistado. Solicita fortemente que todos ajudem através de doações e colaborações financeiras, pois só assim suas vidas serão restauradas e salvas pelo Senhor Jesus, e para que isto aconteça é necessário tornar-se um *gideão da conquista* adquirindo um carnê. A consagração de uma família, segundo Sonia Hernandez, se faz a partir do momento que se propõe levar a transformação a outras vidas. Verbaliza não poder

²⁶ O uso freqüente da palavra restauração, utilizada pela bispa Sonia Hernandez, está relacionada com a reparação de algo que se tem deteriorado, com a renovação para uma volta ao estado em que se encontrava antes. Cabe assinalar, portanto, que o caráter objetual não condiz com a ação religiosa da “conversão” que contém a idéia de transformação, cuja acepção objetual significa converter em algo que, neste caso, corresponde mais precisamente com a intenção da bispa de converter o fiel para Deus.

manter um canal de televisão que só fale de Jesus, existem coisas também muito importantes para ser divulgadas pela mídia, que é o verdadeiro compromisso com Deus, justifica seus apelos exaltando a felicidade e alegria do seu entrevistado, que hoje é um homem totalmente “restaurado”.

Esta entrevista corresponde a outro tipo de “contrato”, aquele em que o próprio fiel pode falar no âmbito do programa “De Bem com a Vida”, demonstrando certa autonomia em relação à entrevistadora. Esta longa entrevista caracteriza-se como a mais dialógica de todas. A bispa Sonia Hernandez é decisiva na vida desse fiel, pois é mediadora na sua trajetória, resultando como prova ela ter operado a salvação definitiva de “Makuko”. Para isto, a bispa apresenta o caso em galeria de ocorrências na qual o fiel declara de viva voz seu processo de conversão.

Makuko relata o testemunho em uma situação de aparente espontaneidade, mas seu relato está definido por “contrato”. Fala de um lugar, de um espaço de tele culto com base no acento verbal da bispa. Sua fala é de “reconhecimento”, uma espécie de prestação de contas relativa à operação de sentido do discurso feito pela Igreja Renascer, visando provas que o dispositivo funciona.

Os relatos do entrevistado contêm “reflexividade própria”, na qual se realiza uma elaboração descritiva sobre seus infortúnios e conquistas após a conversão “em nome de Jesus Cristo”. O fiel deposita sua crença e fortes convicções sobre a eficácia de uma modalidade do discurso que é proferido pela representante da Igreja, comunidade configurada de acordo com os princípios da comunidade evangélica primitiva, aquela que deu continuidade à mensagem de salvação, na qual o próprio Cristo agia conforme o seu estatuto de ressuscitado.

A bispa Sonia Hernandez é consagradamente a mediadora quando sugere a especificidade do seu ministério enunciativo no próprio ato da entrevista, trazendo os vestígios de um “Outro” representante de um discurso que anuncia a Boa Nova de salvação, o que a autoriza a estar nessa condição de liderança. É graças ao porta voz desse discurso outro que se dá a possibilidade de o telespectador entender a função ministerial da bispa. Também é por causa dele que “políticas de comunicação” podem funcionar instituindo o reconhecimento de estratégias de enunciação.

Resulta evidente que a bispa Sonia Hernandez está atrelada a um dispositivo enunciativo complexo que não só reúne elementos de uma religiosidade “clássica”, mas também envolve àqueles já permeados por uma outra reflexividade mais moderna, circunstância em que a tecnologia se converte em outra ambiência, na qual a técnica se coloca como condição para decidir o modo de fazer a experiência religiosa.

Sonia Hernandez não é apenas um lugar investido de discurso, mas também operador de sentido no qual se atualiza o poder simbólico do discurso religioso.

O próximo e último quadro apresentado na programação do “De Bem com a Vida” é chamado de “Hora da Concordância”. É o momento em que a bispa Sonia Hernandez coloca sobre uma mesa os pedidos e adesões feitas naquele dia, atendendo aos seus apelos para que os telespectadores se tornem compradores do carnê Gideão da Conquista, proporcionando assim a realização das suas obras

sociais em prol da recuperação dos dependentes químicos e seus familiares. A abertura de “Hora da Concordância” se inicia com uma vinheta.

“É hora de crer, é hora de crer, e sentir, o teu poder sobre mim, é hora da concordância”.

O cenário apresentado é composto de uma grande mesa na cor azul e branca, a bispa está sentada em uma cadeira de vime também pintada de branco. A parede ao fundo tem uma pintura com listras nas cores azul e alternando com branco.

Bispa: Nós vamos estar aqui ungiendo com óleo cada pedido desse de oração, e orando por você, você vai receber a benção de Deus também. Por cada um que entrou como Gideão no dia de hoje Pai, do Tocantins, da Bahia, do Paraná, do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, de São Paulo, da Bahia. Oh meu Deus, alcança com o teu poder, que essa aliança que nós temos vivido tem mudado a nossa história, também mude também a vida dos teus filhos que estão agora se comprometendo contigo, dá-lhes graça para eles serem fiéis. Senhor agasalha cada vida aqui. **“Eu expulso”** toda enfermidade, todo espírito de loucura, síndrome de pânico. **“Sai”** em nome de Jesus, agora, depressão, espírito de morte, vão pra baixo, câncer, lupos.

Em nome de Jesus, você que está encostado na caixa, já não mexe mais o braço, recebe vida, libertação, toda febre, infecção, doenças respiratórias, renais, sai em nome de Jesus. Pai olha para cada um, e cura, e como Pai, põe pão nessa mesa, atende o clamor, manda um socorro sobrenatural, olha para aqueles que são Gideões Senhor, olha aquele que tem amor na sua casa, faz justiça, por salvação, eu clamo por vitória, clamo por colheita, em nome de Jesus, as casas deles, que suas famílias sejam conhecidas pela paz, pela harmonia, respeito, restaura o lar, da paz pro marido, tira os filhos da loucura, esposa, meu Pai, tu és Deus pra fazer milagre, e **“eu ordeno”** a tua benção poderosa sobre cada vida, em nome de Jesus. Amém e Amém!

Que Deus te abençoe!

Olha, te espero numa Igreja Renascer em Cristo, dá tempo de ir ainda hein, tem culto às cinco e às sete, vem renascer em Cristo, todos os dias nós temos cultos desde as seis e trinta da manhã, nós temos uma campanha de oração que você não sabe, tem pessoas que vão lá com a sua carteira de trabalho, e já voltou no final da tarde para dar testemunho, é tremendo. Venha renascer em Cristo, venha você também ficar cada dia mais “De Bem com a Vida” [sic].

O quadro se encerra com a vinheta do programa “De Bem com a Vida”

“Quero estar de bem com a vida, seja onde for. Tudo tem mais vida, a vida tem mais cor. Vem estar de bem com a vida”.

“Hora da concordância” é um quadro do programa “De Bem com a Vida” que se refere a um tempo qualitativamente distinto do resto da programação. É o tempo da oração, mas tal correspondência ou conformidade remete ao telespectador a estabelecer uma relação no uso pronominal que a bispa - eu - faz com Ele - Deus. Um diálogo no qual o sujeito enunciativo se supõe o sujeito da enunciação.

O enunciado compreende duas instâncias: a do enunciativo e a do enunciatário. Chama-se enunciativo ao destinador implícito da enunciação ou da “comunicação”, distinguindo-o assim do narrador, equivalente ao “eu”, por exemplo, que é um actante obtido pelo procedimento através do qual a instância da enunciação se dá no momento da ação da linguagem e com a mira na manifestação projetada fora dela por certas palavras vinculadas à estrutura de base, com o fim de constituir assim os elementos fundadores do enunciado –

discurso religioso. Assim, a bispa Sonia Hernandez, neste ato de linguagem, aparece escamoteando de modo criativo por um lado, o sujeito enunciador, o lugar e o tempo da enunciação; e por outro, a sua representação actancial, espacial e temporal do enunciado evangélico.

Paralelamente, o enunciatário corresponderá ao destinatário - telespectador implícito na enunciação da bispa. O enunciatário não é só o destinatário da comunicação, mas também o sujeito produtor do discurso, por ser a “leitura” um ato de linguagem - televisiva, um ato de significação muito parecido com a produção, propriamente do discurso.

Desta forma, a bispa Sonia Hernandez é o “sujeito da enunciação”, sinônimo de enunciador que contempla as duas posições actanciais de enunciador e enunciatário (GREIMAS e COURTÉS, 1990:148).

Nesta tentativa de entender a oração como um ato de enunciação cabe fazer a distinção das duas formas diferentes como esta ação se dá no discurso da bispa Sonia Hernandez. Em primeiro lugar como uma estrutura não lingüística, referencial subentendida pela comunicação lingüística: a bispa Sonia Hernandez ergue os dois braços, fecha os olhos, emposta a voz e começa a clamar por Jesus. E, em segundo lugar, como uma instância lingüística, logicamente pressuposta pela existência mesma do enunciado que contém traços ou marcas. No primeiro caso, falamos de “situação comunicativa”, de contexto psicossociológico na produção dos enunciados que o contexto referencial da bispa permite atualizar. No segundo, ao se considerar que o enunciado é o resultado alcançado pela enunciação, esta aparecerá como a instância da mediação que assegura a aparição em enunciado – discurso das virtualidades da língua.

Segundo a primeira acepção, o conceito de enunciação tende a aproximar-se ao de um ato de linguagem, considerado sempre na sua singularidade; na segunda, a enunciação é concebida como um componente autônomo da teoria da linguagem, como uma instância que prepara a passagem da competência à performance lingüística, das estruturas virtuais que deverão atualizar as estruturas atualizadas sob a forma de discurso. Esta segunda definição nos permite entender o quadro a “Hora da Concordância” como uma instância de mediação produtora do discurso da bispa Sonia Hernandes. No entanto, é indispensável interrogar-se sobre as estruturas virtuais que constituem sua enunciação, por exemplo: dar a graça, agasalho, vida, libertação, saúde, pão, socorro, justiça, salvação, vitória, colheita, paz, harmonia, respeito, restauração e bênçãos.

As ordenações discursivas acontecem sempre em contextos e ofícios que envolvem a presencialidade do oficiante e dos fiéis nos chamados tele cultos, por meio de fortes mecanismos de interação marcados pela sugestividade. A emissão é uma espécie de cerimonial que, a exemplo de todos os espetáculos realizados, tem seu ponto culminante em desfechos celebrativos de conquista ou coroamento através da fórmula ritual que significa revelação, manifestação, teofania, epifania e glória. A estratégia funciona segundo um dispositivo fortemente centrado e numa inflexão de complementaridade entre a apresentadora e o fiel que se caracteriza pela situação em que o primeiro disporia daquilo que falta ao segundo, ou seja, a possibilidade de “salvação”, na condição de mediadora de um poder que lhe foi outorgado.

O uso do imperativo: “eu expulso”, “eu ordeno”, fazem alusão ao poder enunciativo que a bispa assume na sua qualidade de ministra ou mediadora,

revestida pela autoridade divina no ato sagrado da oração que traz na sua reconstituição discursiva benefícios para o destinatário. Assim se configura a prática da fé evangélica veiculada no programa “De Bem com a Vida” da Igreja Renascer em Cristo, cujos efeitos de sentido veremos a seguir.

Capítulo III

Efeitos receptivos do “fenômeno” midiático da Igreja Renascer em Cristo

Nos capítulos precedentes, tentamos demonstrar como o fenômeno religioso se estrutura nas bases antropológicas, ontogenéticas e filogenéticas do ser humano no mundo. Tal fenômeno encontra na contemporaneidade novas formas de representação, mediadas por dispositivos tecnológicos e pelo poder simbólico da linguagem que estes são capazes de desenvolver a modo de discurso, sobretudo, na esfera da comunicação social. As mediações comunicativas que convergem nestas novas formas de comunicação midiática são de caráter simbólico, ritual e institucional.

Desta forma, a proposta de análise neste capítulo refere-se à imagem da Igreja Renascer em Cristo que nos tem servido de suporte para demonstrar como o fenômeno religioso adquire no dispositivo televisivo um novo formato do que seriam as práticas de ritualização na atualidade brasileira do veículo e de sua influência sobre a sociedade que vem representando. Mas, sendo os aspectos da ética e da moral os princípios fundadores de toda e qualquer religião e de seu “afazer”, a transgressão desses limites é motivo mais do que suficiente para que a demanda do telespectador seja interpretada pela mídia como um desvio de tais fins, fato acontecido no caso desta Igreja transformada em notícia de impacto nestes últimos tempos no Brasil.

Não é intenção deste trabalho julgar os fatos, e sim verificar o alcance da repercussão que eles têm quanto ao fenômeno religioso que contém, revelando uma prática objetiva da fé e das crenças que determinam os comportamentos sociais daqueles que interagem com o aparelho televisivo. Desta forma, examinaremos à luz da mídia impressa como este “fenômeno” adquire conotações relevantes nos cenários que a mídia promove, e cuja ação se pauta na recepção dos fiéis telespectadores e no julgamento que esta faz do compromisso ético e social da Igreja na sua atuação.

Há uma série de razões que justificam por que as notícias da imprensa e da televisão recebem um crédito especial, pois são tidas como “um espelho da realidade” devido ao envolvimento “da câmara” ou “com a câmara”. A metáfora do espelho nos sugere uma reflexão complexa, imediata e acurada da realidade – que não faremos aqui, mas que ignora os limites organizacionais. Programas são planejados com antecedência, poucas matérias são selecionadas do grupo de matérias cobertas. O editor designado faz escolhas; assim como o escritor e o editor. O resultado não é nada igual ao reflexo de um espelho. O telespectador não vê a realidade, só vê um conjunto de narrativas selecionadas e editadas.

A narrativa é a forma fundamental de entendimento humano porque dirige a percepção, transmite moralidade e estrutura o conhecimento. Ela o faz pela “imposição” de uma ordem temporal às ações dos caracteres em relação aos eventos que levam a alguma conclusão. Por último, o significado da narratividade está na revelação de alguma “verdade” sobre a condição humana.

O poder da mídia, em particular da televisão vindo à tona no caso da Igreja Renascer, está na habilidade de representar pessoas e eventos, e apresentá-los

aos telespectadores. Contudo, abordaremos neste último capítulo a imagem da Igreja Renascer reconstruída pela mídia no significante da torre de transmissão, da marcha para Jesus e do templo para prática ritual, e das repercussões políticas que trouxeram o “acontecimento” da prisão de seus líderes. Discutiremos sobre a diferença que existe entre ética e moral que colocaram o casal de ministros da Igreja no “banco dos réus” – um conflito “entre a cruz e a espada” como um modo de atualização do velho conflito do pecado. E, por último, faremos referências ao expansionismo pretendido pela Igreja Renascer em Cristo, através do casal da Rede Gospel, e ao contra ataque da mídia frente a esta Igreja que segue os princípios da Teologia da Prosperidade.

I- A Imagem da Igreja Renascer em Cristo

Não se pode compreender nem avaliar o influxo da mídia quanto à capacidade de julgamento sobre a realidade sem levar em consideração o tipo de influência que, neste caso, a televisão gera quando se trata do fenômeno religioso e de suas práticas na tela ou “fora dela”. Para avaliá-lo, é fundamental examinar o tipo de percepção da realidade que este meio produz na sua mediação cognitiva; os princípios de seleção por parte dos comunicadores – ministros da Palavra –, dos materiais informativos que se convertem em critérios específicos de avaliação da realidade e que se oferecem ao usuário como modelos de comportamento.

Nessa encruzilhada entre percepção da realidade, princípios de seleção da mesma e critérios de avaliação – mediação cognitiva e estimativa da realidade –, é que se insere a problemática dos efeitos da mídia em questão. Esta chave de inserção está nas modificações da percepção da realidade produzidas pela televisão e na conversão dos princípios de seleção em critérios de avaliação da realidade e da conduta.

De modo geral, a literatura da mídia serve-se de metáforas para representar as mediações simbólicas que opera no imaginário cultural. Marshall Mc Luhan, no seu livro **Os meios de comunicação como extensão do homem** (2002), usa uma linguagem profética, amiúde com tons apocalípticos para anunciar a revolução eletrônica e as conseqüências que isto traz para a sociedade: “Aproxima-se um mundo regulado pelo automatismo”, diz Mc Luhan em uma tentativa de compreender a fusão do humano e o maquínico. Esse automatismo

produziu teorias da ficção científica como o livro e o filme **1984**, de George Orwell, **Fahrenheit 451**, o ensaio **O homem unidimensional** de Marcuse(1964) e **Matrix**, entre outros. São os anátemas da Escola de Frankfurt à massificação totalitária produzida pelo “determinismo” do influxo da mídia²⁷. Alguns destes automatismos no influxo da mídia se dão, mas em áreas marginais, em setores populares da cultura em que a televisão tem uma inserção contundente como fenômeno de massas.

No entanto, a mente humana não é uma superfície passiva donde a mídia pode irromper sem mais nem menos; nem suscita a participação sensorial que predizia Mc Luhan, nem esse “determinismo” automático ou maquínico assinalado. Também a mídia gera tédio, insensibilidade, indiferença, torpor, preguiça e repetitividade. Sem contar com a reação de setores como o religioso que responde com uma verdadeira cruzada a este desafio da cultura midiática.

Para isto, é necessário estudar o tipo de mediação cognitiva com o intuito de verificar se, a televisão é nos dias de hoje o “tabelião da realidade”, expressão cunhada pelo próprio Mc Luhan.

A nova medida do real para muitos é a mídia televisiva, com seu bombardeio de notícias, a sua indústria pesada, especializada na produção e

²⁷ Não sendo o determinismo um assunto no qual nos aprofundaremos, cabe assinalar que o conceito se reveste de múltiplos significados, conforme os diversos modelos de que possa haver. Existe um determinismo físico, segundo o qual as leis que regem o mundo corpóreo são invariáveis. Há também um psicológico, cujos defensores sustentam que todos os fenômenos, inclusive os referentes à liberdade, são, em última instância, condicionados de modo inelutável. Existe igualmente um determinismo sociológico que vem de encontro ao influxo da mídia acima citado, pois está relacionado com o desenvolvimento das sociedades e, por conseguinte do indivíduo que nela se insere, regido por uma série de leis e situações históricas, ambientais, econômicas, etc. O influxo da televisão, por exemplo, faz parte das mídias ou do campo da comunicação, um campo cuja automatização ocorreu como fenômeno da modernidade, e que se diz estar situado, ou quem sabe sitiado, na fronteira dos campos sociais, instaurando aí um novo espaço público.

seleção de signos, a fim de obter determinados efeitos, pilotando opiniões e reações do público telespectador.

Efetivamente, para obter um efeito comunicativo, a televisão, no seu empenho de construir e dissolver novos mitos e realidades é extremamente eficaz, a tal ponto que pode ficar difícil e até impossível diferenciar a verdade do fenômeno religioso na realidade midiática apresentado na telinha.

O que seria, então, essa realidade midiática no contexto do fenômeno massivo da televisão?

O ser humano contemporâneo tem diante de si um leque de possibilidades cognitivas praticamente inesgotáveis. A televisão oferece um cardápio cultural que se espalha ao longo de todo o globo como uma rede. A mídia televisiva oferece-se como uma possibilidade para todos os estratos culturais do presente e do passado, de modo simultâneo e global. Assim, o telespectador se encontra presente em contemporaneidade com todas as épocas, já que na realidade midiática desaparecem a sucessão cronológica-causal dos acontecimentos históricos, assim como as barreiras ou relevos entre as diferentes culturas: é o reino da pluriformidade das diferenças onde, na realidade, estas diferenças se dissolvem em nome da uniformidade e da pretensão de totalidade, com o fim de criar uma espécie de presente cultural contínuo.

Estas características próprias do meio massivo da televisão criam uma nova dimensão existencial e uma nova percepção da realidade que vale a pena examinar de um modo geral para depois particularizar nos efeitos produzidos pela televisão no âmbito do fenômeno religioso. As características mais notáveis que

confluem na formação de um juízo de valor e de conduta do ser humano na atualidade podem ser:

1) O usuário da televisão está submetido a uma dissolução da unidade direcional da consciência. Ao oferecer a disponibilidade imediata de uma informação instantânea, teoricamente ilimitada, a televisão favorece uma infinita dilatação do presente e uma nova percepção espaço-temporal, ao incorporar passado e futuro em um único tempo e lugar. Em certo sentido, a existência determinada pelo tratamento eletrônico da informação, vai se des-historizando ou a-historizando. Dissolveu-se a idéia romântica de uma história em movimento linear e progressivo, entre um princípio e um fim. Perde-se a dimensão diacrônica da realidade e a unidade direcional da consciência, para se adaptar a um movimento circular, global e globalizador, sem princípio nem fim. Isto não só porque se dissolve a sucessão temporal, mas também porque se perde a dimensão local. Desorienta-se o indivíduo no tocante ao espaço e ao tempo que seu ser ocupa na rede de conexões existenciais, fundamentalmente baseada em critérios de identidade e diferença. Tudo isto conduz à anulação do conjunto referencial que constitui o eixo do próprio sistema lógico, provocando um estado de confusão na percepção analítico-sistemática da realidade e na avaliação dos acontecimentos, que repercute até no juízo prático: se não se distinguem os diversos momentos da

ação, não se dará o distanciamento necessário para emitir juízos e tomar decisões, porque isto supõe a diferenciação entre antes e depois, entre causas e efeitos.

A consciência é fundamental quando se trata do fenômeno religioso, nela se funda todo o campo da doutrina e da tradição que pauta o comportamento, mas neste contexto midiático a consciência deve decidir e atuar no instante: é o imperativo categórico do estereotipo midiático do *carpe diem*.

2) A consciência também se encontra diante de um universo de máscaras, diante de diferentes repetições de um mesmo modelo. É o passo do ser à aparência, à imagem pela imagem. O núcleo do ser pessoal se mede pelo seu eco, fama, semelhança ao modelo oferecido pela televisão. Com o perigo para o fiel telespectador, no nosso caso, de não poder chegar à sua própria imagem original, questão que o fenômeno religioso vai salientar o tempo todo em relação a Deus. Liberada pela paixão, pelo significado original, pelo autêntico, pelo verdadeiro, a consciência começa a apreciar uma arte de viver na qual são decisivas a cautela e a capacidade de adaptação às circunstâncias aos novos modelos presentes na cultura midiática.

3) A única possibilidade de eternidade do ser humano, oferecida pela televisão, é a experiência do substrato cultural comum ou, pelo menos, a continuidade da transmissão dos

modelos culturais. E aqui entramos no âmago do problema da dissolução do eterno humano, do fenômeno religioso, da norma objetiva e permanente da consciência que sustenta a fé. O espaço maior concentra-se em fazer possível, dentro do possível, ou como diz Slavoj Žižek nas suas conversações com Glyn Daly: **“Arriscar o impossível”** (2004).

4) Verifica-se uma insensibilidade da consciência em relação aos valores. O usuário acostumou-se a uma cosmovisão na qual falta a referência a todo e qualquer tipo de valor permanente. A simultaneidade em seu caráter universal dos produtos acarreta uma revitalização deles. Pode-se exaltar um tema na televisão ou delimitá-lo, ou lançar a mensagem que têm o valor do efêmero, ignorando os valores de referência. Pode-se chegar a julgar uma realidade sem que a consciência mesma se dê conta, já que não faz mais do que refletir juízos estimativos alheios, ou na maioria das vezes, camuflados.

O perigo maior é a delegação massiva do poder de desejar, de escolher, de decidir, da própria responsabilidade no julgamento. Isto é próprio da realidade televisiva, o lançamento de mensagens persuasivas que ocultam os verdadeiros interesses em jogo daqueles que sustentam o poder.

A tudo isto se deve acrescentar o fato de que os próprios tempos da informação e os de reação da consciência são diferentes. Um caleidoscópio de imagens e cores embota, satura

e produz sintomas de ansiedade, alucinações, distúrbios visuais e vertigem.

5) À filosofia do ser e da autêntica vivência do fenômeno religioso sucede uma filosofia do compromisso. Vivendo uma cultura de letargia, o indivíduo torna-se insensível à origem e finalidade da mensagem, perdendo o sentido crítico. Trata-se, então, de uma resignação perceptiva em que tudo tem o mesmo valor, e que o leva ao convencimento de que a única coisa a fazer é aprender a técnica do compromisso com o puro “sentir” como estilo de vida. A consciência liberta-se, assim, de toda ilusão ideológica. As leis e a sintaxe da vida social aparecem como fruto da convenção e não têm nenhum fundamento objetivo permanente. O único fundamento é um consenso comum sobre os papéis que devem ser representados.

Examinado o tipo de percepção, caberia se perguntar em que consiste essa realidade midiática? Quais são os dados que passam para a consciência, os eventos que formam o tecido da informação que a televisão transmite? Muitos ainda são fascinados pela tese da televisão ser criadora de uma nova realidade. Acontece que, com frequência, os próprios estudos semióticos da televisão encontram dificuldade para distinguir entre a realidade autêntica e a realidade transmitida por essa mídia. Sobretudo quando é a própria televisão que se ratifica a si mesma como um universo hiper – real. Existem, portanto, eventos autênticos, objetivos na realidade televisiva? Os que sucedem sem a presença da câmera de televisão, ou sem seu eco na imprensa, estão destinados a não incidir na

realidade, na história. Acontecem como não-eventos. Os outros, os que passam pela mídia constituem o verdadeiro alimento da realidade: eles são os verdadeiros acontecimentos. Com os bancos de dados o problema se torna mais agudo: constituem a memória coletiva da humanidade. A realidade-crônica se transforma em realidade informática. Nesta transformação podem-se registrar dois movimentos: um, quando a televisão está a serviço da realidade; outro, quando a realidade está a serviço da televisão: um acontecimento para passar à história, tem de ser informatizado, isto é, tem que ir revestido de uma série de significantes. Tudo muda, dependendo do fato de ser ou não transmitido pela televisão.

Os tele-eventos tendem a obscurecer os eventos espontâneos, porque são mais cenográficos, mais fáceis de difundir de maneira espetacular. Cabe salientar que o “Programa de Bem com a Vida”, que analisamos no segundo capítulo, tem esse propósito, transmitir ao “vivo” o que seria o próprio ritual do culto da palavra. São mais compreensíveis socialmente falando porque interpretam a comunidade dos fieis destinatários, adequado como objeto de comentário e de intervenção dos apresentadores. Todo este encadeamento produz no usuário uma experiência vicária da realidade, na qual se vive por meio de outros. Esta é a força da mídia televisiva: converter o meio em mensagem e alimentar-se de si mesma tornando-se imprescindível.

A idéia nesta Dissertação é que a televisão seja vista como um conjunto de modelos sobrepostos: emissora, canal, gênero, programa, programação e panorama televisivo que a configuram de maneira híbrida. Na sua fluidez e opacidade, em grande parte causada pela sobreposição incessante de outras molduras que se vêem na tela, a televisão é uma tendência, uma virtualidade que

se atualiza em certas televisões ou em certas práticas que podem ser diferentes no caso da Rede Gospel da Igreja Renascer que lhe conferem historicidade e peculiaridades territoriais.

O fenômeno midiático ocorre em parte por causa do *zapping* do emissor e do receptor, que propõem os diferentes moldes, mas também em grande parte, por uma terceirização da produção televisiva. A televisão, no recorte social que nos interessa examinar, tece imaginários independentes da mídia e, portanto, os chamados “imaginários televisíveis”, aqueles que são atravessados por outros na moldura do corpo do telespectador no ato perceptivo ocorrendo um reconhecimento.

Nas palavras de CASTORIADIS (1982), o imaginário é criação incessante e essencialmente indeterminada da figura, forma e imagens, e aquilo que chamamos de realidade e racionalidade seriam seus produtos. Neste contexto existe proximidade entre a televisão e o imaginário religioso que se deseja construir. Assim, a Igreja como instituição é uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam, em proporções e relações variáveis, um componente funcional – o dispositivo televisivo e um componente imaginário –, a Igreja Renascer em Cristo. No entanto, há nesta teia, um vértice que é dado pelo fiel espectador que nos leva a pensar que o imaginário televisivo que analisamos é instituído, cuja percepção é atravessada pelo receptor, um corpo singularmente inserido na sociedade e na cultura, com um repertório de imagens.

O campo religioso participa no caso da Renascer com suas enunciações da construção de sentidos e, a seu modo, engendra imaginários e é engendrado por

eles. A retórica televisiva, vista no primeiro capítulo, tende à verossimilhança; no seu discurso a televisão mostra não a veracidade dos fatos que estão em jogo, mas a verossimilhança dos argumentos retóricos utilizados. Para isto, o sentido há de ser buscado nem tanto no que é dito e mostrado, senão nos modos de dizer, de mostrar, de interagir e de seduzir, ainda que a verdadeira intencionalidade permaneça oculta. A televisão produz, como vimos, um certo discurso fundador, que cria um novo lugar de significação. Há um tempo e um espaço propício para este tipo de discurso: o da descontinuidade, do novo, da crise e do estado emergente no qual se situa a prática da Rede Gospel de Televisão.

Desta forma, as imagens televisivas podem ser compreendidas porque são de muitas formas, mais ou menos compartilhadas social e culturalmente. A imagem da Igreja Renascer em Cristo é explorada com maior profícuidade através da Torre de Televisão, a Marcha para Jesus e o Templo, estes parecem ser os alicerces nos quais o poder simbólico se estabelece sob a perspectiva das diretrizes do tempo e do espaço.

1) A torre de televisão da Igreja Renascer em Cristo.

Localizada na esquina da Rua da Consolação com a Avenida Paulista, a torre de televisão da Igreja Renascer transmite a Rede Gospel que pertence à empresa “FH Comunicações” da bispa Sonia Hernandez e de seu filho Felipe Daniel. A visibilidade deste “totem” erigido em favor das telecomunicações sustenta a sentença: “Deus é fiel”, fórmula de “conquista do Brasil e do mundo” para a fé evangélica, empresa que através dos meios de comunicação social representa o projeto evangelizador da Igreja

Renascer, com uma base tecnológica de longo alcance. Construída na base das doações dos fiéis por meio do pagamento de um carnê, a torre de transmissão mais alta do Brasil lembra o projeto Babel de Nabucodonosor e a instância epifânica de Pentecostes. O primeiro projeto do Antigo Testamento estava ligado à tentativa de alcançar Deus em um ato de poder; o segundo, a restabelecer a ordem e a unidade em torno de uma linguagem universal, a do amor vivido no seio de uma comunidade crente.

A torre faz comparecer ao imaginário religioso, como mencionamos, a imagem de Babel, a porta do céu, cujo objetivo era restabelecer por meio de um artifício o eixo principal rompido pelo homem – o Pecado Original – e elevar-se até à morada dos deuses. O simbolismo religioso da torre é universal e equaciona o velho sentido dado pela tradição com a empreitada da Igreja Renascer. Sem deixar de pensar na alegoria, a Torre de Babel foi construída com tijolos cozidos e betume, como muitas torres da Mesopotâmia, com andares, encimada por um templo, para que seu topo fosse semelhante ao céu e à morada de Deus.

Essas torres que dominavam as cidades babilônicas eram sinais de politeísmo, devendo ser condenadas pelo monoteísmo hebraico. A tradição de um edifício sagrado elevado em direção ao céu que precedia, talvez represente a origem do desejo, aproximar-se do poder divino e de canalizá-lo para a terra, perverteu-se na revelação bíblica: a torre de Babel tornou-se a obra do orgulho humano, a tentativa que pretende subir à altura da divindade e, no plano coletivo, da cidade que se eleva contra Deus.

A Torre de Babel é o símbolo do orgulho e da tirania, ao mesmo tempo de confusão, dispersão e catástrofe. Tal é o sentido assinalado por Jean CHEVALIER e Alain GHEERBRANT no **Dicionário de Símbolos** (2006). Já na acepção cristã, inspirada nas construções militares e feudais, erçadas de torres, atalhas e torrões, aproxima-se da estrutura metálica da Igreja Renascer que explora o símbolo midiático da vigilância e ascensão. A torre serve para eventuais inimigos, mas tem também um sentido de escada; relações entre o céu e a terra. Cada degrau marca uma etapa na ascensão. Fixada em um centro – centro do mundo –, a torre é um mito ascensional, traduzindo a energia solar geradora transmitida à terra. O atamor dos alquimistas assume a forma de uma torre para significar que as transmutações procuradas nas suas operações encaminham-se todas no sentido de sua elevação: do chumbo ao ouro e, no sentido simbólico, do peso carnal à pura espiritualização²⁸.

Portanto, esta torre da Igreja Renascer é revestida de todo um valor mítico, mesmo que sua estrutura de aço, destinada à transmissão da emissora, localizada no centro comercial, seja um símbolo do capital simbólico, esse crédito é sustentado na crença e no reconhecimento ou, mais precisamente, nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma instituição eclesial os próprios poderes que eles lhe reconhecem. É a ambigüidade da fé, analisada como a força objetiva que pode ser objetivada nas coisas e, em particular, em tudo o que faz da

²⁸ O atamor é uma matriz em forma de ovo: assim como o mundo, encontra-se na base de todos os ritos de iniciação. Símbolo do cadinho de transformações físicas, morais e místicas que podem ser operadas no ser humano (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2006:96).

simbólica do poder, um produto de atos significativos de reconhecimento, que, enquanto crédito e credibilidade, só existem na representação e pela representação; na confiança e pela confiança; na crença e pela crença; na obediência e pela obediência. O poder simbólico da torre de transmissão é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o acredita – fé na autoridade. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. Crer é literalmente selar um pacto com um ser do qual se espera proteção. A consigna da Igreja Renascer “conquistar o Brasil e o mundo para Jesus Cristo” através dos meios de comunicação representa a empresa da instituição que está sintonizada com o tempo e o espaço da atualidade, com a percepção de um mundo informatizado. A torre é uma opção de entrar pelo viés das comunicações em uma nova forma de evangelização e, por último, um critério de avaliação sobre o mundo em forma de um projeto de “salvação”, reforçado no meio de maior alcance às massas e através das mediações simbólicas, rituais e institucionais que a Igreja Renascer se propõe para alcançar este fim.

2) A Marcha para Jesus

A primeira Marcha para Jesus aconteceu em 1987 na cidade de Londres, no Reino Unido, e foi patenteada pelo pastor Roger Forster, pelo cantor e compositor Graham Kendrick, Gerald Coates e Lynn Green. No início, a intenção era tirar a Igreja das quatro paredes e mostrar que ela estava viva e presente na sociedade.

Em 1989, mais de 45 localidades marcharam juntas em todo Reino Unido, inclusive em Belfast (capital da Irlanda), onde seis mil católicos e protestantes se reuniram, num visível sinal de comunhão. Neste dia, duzentos mil cristãos estiveram unidos em toda a nação, fato que voltou a se repetir em 1990 e 1991. No início da década de 1990, as Marchas se converteram em eventos de proporções continentais, ocorrendo em toda Europa. Em 1992 a Marcha para Jesus já tinha se tornado um movimento mundial de louvor e adoração a Deus, chegando a outros países da América, África e Ásia. No ano de 1993 o Brasil realiza a sua primeira edição do evento, sob a orientação e organização da Igreja Renascer em Cristo que contou com a presença de 350 mil pessoas às ruas de São Paulo com destino ao Vale do Anhangabaú. A partir daí, a cada ano, o evento adquire cada vez mais a conotação de um espetáculo de massa, apresentação de artistas evangélicos e desfiles, sempre com muita dança ao som de pagodes, trios elétricos e axé ditos evangélicos.

Fazendo parte do calendário oficial de diversas cidades, a Marcha para Jesus conta com a participação de diversas comunidades cristãs, envolvendo todas as denominações e, segundo os organizadores, capturando de forma arrebatadora as mentes e corações de seus participantes. De acordo com os números fornecidos pela Polícia Militar, estima-se que só na cidade de São Paulo esta caminhada evangélica chegou a reunir cerca de três milhões de pessoas.

Certamente que a Marcha para Jesus é uma alegoria moderna à peregrinação e se, na imagem da torre estava contido o poder simbólico da

mesma, a marcha é um símbolo religioso que corresponde à situação do fiel convocado. Das alturas ao chão, a marcha é uma apropriação do tempo e do espaço das provações para alcançar, por ocasião da morte, a Terra Prometida ou o Paraíso perdido. O termo peregrino designa bem a condição do fiel que marcha para Jesus Cristo, do ser humano que se sente estrangeiro dentro do meio em que vive, onde não faz outra coisa senão buscar a cidade ideal.

O símbolo da marcha exprime não apenas o caráter transitório de qualquer situação de vida, mas o desprendimento interior em relação ao presente, e a ligação a fins transcendentais e superiores em uma esfera sobrenatural. Por outro lado, a alma do soldado é considerada na prática evangélica como a mais próxima do que seria “um exército de salvação”. O apelo do soldado está no cerne da moral “aberta” e, no campo espiritual, o motor da evolução criadora.

Pode-se notar, com relação ao símbolo dessa marcha para Jesus Cristo, a homenagem Àquele que santificou os locais pelos quais passou. O ideal do soldado de Jesus Cristo que marcha se resume em um acordo de lealdade absoluta para com as crenças e compromissos aos quais toda vida está submetida. Ele exprime a recusa da corrupção ambiental, sobretudo quando essa corrupção se apresenta como traição, muito embora não se possa dizer que seus adeptos sejam perfeitamente irrefutáveis. A marcha para Jesus da Igreja Evangélica Renascer também é um testemunho do fiel e dos valores que este encarna na sua luta espiritual.

O soldado que marcha pelas ruas de São Paulo faz alusão, em primeiro lugar, à condição individual, quer de seu próprio eu quer dos outros ou, em segundo lugar, de serviço à autoridade que representa nessa ação de peregrinação, cujo exercício consiste em encabeçar a batalha contra os inimigos da fé. Essa autoridade que consiste na posse dos meios necessários para a obtenção dos objetivos desejados, acompanha-se de uma espécie de doação mística a um ser superior: Jesus Cristo, o Filho de Deus.

O fiel marcha para Jesus em um ato de grande visibilidade, é um servidor que se realiza nessa ação coletiva por uma grande causa: a conversão dos infiéis para a salvação que encontra no cenário paulistano seu ápice. Este símbolo da marcha para Jesus Cristo define-se como um complexo combate imaginário, que a Igreja Renascer empreende com a intenção de espiritualizar o Brasil. Essa espiritualização realiza-se: seja pela escolha de uma causa superior, a salvação dos brasileiros, seja pela escolha dos meios nobres, como a evangelização feita através dos meios de comunicação social, seja através da admissão de uma sociedade de elite – os escolhidos, isto é, o reconhecimento dos líderes que mediam o poder simbólico de Jesus Cristo, ao qual se deseja prestar juramento de obediência. O sonho do crente revela o desejo de participar de um grande empreendimento que se distingue por seu caráter moralmente muito elevado, e de certo modo: sagrado.

Este tipo de evento traz à tona o estilo que a Igreja Renascer dá a sua evangelização no Brasil, bem como ao amor e à morte que constituem

os motivos religiosos por excelência. O amor é vivido neste ritual religioso como um combate, e a guerra como um amor; tanto a um como a outro, o soldado que marcha para Jesus sacrifica-se até à morte. Luta contra as forças do mal, inclusive contra as instituições da sociedade quando estas parecem violar as exigências individuais que a alma inspira.

A Marcha para Jesus, como proposta espiritual da Igreja Renascer em Cristo, se fundamenta nos relatos bíblicos do Êxodo 14 que trata da passagem dos israelitas pelo Mar Vermelho a pé enxuto, seguindo as orientações do seu líder Moisés, que encabeçou esse ato primordial de libertação da escravidão egípcia; em Josué 6, onde se relata a conquista de Jericó encabeçada por Josué, filho de Nun, que convocou o povo a uma marcha para levar a Arca da Aliança ao som de trombetas e gritos de proclamação e colocá-la em lugar de maior destaque como símbolo do triunfo; e João, capítulo 13, versículo 35, que representa a consigna da marcha: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”.

3) O Templo

O templo da Igreja Renascer tem sua matriz localizada na Rua Lins de Vasconcelos, 1108, no Bairro do Cambuci, São Paulo. Um edifício moderno de estrutura sólida que na fachada apresenta um decorado mediterrâneo na parte superior. Na parte de baixo, portas de vidro azuladas reforçam a cor do céu em uma superfície horizontal branca que serve de base. A poucos metros da entrada, uma ante-sala na qual os fiéis podem

escolher a entrada para um anfiteatro, para serviços de higiene ou uma loja de conveniência onde podem comprar produtos próprios do culto. O templo desce até um enorme palco de mármore com escadas, em cujo centro há um pequeno altar com uma Bíblia aberta e dois candelabros atraem o olhar do fiel espectador. No teto, uma cúpula em forma de cruz com quatro saídas, no centro, a imagem do Espírito Santo em forma de pomba concentra a figura transparente que irradia a energia do símbolo pentecostal. A abóbada deste gigantesco cenário é circundada por um céu muito azul com algumas nuvens, este direciona os fiéis para o altar, assim como a silhueta de rochedos que contorna as fileiras de cadeiras, oferecendo um espaço circular com o fim de evidenciar o movimento das pessoas em oração.

Um telão no meio do altar é sustentado por uma estrutura de metal branco que cobre o cenário na parte frontal. Duas telas menores em cada canto vão reproduzindo as imagens do oficiante, transmitidas ao vivo através de um dispositivo videográfico para todo o público que assiste ao culto no templo destinado à ritualização em torno dos temas propostos: a unção, a caridade, as bênçãos e o carisma dos líderes, a bispa Sonia Hernandes e o apóstolo Estevam Hernandes. Para eles é destinada uma faixa colorida em cima do altar que leva a contagem dos dias que faltam para que voltem ao convívio dessa comunidade que depositou neles a confiança e a fé oferecidas como um dom do Espírito Santo.

O templo é o lugar do culto, um reflexo do mundo divino. Sua arquitetura existe à imagem da representação do divino que têm os seres

humanos: a efervescência da vida no templo hindu, a medida nos templos da Acrópole, a sabedoria e o amor dos templos cristãos e a aliança entre a terra e o céu nas mesquitas (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2006:874). A própria palavra templo está ligada à observação do movimento dos astros. Isto significa, primitivamente, o setor celeste que ágora romana delimitava com o auxílio de seu bastão e em que observava, fossem os fenômenos naturais, ou a passagem dos pássaros; o templo chegou a designar lugar ou edifício sagrado, onde era praticada essa observação do céu. A designação grega *temenos*, de *tem* significa cortar, delimitar e dividir, fazendo alusão direta ao tempo qualitativamente diferenciado.

Trata-se da habitação de Deus sobre a terra, o lugar da presença real. Todo templo situa-se no centro do mundo, segundo o incentivo antropológico do imaginário. O espaço nasce do templo e nele se resume. Onde a importância da “orientação” é um dos principais elementos da construção do mesmo. O plano da quadratura é obtido a partir do círculo traçado em torno de um quadrante solar, cuja sombra determina sucessivamente os eixos cardeais: determinação do espaço e fixação do tempo. Além de ser um resumo do macrocosmo, o templo é também a imagem do microcosmo: é, simultaneamente, o mundo e o ser humano. Na concepção cristã que nos interessa salientar aqui, o corpo é o templo do Espírito Santo, inversamente, o templo é o corpo da Pessoa divina: do Cristo estendido sobre o plano cruciforme da Igreja, cuja cúpula representa o coração.

A idéia do templo dos fiéis da Renascer em Cristo é símbolo de realização espiritual; participação na Redenção ao aproximar-se do altar o cristão, retorna ao centro de seu ser e acede à hierarquia dos estados superiores da alma almejados. É a via por onde o fiel pode elevar-se à divindade. O templo pode ser considerado como uma imagem simbólica do ser humano e do mundo: para ter acesso ao conhecimento do templo celeste, é necessário que o fiel realize em si mesmo a vivência no espírito, sua reconstrução e sua defesa...

A estrutura do prédio do templo matriz da Igreja Renascer equaciona elementos da tradição urbanística de um bairro paulistano com elementos da ação massiva de uma sociedade religiosa ligada aos efeitos da fé transformada em espetáculo. A função do templo é amplamente contemplada neste recinto, pois convoca, em horários rigorosamente estipulados, a homens e mulheres separadamente, para expressar de modo concreto a fé nessa cosmovisão imaginária do céu arquitetado na força espiritual vinda das alturas e na Palavra à mesa do cotidiano, que traz o conhecimento da tradição que respalda a moral no comportamento contido nos preceitos aí descritos.

Nessa equação da imagem e da palavra, o templo da Igreja Renascer em Cristo constitui-se no paradigma da mensagem evangélica da salvação. E cada fiel é convidado a participar deste evento sob a consigna de Filipenses 4, 10-19, para ele mesmo fazer uma oferta de amor no templo que é chamado de Casa de Deus.

A demanda do fiel, segundo a Igreja, é compensada por meio dos seguintes benefícios:

- 1- Deus vai te dar a medida que você nunca teve, recursos virão para as tuas mãos este mês.
- 2- Deus vai impedir todos os roubos na tua vida.
- 3- Liberação de prêmios e salários extras.
- 4- Novos empregos e negócios excepcionais.
- 5- Cura de relacionamentos profissionais.
- 6- Benção de Readmissão.
- 7- Compra de carro novo, segundo carro e carros importados.
- 8- Liberação de imóveis para compra e imóveis para morar gratuitamente.
- 9- Abertura de Empresas e Liberação de Papéis que estavam retidos.
- 10- Perdão de dívidas e nomes desaparecerão do SPC.
- 11- Segundo emprego, outras fontes de recursos.
- 12- Bolsas de estudos de cursos no Brasil e no Exterior.

Através dessa oferta o Senhor trará à sua Igreja 12 Bênçãos Poderosas!sic].

Observa-se nesta lista de benefícios como a Igreja Renascer está aberta às necessidades econômicas que perpassam o cotidiano de seus fiéis. Basta, assim como acontece com a mídia, consentir na fé, na

obediência e no compromisso ético e moral a presença de Deus nesse ato de comunhão com a instituição que possibilita a grandeza de tal ato.

II- O Problema ético e moral no foco da Igreja Renascer em Cristo

Depois de examinar o tipo de imagens que a Igreja Renascer em Cristo projeta em termos de cosmovisão, o que constitui o núcleo do sistema midiático que esta sustenta, é necessário analisar quais são os critérios ou princípios nos quais o receptor pauta sua visão a respeito da missão que esta Igreja tem na sociedade na qual atua. Este é o ponto nevrálgico da recepção, de como a percepção da realidade midiática se converte em valor e de como afeta o comportamento dos telespectadores.

A indústria de comunicação de massas: agências, imprensa, editoriais e televisão usam uma série de critérios de seleção temática que costumam ser denominados simplesmente “regras para captar atenção do usuário”, em nome de uma pretensa neutralidade ética das ciências da informação. Mas, no fundo, estes princípios de seleção temática não são mais do que critérios específicos de avaliação da realidade e modelos bem definidos de comportamento, com o agravante de que a mídia pretende utilizar estes princípios de seleção de temas, eventos e notícias para que apareçam como universais dos conteúdos de suas mensagens, com o intuito de refletir de maneira representativa os problemas que afetam o mundo inteiro.

A problemática que enfrenta a Igreja Renascer em Cristo, especificamente denunciada pela mídia, baseia-se em uma série de acusações feitas ao casal Estevam e Sonia Hernandez por: estelionato, lavagem de dinheiro e falsidade

ideológica. Valendo – nos das reportagens: “Entre a cruz e a cadeia” de 6 de dezembro de 2006, “Dólar até na bíblia”, de 17 de janeiro de 2007 – Revista Veja – “Os caloteiros da fé” de 20 de maio de 2002 e “Onde esta o dinheiro” de 27 de maio de 2002 e “Os dólares da fé” de 9 de janeiro de 2007 da Revista Época, assim como do comentário do Direito Constitucional que fala sobre a relação Igreja-Estado, procuraremos discernir a razão pela qual a mídia tem associado a imagem da Renascer ao conflito moral vivenciado por seus líderes.

ENTRE A CRUZ E A CADEIA

Revista Veja, edição 1985 . 6 de dezembro de 2006

A Justiça decreta a prisão do casal Hernandez, da igreja Renascer, por estelionato e lavagem de dinheiro

Victor Martino

Foto: Oival Reis/DiarioSP/Ag. O Globo



Sonia Hernandez manda ver na pregação: ela, que clamava por salvação, agora tem de rezar para escapar do xadrez.

Fotos: Carlos Renno/AE e Valeria Gonçalves/AE



Sonia, com seu marido, Estevam (à esq.), e a Marcha para Jesus, na Avenida Paulista: 3 milhões de fiéis enganados

A prisão dos líderes e fundadores da Igreja Renascer em Cristo levada a cabo em uma penitenciária de Miami – *Federal Detention Center* nos Estados Unidos, foi o estopim que tem movimentado a opinião pública nestes últimos tempos. Eles foram presos por agentes do serviço de imigração ao desembarcar com US\$ 56.467 não declarados à alfândega, alegando apenas o limite de US\$ 10 mil permitido pela lei americana.

09/01/2007 - 13h34

Polícia norte-americana prende fundadores da Renascer da Folha Online

18 de janeiro

Reportagem Revista Veja

Dólar até na *Bíblia*

Casal da Renascer é preso
nos Estados Unidos por ocultar
dinheiro na bagagem
Marcelo Carneiro



O "apóstolo" Estevam, algemado, no aeroporto
de Miami: 56 000 dólares escondidos na bagagem

Decorrente dos problemas com a justiça, o casal é investigado e processado pelo grupo de Atuação Especial e Repressão ao Crime Organizado (GAECO), do Ministério Público de São Paulo, segundo nos informam as reportagens da mídia impressa brasileira que escolhemos para ilustrar este acontecimento midiático. A ficha de acusações do casal inclui, como já dito, os crimes de: estelionato, lavagem de dinheiro e falsidade ideológica, denúncias de fiéis que acusavam os fundadores da Renascer de desviar grandes quantias de dinheiro arrecadado durante os cultos e eventos promovidos pela Igreja.

terça-feira, 23 de outubro de 2007, 12:04

MP diz que Hernandes usam filantropia para lavar dinheiro

Promotores da Justiça Estadual constataam condições precárias nas instituições sociais mantidas pela Renascer .Ricardo Westin - **Estadão**

Antes de voltar ao conteúdo veiculado pela mídia, em função da prisão dos fundadores da Igreja Renascer, cabe examinar as acusações que colocam os líderes desta Igreja no banco dos réus. O Direito Constitucional garante que toda e qualquer manifestação do pensamento é livre, não aludindo a censura prévia em diversões e espetáculos públicos. “Os abusos ocorridos no exercício indevido da manifestação do pensamento são passíveis de exame e apreciação pelo Poder Judiciário com a conseqüente responsabilidade civil e penal de seus autores, decorrentes inclusive de publicações injuriosas na imprensa, que deve exercer vigilância e controle na matéria que divulga (art.171 do DIREITO CONSTITUCIONAL).

10/01/2007 - 19h36 **Advogado de fundadores da Renascer vai pedir revogação da prisão preventiva.**

EPAMINONDAS NETO da Folha Online

Desta forma, podemos perceber que a Constituição Brasileira defende como Estado democrático, o conteúdo essencial da manifestação de liberdade, neste caso: religiosa, assegurado tanto do ponto de vista positivo, ou seja, proteção da exteriorização da opinião, como do ponto de vista negativo, referente

à proibição de censura os direitos da prática religiosa seja qual for sua índole. A Constituição Federal prevê, portanto, que ninguém é privado de direitos por motivo de suas crenças religiosas, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei, pois “a liberdade de consciência constitui o núcleo básico de onde derivam as demais liberdades de pensamento. É nela que reside o fundamento de toda atividade político-partidário, cujo exercício regular não pode gerar restrições dos direitos de seu titular”. A liberdade religiosa expressa na Constituição (art. 5º, VI e VIII) é a verdadeira consagração da maturidade de um povo, dela provém o verdadeiro desdobramento da liberdade de pensamento e manifestação. Estes princípios gerais do direito público garantem à Igreja Renascer seu reconhecimento como entidade religiosa e as práticas ritualísticas com as quais esta celebra sua fé.

Os atos religiosos da Igreja Renascer, de acordo com as matérias de revistas de circulação, são bem similares a um programa de auditório, em um palco com 20 metros de largura, telões reproduzindo a imagem do animador, mais de 800 pessoas rezam e dançam ao som de uma banda Gospel, produzindo um ato de êxtase para quem está de fora como observador²⁹. A abrangência do preceito constitucional, em nada desmerece esta experiência que, pela complexidade de seus princípios éticos, dirige o pensamento, as ações e adoração dos fiéis para com Deus, compreendendo a crença, o dogma, a moral, a liturgia e o culto.

²⁹ O estado de êxtase consiste na vivência interior do fiel que sai de si e se “abre” para experiência religiosa de Deus ou de Jesus Cristo, estimulado de modo puramente sensorial. No ritual religioso esta força exterior é representada por estímulos sensíveis como a oração, a dança e a música fazendo parte das práticas ritualísticas do culto. Cabe salientar aqui a observação em campo que podemos fazer para examinar de forma empírica a medida e o alcance de tal ritual na matriz da Igreja Renascer em Cristo.



POLÍTICA

As acusações contra o casal

O casal Estevam e Sônia Hernandes, da Igreja Renascer, construiu um império acumulando denúncias de desvio de dinheiro. Mas seus seguidores parecem não enxergar nada disso

Solange Azevedo e Wálter Nunes



APOTEOSE E DINHEIRO

A bispa Sônia (no início da matéria) é a grande estrela da Renascer, que realiza atos religiosos como grandes shows musicais. A entrada é cobrada. Ao lado, os US\$ 56.467 encontrados com o casal nos EUA

Mas, segundo as denúncias feitas aos líderes da Igreja Renascer, estes se serviam do dinheiro dos fiéis para financiar as extravagâncias da bispa Sonia e do apóstolo Estevam como: a compra de uma fazenda em Mairinque no interior de São Paulo, por R\$ 1,8 milhões, de uma casa em Boca Raton, na Flórida, por cerca de US\$ 465.000. As reportagens chamaram a atenção do promotor Marcelo Mendroni que instaurou um inquérito policial contra eles. Com a continuidade das investigações, o Ministério Público teria desvendado um esquema de desvio e lavagem de dinheiro coletado nos templos e eventos religiosos comandados pelo casal.

Segundo o **Manual de Direito Penal** (2007), estelionato significa obter vantagem, benefício, ganho ou lucro indevidamente, induzindo ou mantendo alguém em erro. Significa conseguir um benefício ou um lucro ilícito em razão do engano provocado na vítima. Cabe salientar com isto que não é a Igreja Renascer em Cristo a acusada, muito menos seus fiéis seguidores, e sim o casal Hernandes por denúncias de alguns fiéis lesados que desvelaram o enriquecimento ilícito e visível dos líderes em função de seu trabalho como ministros da fé, aferindo com isto o princípio evangélico de que a autoridade é um serviço e não um privilégio. O crime de estelionato supõe um fiel vítima que colabora com os agentes – ministros do culto, sem perceber que está se despojando de seus pertences. Induzir quer dizer incutir ou persuadir e manter significa fazer permanecer ou conservar nesta convicção, que no campo religioso se define com o nome de fé que nasce do princípio de acreditar naqueles que encarnam a figura de Cristo, sujeito ativo da denominação eclesial que esta Igreja sustenta.

No caso dos Hernandes, segundo a imprensa, houve uma situação de engano consentido com a qual o casal se beneficiou. De qualquer modo, a mídia acusa a este de conduta proibida. De uma falta moral importante. Mesmo a Constituição Federal assegurando a liberdade de crença e culto, quando se referir à atividade paga, Carnê de Gideão, está se configurando formação de quadrilha delito de estelionato, reforçado pela acusação de lavagem de dinheiro e falsidade ideológica (art. 299 da Constituição Federal), que consiste em omitir em documento público ou particular, declaração: a) afirmação, b) relato, c) depoimento, d) manifestação. Consiste basicamente em alterar a forma de um documento, construindo um novo ou alterando o que era verdadeiro. A falsidade ideológica provoca uma alteração de conteúdo, que pode ser total ou parcial. O casal Hernandes é acusado de falsidade ideológica, segundo as reportagens citadas, por venderem vistos para os Estados Unidos a fiéis da Renascer por uma alta quantia sob a rúbrica de missionários da Igreja.

02 de março, 2007 - 10h00 GMT (07h00 Brasília)

Evangélicos 'capitalistas' avançam no Brasil, diz 'The Guardian'

A recente prisão, nos Estados Unidos, do casal Estevam e Sonia Hernandes, líderes religiosos da Igreja Renascer, vem chamando a atenção para o "crescimento dos poderosos evangélicos movidos pelo espírito do capitalismo", segundo reportagem publicada nesta sexta-feira pelo diário britânico *The Guardian*.

18/03/2007 - 16h08m - Atualizado em 18/03/2007 - 18h32m



CASO RENASCER TEM DESTAQUE EM JORNAL DOS EUA

Los Angeles Times diz que "alegações de fraude chacoalham igreja". Casal da Renascer segue nos Estados Unidos aguardando julgamento.

Uma das descobertas da investigação, que já dura mais de cinco anos, foi a existência de várias empresas, contas bancárias e bens registrados em nome de pessoas ligadas aos líderes da Renascer. O casal possui um haras em Atibaia com 259 cavalos de raça manga – larga, avaliado em R\$ 5 milhões, informa de modo “sensacionalista” a Revista semanal Veja, e reforça que parte dessas contas e bens encontram-se bloqueados pela justiça brasileira.

Também recai sobre o casal líder da Renascer a acusação de falsificação de documentos e desvio de divisas para entrar nos Estados Unidos. No Brasil eles tiveram ordem de prisão preventiva decretada e um pedido de extradição pelo Ministério Público.

Todo este quadro configura no cenário midiático nacional uma “guerra” que alguns adjetivam de espiritual, iniciada pela Igreja Renascer nos templos e nos programas da Rede Gospel, emissora de TV UHF, em que se conclama aos fiéis a reagir contra a “perseguição do Demônio”, encarnado pela imprensa e pelos promotores de justiça.

FIM DE SEMANA, 20 E 21/01
Folha de S. Paulo



em 23/1/2007

Domingo, 21 de janeiro de 2007

MÍDIA & RELIGIÃO

Bia Abramo

A peleja da bispa e do apóstolo contra o diabo

As frases que os fiéis emitem, para caracterizar a situação que se vive, são eloqüentes sobre o imaginário religioso construído por esta Igreja: “O anticristo está divulgando mentiras sobre nós”; “O Demônio está inventando essas coisas para abalar o povo de Deus”. O apoio dos fiéis a seus líderes é incondicional, a ponto de pendurar cartazes nas ruas próximas da sede matriz da Igreja que dizem: “Bispa Sonia e Apóstolo Estevam, nós te amamos” ou “faltam X dias para que eles retornem a nosso convívio”.

10/01/2007 - 11h51

Renascer diz que prisão de fundadores é calúnia e que imprensa se enganou da Folha Online

De acordo com a análise das reportagens em pauta, podemos inferir em primeiro lugar que a Igreja enquanto instituição não é questionada em relação aos princípios éticos que a guiam, assim como a fé dos fiéis que encontram nela o modo mais eloqüente da expressão de suas crenças e pautam suas condutas

morais conforme o Evangelho pregado por seus líderes. O problema reside na conduta moral destes líderes – o casal Hernandes que, segundo a mídia impressa, tem aferido gravemente à esfera pública, aproveitando-se da fé de seus seguidores para enriquecer seu patrimônio com ações de estelionato, lavagem de dinheiro e falsidade ideológica.

No contexto do imaginário, tudo isto parece ser uma grande empreitada da Igreja Renascer, do lado de Deus, contra o Demônio. Os fiéis colocam-se no lugar do perseguido, da mesma forma que os primeiros cristãos foram ao martírio.

06/02/2007 - 14h45

Casal da Renascer alega inocência em audiência na Justiça americana

da Folha Online

Diego Padgurschi/FI



Os fundadores da Igreja Renascer, Estevam Hernandes Filho e Sônia Haddad Hernandes

O cuidado com a imagem é uma das razões do vertiginoso crescimento da Igreja Renascer e este episódio da prisão só veio a enaltecer mais a imagem de seus líderes que usam o marketing como “arma espiritual”, considerando-se neste projeto a formação de pastores, a construção de templos e, para isso, são aceitas doações em dinheiro vivo, cheques e cartões de crédito. Ainda neste contexto de

exacerbação do imaginário, a Igreja Renascer tem como ponto forte a comunicação através da promoção de eventos religiosos nos quais se investe pesado. A estrela maior nessas práticas rituais, que misturam tradição e modernidade, é a bispa Sonia Hernandez que canta e anima os cultos com retórica inflamada e emocional. A Igreja, segundo as Revistas Época e Veja, incentiva grupos musicais, cria e patenteia marcas e programas de rádio e TV.

Só em São Paulo e Brasília o casal responde a cerca de cento e dez processos por cobrança de aluguéis de imóveis, telefones e títulos diversos. O valor da dívida ultrapassa R\$ 12 milhões. Os Hernandez também respondem a processo por falsidade ideológica por terem aberto uma Igreja de fachada, a Igreja Internacional Renovação Evangélica, presidida pelo bispo da Renascer Jorge Luiz Bruno, um dos braços direitos de Estevam. Contas bancárias de pelo menos oito empresas ligadas a Renascer estão sendo investigadas. A suspeita do Ministério Estadual é que elas sejam usadas para lavar dinheiro. As empresas ligadas ao casal teriam pelo menos R\$ 7 milhões de dívidas com a Secretaria da Fazenda. Na Flórida, os dois respondem a processo por evasão de divisas e falsificação de documento. A RGC Produções acumula R\$ 5 milhões em títulos protestados. A empresa foi fundada por Estevam Hernandez, Antonio Carlos Ayres Abbud, Ricardo Abbud e Leonardo Abbud. Mas no papel, oficialmente, pertence a um pastor da Renascer. A Publicações Gamaliel Ltda, editora que pertenceu a Estevam e Sonia Hernandez entre os anos 2000 e 2003, teria movimentado mais de R\$ 46 milhões não declarados à Receita Federal. A empresa FH, que pertenceu a Felipe Daniel Hernandez, deve à Secretaria da Fazenda cerca de

R\$ 9 milhões. Segundo informações do BC, entre 24/4/1998 e 24/4/2003, Estevam gastou em cartões de crédito internacional US\$ 480.662,62.

O Império da Renascer: segundo o Ministério Público, a maioria dos bens da Igreja está nos nomes dos filhos dos Hernandes, de testas-de-ferro ou de “laranjas” do casal. Os bens são: 1.200 templos no Brasil e no exterior, quatro apartamentos em São Paulo, no valor de R\$ 6 milhões, um salão no Edifício Copan, no centro de São Paulo, arrecadação de R\$2,2 milhões por mês com doações, a Rede Gospel, emissora de TV, a gravadora Gospel Records, Rádio Gospel, uma produtora de CDs e shows Waves, a editora Publicações Gamaliel, Gospel Wear Indústria e Comércio Confecções de roupas Ltda, RGC produções, Haras Reobot, em Atibaia, interior de São Paulo, avaliado em R\$ 5 milhões, o imóvel está no nome de Fernanda, filha do casal Hernandes. A Fundação Evangélica Trindade e a FH comunicação e participação, pertencia a Felipe, filho do casal e foi transferida para dois bispos do Recife.

A hierarquia da Igreja é, segundo os promotores, um esquema piramidal e funciona como organização criminosa.

Os fundadores-presidentes: Estevam Hernandes Filho e Sonia Haddad Moraes Hernandes, administram a Igreja e o dinheiro, os subchefes são os filhos do casal, Fernanda e Felipe, além de Leonardo Abbud, Antonio Carlos Ayres Abbud e Ricardo Abbud, testas-de-ferro dos Hernandes. O grupo dá suporte às atividades do casal. Os gerentes são os bispos que recebem ordens da cúpula e as repassam aos pastores ou diretos aos “aviões”. Há gerentes que também servem como testas-de-ferro ou laranjas. Subgerentes são pastores que recebem ordens dos bispos ou do alto escalão da Igreja. “Aviões”, obreiros que são

peças responsáveis pela execução de tarefas na Igreja – acredita-se que a grande maioria destas pessoas não sabia que estava envolvida num esquema ilegal.

O problema ético e moral vindo à tona em função da Igreja Renascer é um tema candente na sociedade brasileira nos dias de hoje. Amparada na “teologia da prosperidade”, que salienta o progresso e a ascensão social dos integrantes de uma comunidade de fé, esta instituição evangélica nas suas práticas de ritualização simbólica explora de maneira contundente a inserção de seus membros no mercado de trabalho amparada nos princípios da comunhão eclesial, na qual se compartilha os dons do Espírito Santo. Este problema projeta-se em um espaço social mais amplo, graças ao influxo da mídia, no qual tudo se difunde e se deteriora com extraordinária rapidez. Nesse “império do efêmero”, para usar uma expressão de Michel Mafessoli, em que as coisas e pensamentos perdem a sua densidade e se dissolvem em imagens, proclama-se a primazia do signo sem referência que circula com rapidez e se deixa substituir aleatoriamente conforme a demanda do mercado e a dinâmica do desejo.

O drama da condição humana sempre foi o motivo exacerbado do fenômeno religioso que nas suas ritualizações adquire um estilo moralista e profético, atingindo um público preocupado com problemas eminentemente práticos, inscritos no cotidiano da sobrevivência. Com o intuito de justificar a desmesurada ambição filosófica – teológica em sua intuição radical, utilizamos o suporte de um programa televisivo da Igreja Renascer em Cristo e nos debruçamos na análise desse caso concreto que tem abalado a opinião pública na

raiz e no fundamento de suas interrogações e impasses acerca desse fenômeno religioso de massa no foco da mídia.

A crescente demanda de discursos e reflexões sobre questões éticas parece recair sempre em uma espécie de anticlímax: na reiteração das boas intenções ou na abstração dos princípios da moral religiosa que pauta e sustenta a ação de uma Igreja. Mas, a impotência do discurso ético e a enorme distância vivida em relação aos fiéis não é circunstancial senão um sintoma, dentre muitos que afetam nossa sociedade. Daí a perplexidade e desorientação a respeito do papel dos líderes que por sua função devem tomar decisões sobre questões éticas. E a conduta deles é exemplar quando se trata de julgar a realidade e estabelecer critérios na hora de desenvolver uma crítica nesse plano.

Neste contexto é que aparece o problema da Igreja Renascer. A Igreja como instituição sempre se preocupou em manter a ordem temporal fundada em um sistema hierárquico no qual a autoridade representa não um privilégio, e sim um serviço em favor de uma comunidade. Nisso consiste o preceito evangélico da autoridade projetado em imagens de personalidades bíblicas, sendo a principal delas Jesus Cristo. Os líderes eclesiais contam com dois recursos na resolução de problemas contingentes e relacionados com os fiéis que vêem neles um exemplo de autoridade moral: por um lado, o código de ética que é o próprio Evangelho; por outro, o julgamento ou a jurisprudência do líder que media entre o sobrenatural e a voz da comunidade.

Quanto ao fenômeno religioso, estas questões da ética e da moral costumam ser muito complexas uma vez que a forma institucionalizada e

institucionalizante deste não deveria sucumbir ao cinismo da razão comunicativa, prisioneira da instrumentalização e do utilitarismo que é a porta aberta para o individualismo. Neste ponto, o fenômeno religioso e a mídia se voltam um refratário do outro, sem assumir o princípio fundamental da re-humanização, cuja característica primordial seria a junção entre o discurso da fé e a prática da mesma na contingência do dia a dia do fiel.

O problema da Igreja Renascer na mídia causa no público receptor *indignação*, por retratar um Brasil dilacerado entre uma elite acanhada em seus intocáveis privilégios e uma enorme massa de indivíduos mergulhados na apatia e na consigna do “salve-se quem puder”, um constrangedor espetáculo entre um individualismo deteriorado e uma esperteza oportunista dos agentes sociais. Esse espetáculo macro-social acha no interior desta Igreja ressonâncias interessantes: porque a indignação de qualquer receptor se dá pelo fato de não querer reconhecer que tanto a Igreja como o Estado vivem e sustentam seu poder em questões temporais. Quando a Igreja surge fechando uma aliança desta natureza parece que perde o sentido de sua missão e o mesmo sentimento opera quando se trata da ação dos líderes dos quais se espera conduta exemplar.

A *perplexidade* como efeito receptivo ante a Igreja Renascer como notícia, toca no âmago do fenômeno religioso que viemos analisando, uma espécie de desamparo diante do desejo do fiel de agir moralmente. Assim, quando nos referimos ao problema da ética religiosa não estamos nos referindo a uma obscura discussão filosófica ou a um bondoso conselho acerca de como agir corretamente em uma situação determinada. O que esta questão manifesta é justamente o

desamparo, a vontade de legitimar o agir moral ou, em outras palavras, o poder responder do fiel com força persuasiva e segura sobre os fundamentos do por que agir deste e não daquele jeito. A prisão dos líderes da Renascer deixa os fiéis sem referencial, desamparados em um conflito sério com relação à autoridade mediadora, daí a insistência em manter contato através de vídeo conferências transmitidas da prisão. Esta situação também tem sua vantagem para reforçar os fundamentos da Igreja, trata-se de uma experiência própria das primeiras comunidades: a perseguição e o martírio nos quais os fiéis da Renascer vêm a presença do Espírito de Jesus Cristo como sinal de salvação.

03/02/2007 - 18h00 - Atualizado em 03/02/2007 - 21h20

Prisão é 'inferno', diz fundador da Renascer

Estevam Hernandes comandou culto transmitido ao vivo dos EUA para São Paulo. Mais de 10 mil fiéis da igreja acompanharam primeiro pronunciamento desde prisão.

LUCIANA BONADIO Do G1, em São Paulo

A ética está voltada para aquilo que o ser humano está deliberadamente preparado para aceitar como afirmação do que quer fazer, daquilo que busca, daquilo para onde a força de sua vontade o direciona. “É a vontade que constitui o ser em um ser único e livre para escolher aquilo que a vida tem de “admirável” no plano físico ou metafísico; natural ou sobrenatural”, afirma Juan Droguett no artigo “**Ética** – uma griffe do ser humano sempre na moda” (2006). Isso que é realmente desejável e que se transformará no eixo, dando sentido à vida do ser humano e posicionando-o no contexto social. Portanto, o empenho ético é para aquilo que se busca como ideal e que transcende a esfera do concreto, graças à própria

intervenção do indivíduo. A adoção deliberada de um ideal ético e o empenho em atingi-lo se transforma, assim, na expressão máxima de liberdade. Desta forma, o certo e o errado são concepções éticas, mas não a ética na sua função vital.

A partir destes princípios que definem a ética podemos pensar que esses efeitos receptivos de *indignação e perplexidade* do receptor brasileiro se devem à confusão que perpassa essa distinção entre ética e moral; entre o âmbito da esfera pública e privada; e entre a ética religiosa e a ética profissional das organizações. Seguindo os pressupostos da lógica peirciana, Droguett afirma que o ser humano de hoje, em meio de um sistema que industrializa, mercantiliza e torna seus bens simbólicos e espirituais em objetos de consumo, assume uma posição ética na medida em que se relaciona criticamente com este estado de coisas e reage frente ao sistema social, político e cultural em prol de seus direitos. O que angustia na atualidade em relação ao problema da ética é descobrir que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de “barbárie” como diria a Escola Crítica de Frankfurt. A barbárie nesse sentido resulta de um estado de confusão de interesses nos tênues limiares que existem entre o individual e o social (DROGUETT, 2006:18).

O que fica em evidência, neste problema discutido sobre a Igreja Renascer, são os critérios da missão de uma instituição religiosa, seja do ponto de vista dos valores ou do comportamento que os líderes encarnam, saberes operativos que de forma objetiva são avaliados pela mídia em função de sua maior ou menor

adequação a fins previamente fixados na doutrina pregada nos púlpitos, segundo o critério de máxima eficácia instrumental na relação dos meios aos fins.

No entanto, no caso da Igreja Renascer, os fins pré-fixados na Bíblia – Palavra Revelada – acabam sempre remetendo a conteúdos morais, porém, a questão dos critérios utilizados na avaliação desses conteúdos constitui-se na “medida” com a qual a mídia aplica a justiça no universo da midiatização. Esta racionalidade instrumental, que Max Weber (1985) denomina “racionalidade meio – fim” e que visa apenas o ajuste dos meios aos fins, recai sempre na forma do arbítrio, seja na decisão unilateral da autoridade ou na lógica anônima do sistema.

A vigorosa polêmica em torno da ética que despertou a prisão do casal Hernandez assinala o envolvimento em questões de moralidade dos protagonistas: estelionato e lavagem de dinheiro. Isto tem a ver com a intervenção do Estado no campo da Instituição religiosa. Os conteúdos normativos das premissas de base da organização são totalmente incompatíveis com a legislação do Estado, em consequência, sucedem-se inúmeras argumentações sem que haja efetiva comunicação dialógica que permita o consenso racional. Essa situação parece atestar o fracasso na tentativa de justificar a moralidade com base na racionalidade moderna, pois esta vem marcada por uma cisão que parece não poder ser superada no horizonte simbólico e que torna os usuários prisioneiros de uma aporia: o individualismo burocrático.

III- Apologia dos fins e contra-ataque dos meios

Existem duas condições do ponto de vista comunicativo para que alguém possa desvelar algo de si: adequar-se à forma de comunicação do receptor e provocar neste alguma mudança. Nisto consiste o poder da Igreja Renascer em Cristo, na capacidade de mobilizar as pessoas em torno da experiência de fé que leva, conseqüentemente, a uma mudança de comportamento. Desta forma, a Revelação, experiência divina por excelência, é comunicação.

A mensagem comunicada se viabiliza quando é compreensível e desperta o interesse do receptor. Nisto reside a primeira condição da revelação enquanto comunicação. Seria inútil conceber a “Palavra de Deus” dirigida ao ser humano que não fosse expressa na linguagem de homens e mulheres ou, ainda, se não chegasse a chamar a atenção destes para algum valor derivado do conhecimento desta palavra. Deus na concepção religiosa se comunica “encarnando” sua Palavra em uma linguagem humana, usando sinais do seu ser e em seu poder de comunicar. Este é mais um fator preponderante da mensagem evangélica da Igreja Renascer, centralizar o conteúdo de sua transmissão na Palavra que circula e que se internaliza na ação ritual.

A segunda condição da comunicação diz respeito à ação da mensagem no receptor. Quem comunica envia a seu interlocutor “uma diferença que faz diferença”. A diferença transmitida começa a significar algo quando o receptor percebe o que deve afetar ou mudar em sua própria existência ou conduta. Isto

quer dizer, quando a diferença percebida se relaciona com outra diferença correlativa que deve ter lugar na existência do receptor.

A comunicação, ainda que divina, que não signifique ou aponte para uma “diferença” na existência humana não tem sentido ou razão de ser. Considerado de forma positiva, o fenômeno religioso enquanto comunicação é uma diferença na concepção de Deus destinada a fazer-se diferença na medida em que o ser humano compreende e vive seu destino criador e comunitário.

O fenômeno religioso na sua acepção mais primária está relacionado à imagem de Deus que se projeta nas relações humanas. E para o caminho que vai da formulação desta verdade à sua compreensão e à existência que a insere, o mundo das relações humanas desempenha um papel condicionante.

A temática da relação entre meios e fins é abordada nesta Dissertação no âmbito do fenômeno religioso e da mídia televisiva; dito de outra forma, da fé como um fim e da televisão como um meio, cujo alcance está diretamente relacionado com o processo da recepção, no qual o fiel telespectador é um fim em si mesmo. A pessoa que acolhe uma experiência de fé necessita de critérios de como bem agir no mundo, segundo a orientação de toda e qualquer Igreja na sua missão mediadora.

O desafio da Igreja Renascer em Cristo parece estar em como viver uma fé ao ritmo da história, simultaneamente flexível e fiel à revelação de Deus. O problema da relação meios e fins só pode ser resolvido à luz da necessária diferenciação e intercomplementaridade entre estrutura significativa e de valores da fé com um sistema de eficácia.

Os fins têm predominância qualitativa sobre os meios. A moral cristã, coerente com um projeto humano maduro, superando o infantilismo da heteronomia e da “magia”, não se centra nos meios. Se os fins se relacionam com os valores, com a estrutura significativa da fé, é neste âmbito que se decide realmente o agir moral humano. Por isso, pode-se dizer que “o fim justifica os meios”. O meio, porque é meio, se constitui em um sistema eficaz, mas que não se sustenta por si mesmo. É um “instrumento para”, e adquire sua única possível justificação em relação aos fins ou valores a que serve. A partir desta premissa definimos o papel da televisão como mídia de longo alcance, capaz de produzir efeitos nos fiéis receptores ávidos de saber sobre a Palavra de Deus, sobre a moral cristã na qual se traduz o modo de agir no mundo.

A Igreja Renascer em Cristo através da Rede Gospel de Televisão transmite uma experiência de fé vinculada aos princípios éticos e morais que sustentam suas práticas rituais, e para isso é necessário coerência entre o sistema midiático televisivo e os valores que ele é chamado a realizar. Talvez nisso resida o problema que a instituição vem enfrentando na figura de seus líderes. Parafraseando a frase de Maquiavel: o fim justifica os meios que conduzem realmente a ele. O perigo do uso apressado e indiscriminado da máxima “o fim justifica os meios” reside no fato de que a realidade objetiva é, muitas vezes, mais complexa do que parece. O que à primeira vista parece eficaz para alcançar determinados fins pode, em longo prazo, obstaculizá-los e mesmo destruí-los.

A sociedade da alta tecnologia traz novas perguntas a respeito da relação entre meios e fins. A evolução das forças produtivas gera uma crise de sentido,

dado que a escalada crescente de meios empregados torna muito difícil decidir a que fins estes servem na realidade. Assim, escapa das mãos humanas a capacidade de comparar o meio com o fim, e decidir, em consequência, sobre sua possível harmonia.

A ciência não resolve o problema dos meios e fins. Antes, cria mais e maiores meios, cuja grandeza e complexidades desequilibram os grupos sociais que pretendem usá-los para seus fins. Este é um grande desafio para a humanidade nos dias de hoje: os meios que o ser humano dispõem são cada vez mais poderosos. Isso obriga a determinar com mais cuidado o que se pode ou não fazer.

A Igreja Renascer em Cristo funda-se sobre três princípios de sua ação que iremos classificar dentro das ciências normativas da seguinte forma: o ético do expansionismo doutrinário; o estético da música; e o lógico da “teologia da prosperidade”. São estes três elementos que atraem multidões de jovens, principalmente, para as práticas ritualísticas em templos, Igrejas e eventos de cunho essencialmente religioso.

A política expansionista da ética e da moral na Renascer é calcada no modelo das cruzadas medievais, a reedição do velho mito do herói que serve a Deus e a seu povo. Neste contexto, a humanidade é o alvo da disputa entre Deus e o Diabo, em franca batalha espiritual, sendo a prosperidade para seus filhos o desejo incontestado do primeiro, e o sofrimento e as privações do segundo.

Desde a década de noventa a Igreja não pára de crescer: tanto em edifícios para a prática ritual quanto em número de fiéis. O dinheiro do patrimônio vem das

“doações” dos fiéis e da venda de produtos religiosos e CDs. A Igreja Renascer é uma imensa máquina administrativa, subdividida em jornais, canais de TV, de Rádio, programas independentes e uma gravadora detém a patente de uso comercial da palavra “Gospel” no Brasil.

Abordamos neste tópico as re-significações constituídas na passagem do dispositivo comunicativo da televisão para a concepção religiosa dos fiéis que constituem o corpo da Igreja. Entende-se aqui o “corpo” como texto da cultura, a partir disto, podemos perscrutar as transformações do significado atribuído a ele pelo discurso religioso, seja do fiel templo do Espírito Santo ou da Igreja como corpo do próprio Cristo ressuscitado, no meio de uma comunidade crente, como vimos nos capítulos anteriores. Tratando-se do imaginário religioso, os significados nunca se perdem, coexistem e re-significam o movimento Pentecostal de forma contínua, gerando novos sentidos.

A substituição do valor religioso pelo econômico levou-se a efeito recentemente na história moderna da nossa civilização e não de forma definitiva, sendo o valor da “religiosidade” um vestígio no qual o crente define seu gozo místico ou espiritual. Este se encontra previsto na ordem temporal da sobrevivência e nas representações simbólicas e ritualísticas da experiência.

Prevalece na economia do corpo a herança religiosa do Pecado Original e associado a ele toda sorte de vicissitudes carnis ligadas ao pecado e à esfera do profano. Nessa perspectiva do sofrimento do fiel como representante do corpo eclesial, o trabalho é apenas uma extensão do sacrifício necessário para alcançar a “purificação”. A condição humana é, antes de tudo, pecadora ante a Igreja,

assim a humanidade é fadada ao sofrimento e ao sacrifício³⁰. Um dos elementos fundamentais no sacrifício é uma ação simbólica pela qual o ser humano instaura uma relação com o divino. Em geral comporta dois sentidos: a oferta pessoal à divindade de produtos da terra e animais e a oferta pessoal ou coletiva à divindade de uma vítima imolada. O sacrifício como dádiva, como oferta aos deuses famintos tem, desde sua origem, o sentido de união espiritual com a divindade. Este serviço prestado, esta homenagem à divindade possui sempre o sentido de uma medida protetora contra a desgraça e uma atitude de comunhão e redenção para o fiel devoto. Para todas as tradições é o símbolo da renúncia aos bens terrenos por amor ao espírito ou à divindade. Tudo o que está na esfera espiritual é sagrado e deve ser assim mantido e tudo o que está na esfera terrestre deve ser sacralizado mediante rituais de oferendas.

A prática do sacrifício sempre esteve vinculada ao erro e ao castigo, ao crime e à punição. Assim é que a culpa por ter caído em tentação, a culpa em face à má conduta exige uma expiação, uma reparação que deve ser paga com uma quota de si, de seu corpo. Portanto, o sacrifício culposo tem o caráter de reconciliação e tentativa de aliança com a divindade. Estar ao lado dos deuses significava ter para si a força e o poder que eles tinham. Além disso, não ficar a mercê de sua ira ou cólera.

Nessa cosmovisão, o fenômeno religioso coloca o fiel como prisioneiro, tanto do pecado, quanto das leis econômicas que imperam no mundo

³⁰ O sacrifício é uma prática de devoção a uma divindade que procura ter uma eficácia mantenedora da segurança para o ser humano contra todo mal. Sobre o sentido da violência do ato sacrificial, João Angelo FANTINI fala disso na sua Tese Doutoral **Imagens do pai no cinema desta passagem do século**: encenações da agressividade estrutural em suas manifestações sociais como violência (2002), para referir-se ao caráter original da violência e de sua estreita relação com o sagrado.

contemporâneo. A transposição do fiel como pessoa do domínio da Igreja para o domínio do Estado moderno com a Revolução Industrial, em suas etapas de desenvolvimento garantiu o aprimoramento das técnicas de controle do sujeito para a produção. O século XIX construiu a clássica relação entre produção e trabalho, palco de transformações profundas no campo da técnica e de estratégias usadas pelo poder. Ressalta-se no mundo contemporâneo o refinamento de uma sociedade de controle. Em **Conversações** (1992), no *post-scriptum* sobre sociedade de controle Gilles DELEUZE proclama o surgimento de um novo funcionamento do poder, introjetado e subliminar que se observa na atual sociedade de consumo.

A autodeterminação substitui, segundo Deleuze(ibidem), a coerção. Trata-se do modelo construtivo da subjetividade que não se fixa nas puras relações de trabalho, mas também nos modos de expressão que dão vitalidade à experiência. Na passagem do campo religioso para o econômico emerge tanto a negação quanto a afirmação do corpo como analogia da individualidade. Para a concepção religiosa, o corpo é a dimensão física, obscura e incontrolável, é a representação de algo “negativo” – tentação, desejo, materialidade, prazer, manifestação de forças demoníacas do efêmero e infinito.

A representação de figuras religiosas traduz a negação do corpo e das figuras desnudas martirizadas e mortificadas pelo sofrimento físico, uma metáfora da submissão a Deus. Não é por acaso que a imagem da bispa Sonia e do apóstolo Estevam adquire essa conotação na prisão: heróis e mártires da fé, porque eles são o corpo da Igreja que representam.

No imaginário religioso, a negação do corpo implica na exaltação do divino:

“De um lado, a ideologia do cristianismo, tornado religião do Estado, reprime o corpo e de outro, com a Encarnação de Deus no corpo de Cristo, faz do corpo do homem ‘o tabernáculo do Espírito Santo’. De um lado o clero reprime as práticas corporais, de outro, as glorifica”.

(LE GOFF e TRUONG, 2006:31)

Enquanto no período clássico a ética era assunto de praças e *polis*, e no sistema feudal, a observância dos preceitos da Igreja e a obediência eram os fundamentos prático-morais da vida pública, na modernidade acontece uma reviravolta. Política e moral, que integravam a esfera pública, transformam-se em questões de foro íntimo e ingressam no domínio do privado. Nesse sentido, entendemos que o problema da Igreja Renascer atenta a um problema de foro interno, de um casal, de uma família que supostamente se está beneficiando da ingenuidade dos fiéis, usando a Igreja de “fachada”, segundo denúncia dos meios.

O correlato disso é que a questão moral e a decisão política se transformam em um problema, como o enunciamos no item dois deste capítulo, em uma questão real, em tema central da filosofia do direito e ingressa no grupo das questões que demandam uma elaboração de saber, uma formulação crítica que é assumida pelos meios agora no lugar do poder.

Por esta razão, a ética adquire uma razão de ser e um sentido. No entanto, o foco da subjetividade como causa do fenômeno religioso tem subvertido um novo regime mediado pelo fluxo da informação e da comunicação nas suas

mediações simbólicas, ritualísticas, institucionais e tecnológicas. Em conseqüência, o agir humano – o ato, que até então era assunto de doutrina, tornou-se objeto de controvérsia, como podemos observar no relato da mídia impressa de Revistas que noticiam a imagem da Igreja Renascer.

A comprovação de que o ato está relacionado com a decisão do sujeito e com a posição subjetiva, muda as bases da elaboração ética. A doutrina dos fins cedeu lugar a uma teoria dos meios.

As revoluções modernas revelam a imposição de um plano que até então estava oculto. A economia surge a público e adquire voz, “prosperidade” e “desfrute” viram assunto político e aparecem como um dos grandes temas do direito. Efetivamente, a prosperidade emerge como um direito fundamental, inscrito na Declaração dos Direitos do Homem e reconhecido de maneira literal e expressa pelas diversas Constituições Republicanas.

A economia irrompe no discurso porque tendo sido nas suas origens uma atividade estritamente privada, transformou-se, com o correr da história, em um afazer rigorosamente social. Enquanto o advento do sujeito coincide com o surgimento de uma dimensão íntima sem precedentes, (subjetividade), a dimensão moral (as convicções políticas, religiosas e morais) passa a ser uma questão de foro íntimo e inviolável que sublinha a declaração dos “Direitos Humanos”. Há uma correlativa subversão de primeira ordem.

A ética se funde com o espaço íntimo, com a consciência moral, com as prerrogativas privadas do ser humano moderno: é o advento do sujeito do direito diluído no fluxo dos meios que determinam a conduta social. É uma revolução,

uma reviravolta: o que era público se fez privado e o que era privado se fez público.

Enfim, onde a política era, a economia passou a ser... Não houve surgimento, houve transposição: ali onde a economia era, a ética veio a ser. Ali onde os fins religiosos eram, os meios vieram a ser o suporte de suas práticas.

A partir destas analogias chegamos à análise da sentença do Friedrich Nietzsche em relação ao fenômeno religioso que permite fixar o impossível da ética contemporânea: “Deus está morto”... Enquanto isso, a consciência moral é um dos correlatos da suposição de que Deus não existe, ou no caso de existir – e é certo que existe em algum significante –, é inócuo para garantir a relação do saber. A vontade de Deus na economia é quase nula e no fim reduzida ao campo incidental. A partir da emergência da ciência e do modo científico de produção do saber a “Palavra de Deus” ficou reduzida a muito pouco e, no fim, limitada ao terreno da reflexão especulativa. Nisso reside a revitalização da Igreja Evangélica Pentecostal que pega esta questão como um combate simbólico contra estas forças “demoníacas” porque dividem o ser e luta por sua salvação.

Desse vácuo deixado pela modernidade surge de um novo iluminismo a necessidade de uma lei, de uma consciência crítica capaz de regular o acesso ao entendimento – dito em outras palavras: de razão pura tanto quanto ao ordenamento moral da experiência religiosa, uma razão prática. Uma razão crítica capaz de sancionar seu ato como propriamente moral e propriamente humano.

Desse vácuo surge o imperativo religioso de reeditar um nome que declara a relação de domínio que o imperativo em questão exerce sobre o eu. Mas também uma consciência paradoxal. Revela que as injunções do supereu

freudiano beiram o impossível “A lei insondável do supereu” não é senão a caricatura religiosa do direito em geral, dos ritos puramente formais que circulam o mundo do egoísmo, segundo Karl MARX, em **A questão Judaica** (1991:160). A lei insondável do supereu compreende o gozo, um desfrute sem nome. O curioso é que a prática desse direito se reduz ao exercício de um dever. Onde Deus teria sido, ergue-se uma injunção, uma exigência, uma imposição. Ela se insere no intervalo que se esboça entre o desejo e o gozo, entre o sujeito e o desfrute e é uma instância determinante da posição subjetiva na sua responsabilidade, do dever e à lei.

No cerne da estética, a Igreja Renascer em Cristo explora a música como um importante pilar. Investe “pesado” na formação de músicos clássicos, mantém uma competentíssima orquestra completa, um coral de até 80 vozes e usa de todas as formas a música, em alto volume, durante seus cultos. A música Gospel é a chave estética, o elemento catalisador das emoções nos rituais da Renascer. As letras e as melodias quase todas em tons maiores e com variações sempre melódicas visam tocar a sensibilidade do fiel, que quase sempre está em estado de êxtase de antemão pelos sermões extremamente emotivos do casal Hernandez.

O casal é uma dupla de comunicadores que se vale de uma exímia retórica que no seu discurso sempre eficaz atinge seus interlocutores. A escuta da gravação “Renascer Praise” é um exemplo de *catarse* religiosa, fé legítima e generosidade dos fiéis em consentir a “ilusão religiosa” e a “sedução estética”. As vivências religiosas não se desencadeiam somente por meio de interpretações da

Palavra, valorações e expectativas da mesma, senão que se ativam também estimulando ou sensibilizando os componentes não cognitivos aderindo-os às convicções religiosas.

A oração como ato do culto é um ponto forte da ação ritualística na Igreja Renascer que intenta, entre outras coisas, criar uma atmosfera favorável a uma disposição emocional de reação que logo se soma, mais ou menos conseqüentemente, ao conteúdo religioso. Nas vivências religiosas dos fiéis todo acorde convida a deixar em segundo plano a análise discursiva em benefício de uma disposição a concentrar-se na convicção e deixar que atue sobre eles a “força do Espírito”. Em tal convicção existem as seguintes conexões:

- 1) Tenta-se conceder mais espaço ao sentimento, isto é, suavizar a distância crítica, a censura do eu, a rejeição e controle da imposição do cotidiano e da convivência vigilante da autoridade, entregando-se com maior espontaneidade aos sentimentos emergentes, deixando-se influir mais fortemente por eles.

- 2) Procura-se quase sempre aumentar a disposição emocional de reação vivenciando no interior do templo o ato litúrgico da oração: reduz-se o estímulo dos incentivos meio ambientais e a vigilância frente a eles, para que a atenção possa deslocar-se mais firmemente do mundo exterior ao universo interior dos próprios pensamentos e às emoções que se desencadeiam.

3) Aumenta-se a sensibilidade emotiva quando se consegue dirigir a corrente de idéias e as concepções no interior para um só objeto, estreitar o campo da consciência e concentrar a atenção e disposição emocional de reação em um só conteúdo – focalizar, já que se trata de uma idéia, de um sentimento ou de uma expectativa.

Alcançam-se estas metas em virtude, por exemplo, do esforço em preservar o fiel em um conteúdo ou mantendo-o fixo em uma sentença mediante sua repetição regular, em lugar de dispersá-la para outras associações. A exemplo do *mantra*, a idéia consiste em possibilitar a permanência, uma das funções de exercitar a meditação de símbolos.

As práticas ritualísticas nos templos da Renascer colocam a ênfase nas formas de expressão não verbal que, ainda que configuradas em um determinado mundo cultural e diversamente interpretadas do ponto de vista cognitivo verbal, estão mais ou menos unidas à forma de expressão gestual e oral espontânea das emoções. Estas posturas corporais e estes gestos não provocam de forma automática os sentimentos. É sabido que podem ser executados de modo “teatral”, sem participação interior. Contudo, no ritual da Renascer propiciam-se este tipo de atitudes para facilitar as convicções religiosas, as motivações, as expectativas ou a disposição a reações já existentes ou suscitadas nesse mesmo instante, a possível expressão e a correspondente atividade expressivo-condutual e, desse modo, reforçá-las ou pelo menos mantê-las.

O canto e a música são a marca registrada da Igreja Renascer, bem como o recurso estético que recai na perspectiva dos fiéis, de sua interação com os componentes da conduta e da expressão das emoções. As vivências musicais são um enigma psicológico ainda não resolvido, mas existem argumentos a favor das seguintes suposições. Certas formas de música agem – com independência da situação anímica, das expectativas e dos hábitos de assimilação de cada indivíduo – estimulando o apaziguamento imediato às reações fisiológicas, provocando emoções tanto agradáveis como desagradáveis e reduzindo ou aumentando os sentimentos de temor.

Os modelos de expressão musical, a música ou o canto com determinadas características: melodia, ritmo, harmonia, timbre e sonoridade, podem provocar tristeza ou alegria, aumentar ou diminuir as preocupações e aderir a um texto determinado. Este influxo a modo de contágio talvez se apóie no fato de que os fiéis ouvintes percebem inconscientemente semelhanças com formas de conduta e manifestações de sentimentos básicas: passividade – tristeza; atividade – alegria; autoritarismo – afabilidade e com formas de expressão da voz humana involuntárias em boa medida, independentes da sociedade e cultura.

Assim, um coral ou um grupo de dança pode convidar a consentir emocionalmente os sentimentos contidos no texto ou na voz dos ministros do culto, sejam estes de confiança, de súplica ou de agradecimento.

Esta confluência entre as emoções ativadas pela música Gospel e a cognição religiosa apregoada pela Igreja pressupõe uma elevada dose de disposição às vivências do rito. A música, efetivamente, e as emoções que suscita podem vincular-se aos conteúdos tanto religiosos como profanos. Mas um dos

diferenciais da nova música sacra da Renascer consiste em um estilo *pop* que só se distingue das restantes deste gênero pelo texto e o contexto em que são tocadas ou interpretadas.

O gênero musical Gospel cresce cada vez mais no Brasil e a Igreja Renascer é pioneira neste tipo de música cristã que tem-se transformado em um fenômeno de mercado nacional e internacional. O *now – how* compreensivo da vida, que inclui elementos criativos, intuitivos e éticos, sintetizam-se nesta prática ritual, favorecendo o crescimento e a adesão dos fiéis.

Por último, a lógica que propõe a “teologia da prosperidade” representa para os fiéis da Renascer a aliança que Deus fez com os homens: “Faço aliança contigo e com tua posteridade, uma aliança eterna, de geração em geração, para que eu seja teu Deus e o Deus de tua posteridade” (Gêneses, 17,7). Tal aliança é depois reforçada por Cristo quando diz nos Evangelhos: “Buscai e achareis (...), pede e recebereis (...), bate e abrir-vos-á” (Lucas, 11, 9). As citações são consideradas uma garantia de que todos podem ter aquilo que realmente quiserem com fé. A mídia contra - ataca dizendo, isso inclui casa na praia, carro do ano ou importado, sucesso nos negócios e mesmo no amor. Não interessa se é um bem material ou espiritual. Você pode tudo, segundo a “filosofia” da Renascer. E se você quiser que isso se realize, faça um voto, crie para si um desafio e faça seu pedido.

O desafio faz quase sempre – insiste a mídia – com que o fiel se comprometa a pagar uma certa quantia por mês ou doar um certo valor à Igreja. Ao fazer tal doação, ao abrir mão de algo em troca de outra coisa que você

almejaria com tanta fé, isso mostraria ao Universo – a Deus – que seu desejo deve ser entendido como uma ordem. E Deus é fiel e cumpre o que promete, afirma o texto da Revista Veja, extraindo as palavras da Igreja Renascer e usando-as em tom irônico.

A Teologia da Prosperidade é considerada um desdobramento do fundamentalismo norte-americano que, após a crise de 29 – Guerra Fria, reorienta sua ética a favor de uma maior participação na esfera pública devido ao aumento de seu contingente e a seu peso eleitoral para orientar suas práticas na doutrina do *Milenarismo*, calcada em uma perspectiva escatológica. Desenvolvida de duas formas a primeira é chamada de *pós - milenarista* que consiste na crença de que, se os fiéis adotam uma ética solidária durante mil anos, Jesus voltaria para julgá-los e premiá-los, daí sua ênfase na ajuda mútua, na devoção e na filantropia. Esta compreensão foi aos poucos sendo considerada utópica, a partir da qual surge a segunda corrente interpretativa: o *pré - milenarismo*. Nessa versão não cabe aos crentes tentar melhorar a situação do mundo, já que a decadência faz parte dos planos de Deus. A ruína precede a segunda vinda de Cristo, que virá para conduzir os “eleitos” ao céu e depois retornará para com eles dominar a Terra, para julgar e castigar os infiéis e premiar os crentes fiéis ao Evangelho. Isto explica a recusa às políticas sociais, pois os males sociais são vistos como castigo divino. É desta corrente que surge uma outra variante mais radical, a “Teologia do Domínio” que pretende transformar o mundo por meio das elites dirigentes; para tanto, deve-se conquistar o poder por meio de suas instituições oficiais, mas, sobretudo, formar as elites do futuro. Por isso, além de investir nas chamadas

“Igrejas eletrônicas”, criam centros de formação empresarial e escolas para “educar” e profissionalizar os jovens em disciplinas e conteúdos seculares, com o intuito de que estes resistam à sedução da modernidade, o que lhes garantiria uma vitória cultural.

Também, a Teologia da Prosperidade recebe o nome de “Confissão Positiva” e teve sua origem na década de 40 nos Estados Unidos, sendo reconhecida como doutrina na década de 70 quando se difundiu no meio evangélico. Possui um forte cunho de auto-ajuda e valorização do indivíduo, acrescentando crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé através da confissão da “Palavra” em voz alta e “No nome de Jesus” para o recebimento das bênçãos almejadas. Por esta razão, o fiel da Igreja Renascer compreende que tem direito a tudo de bom e de melhor que a vida pode oferecer – “De bem com a Vida”: saúde, riqueza material, poder para subjugar Satanás, uma vida plena de felicidade e sem problemas.

Em contrapartida, do fiel se espera que não duvide do recebimento da bênção, porque isto acarretaria em sua perda, bem como o triunfo do Diabo. A relação entre o fiel da Renascer e Deus ocorre pela reciprocidade, o cristão semeando através de dízimo e ofertas e Deus cumprindo suas promessas.

O crescimento do movimento religioso de inspiração pentecostal no Brasil é um dos fenômenos culturais mais surpreendentes da atualidade: de um contingente que se apresentava como uma subcultura avessa à exposição pública, hoje sua presença se destaca não apenas no que diz respeito a seu contingente numérico, mas principalmente por sua visibilidade nos meios de comunicação social.

O movimento pentecostal exerceu, desde suas origens, forte atração sobre as camadas pobres, inaugurando uma prática ritualística singular, diferenciando-se da ética tradicional tanto do catolicismo como do protestantismo histórico. Neste movimento, os poderes sagrados encontram-se distribuídos de forma horizontalizada, levando à rotinização do carisma; a soberania de Deus é compartilhada pelos fiéis; o Diabo se vê cotidianamente confrontado pelos membros da comunidade; e o ideal de pobreza e humildade, impresso literalmente no Evangelho, é rejeitado a favor de uma nova lógica em que a felicidade e o bem estar são esperados já nesta vida, baseada na Teologia da Prosperidade. Segundo esta doutrina, aqueles que não logram sucesso nos seus empreendimentos devem procurar respostas de caráter individual, e não social ou político. Só o trabalho e a “posse” dos bens e a solidariedade entre os seus podem garantir uma sociedade igualitária.

Esta posição da Igreja Renascer, ainda que elitista, prefigura a cosmovisão política dos neopentecostais, independentemente de sua classe social. Isso porque, a respeito do voto corporativo, da criação de alguns partidos confessionais e do estridente discurso anticomunista, os neopentecostais não possuem uma visão positiva com respeito ao papel do Estado, nem sequer sobre política. Nem a filantropia é levada tão a sério, pois os excluídos devem recorrer diretamente ao poder sobrenatural. Nada devem a estas instituições que freqüentemente são vistas como forças do maligno, como vimos em algumas das reclamações por ocasião da suspensão da Marcha para Jesus ou da prisão decretada pelo Ministério Público dos líderes da Renascer.

Disto surge o menosprezo e desinteresse para com as ideologias seculares, sob a argüição de que seu governo não é deste mundo. Ademais, sua experiência concreta não é, de modo geral, de quem vê seus direitos garantidos, mas pelo contrário são sempre motivo de suspeita e, no caso da bispa Sonia Hernandez e do apóstolo Estevam, réus confessos de estelionato, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro.

Em virtude de tais configurações, as lideranças neopentecostais freqüentemente se dispõem a negociar seu apoio político, seja com a esquerda ou com a direita, para que se apresentem suas reivindicações imediatas em troca da adesão de seus fiéis. Justamente aí reside seu poder: apresentar-se como uma reserva moral a ser conquistada pelos que disputam a liderança política e o instável mercado da opinião pública. Salientamos, no final deste capítulo, a importância que teve situar a idéia do expansionismo doutrinário da Igreja Renascer no esteio de uma ética na qual se fundam os princípios doutrinários da fé, da estética nas qualidades do sentir e da expressão do fiel que participa do ritual religioso, e da lógica como um novo plano do fiel para a ação econômica, política e social que lhe permita fazer de sua vida espiritual uma apologia ante o contra-ataque persistente da mídia.

Considerações Finais

O fenômeno religioso na mídia televisiva – mediações ritualísticas da Igreja Renascer em Cristo procurou estabelecer os princípios da experiência religiosa que mobilizam todos os setores sociais nos quais a mídia, principalmente a televisão, tem um papel preponderante para determinar os modos de subjetivação e o comportamento dos receptores. A partir das mediações comunicativas de caráter ritual examinou o caso da Igreja Renascer em Cristo que através da Rede Gospel de Televisão divulga vivências da fé para seus telespectadores, entrando definitivamente na era da informação com formatos discursivos bem diferentes das velhas práticas da tradição cultural religiosa. Mas, os acontecimentos mais recentes que deixaram os fundadores e líderes da Igreja Renascer no âmbito da discussão na esfera pública, suscitou a possibilidade de analisar os fundamentos da ética, da estética e da nova lógica na qual se inscreve esse fenômeno religioso.

Esta Dissertação partiu do pressuposto que as práticas ritualísticas encontram sua base no mito ou nas formas simbólicas da linguagem que a mídia costuma usar para atingir seus receptores. A televisão, sendo a mídia de maior alcance às massas e um veículo informativo eficaz em termos de “penetração”, também explora a experiência religiosa como eixo de sua temática discursiva e como uma estratégia mercadológica. Observamos no decorrer da pesquisa o quanto se aproximam as práticas televisivas das práticas religiosas, sejam pelo viés da retórica discursiva, seja pelo viés do tratamento dado às imagens que recriam o imaginário cultural dos telespectadores. No entanto, o ponto que nos

pareceu mais relevante nessa analogia, é o interesse da televisão e da Igreja em causar efeitos receptivos com o fim de ganhar adeptos.

O título deste trabalho mudou na fase do fechamento, pretendíamos centrá-lo em um programa só “De bem com a vida”, conduzido pela bispa Sonia Hernandes e explorar duas questões interessantes nesta líder da Renascer: primeiro, a ascensão dela à hierarquia eclesial que sempre foi patrimônio dos homens; segundo, o traço feminino no poder por uma questão de atualidade. Renunciamos a este foco, uma vez que o próprio fenômeno religioso nos ocupou muito tempo ao tentar estabelecer a base teórica do mistério humano das práticas religiosas que encontraram ressonâncias instigantes não só nela como na figura do casal Hernandes que protagoniza um dos episódios mais controvertidos da imagem das Igrejas neopentecostais no Brasil que aderiram à chamada Teologia da Prosperidade. Por isso, a imagem da Igreja Renascer em Cristo aparece no subtítulo, reforçando a idéia da analogia anteriormente anunciada entre as mediações ritualísticas da Igreja e da Mídia em um confronto ímpar, dos fins e dos meios.

Os procedimentos metodológicos empregados começaram com um exaustivo levantamento bibliográfico sobre o fenômeno religioso e suas implicações do ponto de vista da ciência. Nesse sentido, os estudos fenomenológicos nos serviram como base para abordar esta questão. Partimos da fenomenologia, por entender sua proximidade com a experiência e o sentido que se ancoram na subjetividade do ser humano, passando pela experiência da percepção e definindo-se objetivamente na ação deliberada que se dá no tempo e no espaço da experiência. Este nos pareceu o caminho mais acertado para entrar

no campo religioso, mesmo reconhecendo todo o legado mito-poético da tradição bíblica que sempre foi um ponto alto na apreensão que as Igrejas evangélicas fazem na sua pregação e da vivência das condutas morais.

Consideramos que sendo o suporte televisivo o espaço das representações de tal fenômeno, precisávamos descrever analiticamente a proposta da Igreja Renascer em Cristo, veiculada pela Rede Gospel de Televisão nos seus programas e com este fim, decupamos algumas das entrevistas idas ao ar em que a intervenção dos líderes, ministros da “Palavra” feita mensagem, recriava de modo planejado os fundamentos doutrinários de sua pregação.

Adaptamos este modelo de comunicação ao nosso objeto de estudo sob três categorias: transmissão da mensagem, a mensagem e a recepção, sendo esta última a mais importante para referirmos ao surgimento do fenômeno religioso ligado às práticas ritualísticas, apresentadas na televisão de grande alcance às massas em termos de efeitos receptivos. A mensagem veiculada é a “salvação” que, na prática desse dispositivo, procura alcançar adesão por parte dos fiéis telespectadores.

O contexto comunicacional da reprodução simbólica no qual a Igreja Renascer situa suas práticas ritualísticas, nos permitiu caracterizar um cambio na conduta dos fiéis evangélicos, orientados outrora pela censura e a repressão, que definia as mediações entre a produção de saber religioso e sua difusão na sociedade – agora mudaram graças aos efeitos da modernidade. Em princípio havia uma enorme desconfiança sobre os novos meios e uso dos mesmos a serviço da difusão das mensagens evangélicas, mas as transformações sociais e tecnológicas da reprodução eletrônica e digital permitiram à Igreja dar um enorme

salto, as chamadas, Igrejas eletrônicas. Após esta fase importante pela qual passaram as Igrejas pentecostais, estas começam a acreditar que a tecnologia pode resolver os problemas da ação evangélica no mundo.

Desta forma, pudemos constatar que a relação da Igreja com a mídia acontece no cenário cultural no qual se realiza a evangelização na contemporaneidade. O diálogo entre a fé evangélica e a cultura midiática abre novas frentes para a discussão do fenômeno religioso que afeta a sociedade. Formas de expressão religiosa podem ser vistas e interpretadas nos novos altares que são erigidos para ela e no contexto de uma sociedade de consumo e do espetáculo.

Inferimos que, nas bases onto e filogenéticas do fenômeno religioso, o rito tem um caráter fundacional na cultura, tais práticas são da ordem do imaginário, no qual o indivíduo constrói a imagem de Deus. O caráter simbólico da Palavra na qual o crente evangélico funda seus princípios fornece o material suficiente para nela basear seu comportamento; é por isso que a religião é uma “ilusão necessária” e as práticas religiosas atos reiterativos que amortecem a angústia existencial daqueles que as praticam em favor de sua saúde psíquica e mental.

Discernimos a função da televisão no contexto sócio – cultural para saber que: o caráter democrático da televisão pode manter o crente informado do que acontece no mundo, fortalecendo o traço de equidade e igualdade no acesso à vida pública e proporcionando lazer na esfera privada do lar, mas ao mesmo tempo pode ser um fator importante de alienação. No âmbito da Igreja Renascer a televisão representa um meio eficaz para alcançar o fim da fé que consiste transmitir a mensagem de salvação, mas também o aparelho que pode corromper

a alma do crente quando não bem orientado na doutrina – mensagem, ou deturpada pela mídia.

Insistimos de como a sociedade é estruturada de acordo com os princípios da cultura midiática, que prevalecem neste espaço graças à expansão quantitativa dos meios e à diversidade de ofertas seja de consumo ou de espetáculos ao alcance do telespectador, influenciando nos comportamentos, percepções, sentimentos, idéias e valores que este cultiva. Esse crescimento vertiginoso do setor enaltece a produção, circulação e difusão de bens simbólicos no qual o fiel telespectador encontra uma oferta que pode ou não vir a satisfazer sua demanda.

Para abordar a ritualização a partir do fenômeno religioso na sua base mais original usamos as categorias da sacralização do tempo e do espaço sagrado, sendo o primeiro uma celebração festiva possível de ser vivenciada no templo destinada ao culto. E, no caso da Igreja Renascer tais práticas religiosas podem ser vistas na religiosidade flutuante sedimentada no ecletismo e sincretismo, na religiosidade globalizada com estratégias locais que apontam para sentidos flexíveis e para dispositivos de “telectura” e contratos de salvação.

A estrutura enunciativa dos programas da Renascer foi analisada nas entrevistas dos fiéis telespectadores que falavam de seus problemas, testemunhando sua transformação e mudança de situações contingentes de “pecado”, desvio da conduta moral proposta pela Igreja em nome do Evangelho e que o apóstolo Estevam ou a bispa Sonia Hernandez com alocações rituais capazes de exorcizar em nome de Jesus Cristo, tal o poder mediador destes ministros da Palavra. Com isto, descrevemos a proposta televisiva que incluía o Espaço Renascer, a Escola de profetas, a Bíblia em debate, o Clip Gospel e o

sugestivo convite: Venha a Renascer para ficar “De bem com a Vida”. Este último Programa nos forneceu um dispositivo de quadros que examinamos na sua narrativa de abertura, na entrevista a testemunhas, na proposta de artesanato, culinária, infantil, no pensamento do dia e na Hora da concordância, momento de oração com a palavra do dia, o salmo da manhã, aconselhamento a todos e com a oração do Pai Nosso.

Nessa intercessão entre o fenômeno religioso e a mídia televisiva, caracterizamos os efeitos receptivos desta última com o propósito de indagar sobre as ressonâncias do primeiro e falamos da dissolução da realidade direcional da consciência do receptor, do mundo das aparências e da repetição em que o imaginário televisivo funda seu interesse, assim como da norma objetiva da fé que arrisca no uso desse universo ficcional. Criticamos o modelo ao referirmos à insensibilidade da consciência em relação aos valores, principalmente os religiosos, frente à falta de julgamento diante de mensagens de teor persuasivo que evitam o comprometimento do telespectador, limitando seu papel e uma mera representação. Tudo isto em função da hiper-realidade e da sociedade do espetáculo que veio a se instaurar na cultura através de uma linguagem híbrida em que emissor, canal, gênero, programa, programação e panorama televisivo se misturam criando um imaginário televisivo em que figura, forma e imagem operam com argumentos retóricos com o fim de mostrar, interagir e seduzir o receptor.

Reconstruímos a imagem da Igreja Renascer em Cristo começando por estas constatações que recopilamos de programas gravados e de uma série de reportagens noticiados pela mídia impressa ao referir-se ao impacto da prisão dos líderes e fundadores Estevam e Sonia Hernandes. Destacamos, antes de

empreender esta tarefa, como a mídia de um modo geral coloca-se como um “espelho da realidade”, mas renunciamos a esta metáfora em função de defini-la como um conjunto de narrativas contemporâneas capazes de influenciar tanto a formação da subjetividade quanto de determinar o comportamento dos receptores. Seja pela forma em que influencia a percepção da realidade, os princípios de seleção ou os critérios de avaliação da mesma, a mídia desvendou, no caso da Igreja Renascer, os interesses que havia por detrás dos fundadores ao erigir a Torre de televisão, ao organizar a Marcha para Jesus e ao protagonizar no Templo o ato de ritualização de suas práticas religiosas.

A torre de televisão da Rede Gospel nos serviu para interpretá-la como um símbolo do capital simbólico da instituição, um meio a favor do projeto de evangelização que sob a consigna “Deus é fiel” pretende conquistar o Brasil para Jesus. A inspiração da Igreja nos permitiu a leitura de Babel, um desejo de poder que encontrou na experiência de Pentecostes seu maior grau de comunhão, na vivência de amor da comunidade de crentes. Nesta tentativa da Renascer de sintonizar com seu tempo pelo viés das comunicações e enunciar seu projeto de salvação vemos embutido um velho preceito moral: a renúncia aos bens materiais em prol da espiritualização.

Já a Marcha para Jesus nos sugeriu uma saída da Igreja Renascer neste evento de multidões para louvar, adorar e fazer de seu ritual um espetáculo aberto no qual o protagonismo cabe ao fiel peregrino em busca de um ideal, encarando uma luta, um combate ou cruzada para a espiritualização da cidade de São Paulo.

O templo que tivemos a oportunidade de visitar é o espaço das práticas rituais por excelência, um reflexo do céu para os crentes da Igreja Renascer, o

lugar da presença real de Deus e Jesus Cristo, representado pela figura contemporânea do Espírito Santo que mobiliza a comunidade em oração de modo efervescente, ao saber-se “escolhida” para perpetuar a eterna aliança entre o céu e a terra.

A questão ética e moral no foco da Igreja Renascer em Cristo nos serviu para analisar quais foram as repercussões que teve a prisão dos fundadores acusados de estelionato, lavagem de dinheiro e falsidade ideológica: o contra-ataque da mídia através de uma bricolagem de reportagens vistas segundo o Direito Constitucional que defende a manifestação livre do pensamento e das crenças religiosas. Nesse sentido, o código de ética da Renascer se funda no Evangelho e a sua jurisprudência na ação retórica de seus líderes que, uma vez presos, causaram um estado de perplexidade e indignação por parte da opinião pública. O clima tem sido constrangedor durante todo este tempo em que o casal Hernandez responde às acusações imputadas pela mídia e às investigações que envolvem o nome da Igreja e seus representantes.

O problema, segundo a nossa análise, está nos critérios da missão de uma instituição religiosa, seja do ponto de vista dos valores ou do comportamento dos líderes que encarnam saberes operativos, objetivamente avaliados pela mídia em que, de uma maior ou menor adequação a fins previamente fixados na doutrina pregada em púlpitos, são submetidos a critérios da máxima eficácia instrumental na relação: meios e fins.

Nesta última acepção, ensaiamos, sob o título “A apologia dos fins e o contra-ataque dos meios”, o pressuposto fundamental desta Dissertação: o meio televisivo, a fé como fim e a recepção como a estrutura significativa na qual se

desbrava o processo de comunicação. Para isto, estabelecemos a relação entre as práticas ritualísticas da Igreja Renascer em Cristo e as ciências normativas na seguinte analogia: o ético do expansionismo doutrinário; o estético da música Gospel e o lógico que marca os princípios da Teologia da Prosperidade.

No eixo da ética sublinhamos as transformações do valor religioso que, usando o corpo como principal mediador com a realidade, vai adquirindo conotações de caráter econômico, advindas originalmente do sacrifício, medida de ação simbólica que garante a proteção e a comunhão com o divino, passando pelas contingências do erro, do castigo e da punição. Tudo isto na trajetória institucional que define o controle da Igreja, do Estado e da Mídia, sendo a subjetividade a causa e a objetividade o efeito do fenômeno religioso no novo regime das mediações comunicativas: simbólicas, rituais, institucionais e tecnológicas. Ali onde os fins religiosos eram, os meios vieram a ser o suporte de suas práticas.

No eixo estético, a música Gospel tem um papel preponderante não só por ser uma interpretação da Palavra senão porque estimula a sensibilidade e predispõe para viver as práticas rituais com disposição emocional. O rito da Igreja Renascer em Cristo no templo sempre foi o espaço do sentir, a abertura do fiel para a ação do Espírito Santo no interior do templo e o aumento da sensibilidade emotiva para um objeto exterior que estreita o campo da consciência para uma idéia, um sentimento e uma expectativa.

No eixo da lógica, da nova lógica pautada nos princípios da Teologia da Prosperidade observamos que o fiel da Renascer se sente firmando uma aliança com Deus e Jesus Cristo na qual ele pode ter tudo o que ele quiser porque

participa solidariamente e com devoção do mistério consentindo com sua fé as verdades no templo anunciadas, por isso que resiste à sedução da modernidade e à manipulação da mídia, do poder ideológico imperante que vê como a encarnação do próprio Demônio a quem tem que vencer em fervoroso combate.

Acreditamos que estes estudos possam ter continuidade, devido à vigência do fenômeno religioso e à influência da mídia televisiva na área da cultura midiática, porque se trata de uma contribuição sobre os processos de mediação das linguagens que dinamizam modalidades comunicativas dos telespectadores nos atos de recepção de mensagens midiáticas.

BIBLIOGRAFIA

ADAMI, Antônio; HELLER, Bárbara; CARDOSO, Haydée Dourado de Faria (orgs).

Mídia, Cultura, Comunicação.2. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

ADORNO, Theodoro. **Teoria Estética.** . São Paulo: Martins Fontes, 1970.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BALOGH, Anna Maria; ADAMI, Antônio; DROGUETT, Juan; CARDOSO, Haydée Dourado de Faria (orgs). **Mídia, Cultura, Comunicação.** São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

BARTHES, Roland. **Como Vivis Juntos** – Simulaciones Novelescas de Algunos Espacios Cotidianos. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

BERLO, David Kenneth. **O Processo da Comunicação.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIRNAN, Joel. **Mal estar na atualidade.** Rios de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BOFF, Leonardo. **Igreja: Carisma e poder.** Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

_____. **O rosto materno de Deus.** Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CASSIRER, Ernest. **A filosofia da forma simbólica.** vol. I-II São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAMPOS, Leonildo. **Teatro, templo e mercado**; organização e marketing de um empreendimento pentecostal. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CARNEIRO, Marcelo. “Dólar até na Bíblia”. Revista **Veja**. São Paulo: Abril, ano 40 – nº 2, 17/01/07, pp. 48.49.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHAMPION, Françoise. “Religiosidade flutuante: ecletismos e sincretismos”, IN: DANIELOU, Jean (org). **As grandes religiões do mundo**. Lisboa: Preseça, 2002.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CUNHA, Paulo Ferreira da. **Direito Constitucional Geral – Uma Perspectiva Luso-Brasileira**. São Paulo: Método, 2007.

DANTAS, Edina. “Os caloteiros da fé”. **Revista Época**. São Paulo: Globo, edição 209, 20/05/2002.

DANTAS, Edina e MANSUR, Alexandre “Onde está o dinheiro?” **Revista Época**. São Paulo: Globo, edição 210, 27/05/2002.

DELGADO, Manuela Canton. “Religiones globales, estrategias locales: usos políticos de las conversiones en Guatemala”, IN: **Estudios sobre las culturas contemporâneas**. Ano – vol. 10 número 19. Colima: Universidad de Colima, 2004.

DEBRAY, Régis. **Vida e Morte da Imagem – história do olhar no ocidente**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DILTHEY, Wilhelm. **Teoria das Concepções do Mundo**. Lisboa: Edições 70, 1992.

DORON, Roland & PAROT Françoise. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Ática, 1998.

DROGUETT, Juan Guillermo. **Desejo de Deus: diálogo entre psicanálise e fé**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. **Ética** – uma griffe do ser humano sempre na moda. IN: Revista Griffe. Vol. 6. Jundiaí / São Paulo: Max Print, 2006.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História de Las Religiones**. Cidade de México: Ed. Biblioteca Era, 1991.

_____. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FACCIO, Maria da Penha Rocha. **Religião na TV: estudo de casos de redes brasileiras**. Dissertação (de Mestrado), PUC, São Paulo, 1998.

FANTINI, João Angelo. “Imagens do pai no cinema desta passagem de século: encenações da agressividade estrutural em suas manifestações sociais como violência”. Tese de doutorado em Comunicação e Semiótica. PUCSP. 2002.

FAUSTO NETO, Antonio. “Dispositivos de telecura e contratos de salvação” IN: **Comunicação mídia e consumo**. Escola superior de propaganda e marketing. Vol. III número, 6. São Paulo: Março, 2006.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Atos Obsessivos e Práticas Religiosas**. O.C., vol. IX, 1907.

_____. **Totem e Tabu**. O.C vol. XIII, 1913.

_____. **O futuro de uma ilusão**. O.C., vol. XXI, 1927.

_____. **O mal-estar na civilização**. O.C., vol XXI, 1929.

- GADAMER, George. **Verdade e método**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.
- GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- HUSSERL, Edmund. **A Idéia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- KRISTEVA, Julia. **El Porvenir de la Revuelta**. Buenos Aires/México: Fondo de Cultura Econômica, 1998.
- LAGO, Benjamim Marcos. **Dinâmica Social: Como as sociedades se transformam**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LATOURELLI, René; FISICHELLA, Rino. **Dicionário de Teologia Fundamental**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicolas. **Uma historia do corpo na idade média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Muito além do jardim botânico**. São Paulo: Summus, 1985.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1998.
- MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARIANO, Ricardo. “Os pentecostais e a teologia da prosperidade” IN: **Novos Estudos**. São Paulo: CEBRAP, 1996.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTINO, Victor. “Entre a cruz e a cadeia”. Revista **Veja**. São Paulo: Abril, ano 39 – nº 48, 6/12/06, pp. 90-92

MARX, Karl. **A questão judaica**. São Paulo: Moraes, 1991.

MC LUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix , 2002.

MELO, José Marques de. “Igreja e Comunicação”. IN SOARES, Ismar; PUNTEL, Joana (org.) **Comunicação, Igreja e Estado na América Latina**. São Paulo: UCBC – Paulinas, 1985.

MELO, José Marques de e ADAMI, Antonio (orgs). **São Paulo na Idade Mídia**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____ **Ciências do Homem e Fenomenologia**. São Paulo: Edição Saraiva, 1973.

MESLIN, Michel. **A Experiência Humana do Divino** – fundamentos de uma antropologia religiosa. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

MEZAN, Renato. **Freud pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NASCIMENTO, Geraldo Carlos do. **A Intertextualidade em atos de comunicação**. São Paulo: Annablume, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e do Mal** – Prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Editora Schwarcz, 2005.

_____ **Humano Demasiado Humano**. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2003.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Manual de Direito Penal** – Parte Geral – Parte Especial. São Paulo: Editora Revista Dos Tribunais Ltda, 2007.

PADILLA, René. “Los evangélicos:nuevos actores en el escenario político latinoamericano. IN: **De la marginación al compromiso**. Quito/Ecuador:FTL, 1991.

PUNTEL, Joana T. **Cultura Midiática e Igreja** – uma nova ambiência. São Paulo: Paulinas, 2005.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro**. Campinas/São Paulo: Papyrus, 1991.

VESCHI, Luiz Jorge. **Morte de Deus e o Assassinato do Pai**. (Freud e Nietzsche). Rio de Janeiro: Editora Butiá, 1996.

WEBER, Max. **A ética Protestante e o capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1985

WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público**. São Paulo: Ática,1996.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler (org). **O Futuro e a Ilusão**: um embate com Freud sobre psicanálise e religião. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

ZIZEK, Slavoj. **Arriesgar lo imposible**. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)